

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos

Director-adjunto Fernando Piteira Santos

TERMINOU ENCONTRO EANES-NETO

Libertação de presos discutida em Bissau

BISSAU, 26 (Por Daniel Reis, enviado especial do «DL») — Libertação dos portugueses detidos em Angola e exacta definição da sua situação jurídica e consequente assistência judiciária — trata-se, na sua maior parte, de presos de delito comum — constituiu o ponto prioritário da posição portuguesa apresentada ao presidente Neto em Bissau.

Do lado angolano, as preocupações dominantes relacionam-se com a resposta de Ramalho Eanes à movimentação de forças adversas ao MPLA em Portugal e o tácito consentimento que por vezes o Governo português lhes concede para terem voz pública e se organizarem politicamente.

O comunicado final das conversações entre Portugal e Angola com o beneplácito da Guiné-Bissau deverá apenas ser distribuído pela tarde de hoje. Mas o próprio Ramalho Eanes se referiu ontem quase expressamente à questão dos presos portugueses em Angola, que segundo algumas fontes aqui em Bissau, se aproximariam de três centenas e meia, tendo o ministro Sá Machado afirmado aos jornalistas que este foi o ponto prioritário incluído por Portugal na agenda das conversações.

Outras questões como a da Cooperação, foram abordadas, tendo sido decidido assinar mais tarde numa das capitais (Lisboa ou Luanda) o Acordo Geral de Cooperação já rubricado sábado passado em Luanda por uma delegação portuguesa. A parte angolana, antes da assinatura e posterior ratificação, entende necessário submetê-lo primeiro à apreciação do Bureau Político do MPLA e do Governo. «Mas podem estar certos de que será assinado» — garantiu Paulo Jorge aos jornalistas portugueses.

O contencioso financeiro deverá ser resolvido caso a caso por comissões especializadas, agora que os passos políticos



«Será possível eliminar rapidamente situações perturbadoras da harmonia nas nossas relações»

principais foram dados. As conversações acabaram por se prolongar e ultrapassar mesmo as expectativas, tendo alguns assuntos sido aprofundados mais do que se esperava.

É seguro que os dois presidentes e as respectivas delegações não se quedaram em generalidades, tendo avançado bastante



«O povo angolano fará tudo o que for necessário para uma prática de cooperação e amizade com Portugal»

em acções como a do lançamento de Cooperação. Daí que, o regresso do general Ramalho Eanes, em princípio previsto para as 9 horas de hoje, tenha sido protelado, muito provavelmente para as 14 horas, efectuando-se mais uma reunião antes do almoço.

No momento em que estabelecemos este último contacto

com o «DL», os presidentes devem estar ainda reunidos num derradeiro encontro, após o que deverá ser divulgado um comunicado.

Ontem as conversações dobraram-se em dois períodos: da parte da manhã, presididas por Eanes e Neto, à tarde presididas pelos ministros dos Negócios Estrangeiros.

A dr.ª Manuela Eanes, aproveitou a manhã para assistir à missa na catedral de Bissau, almoçando depois com a esposa de Agostinho Neto. Por sua vez, Ramalho Eanes recebeu a visita de uma criança guineense que apadrinhara quando aqui prestou serviço militar. À noite, Luís Cabral ofereceu um banquete oficial aos seus dois hóspedes de honra, discursando os três presidentes. Todos eles realçaram o significado deste encontro, e o facto de, na sua base, estar o 25 de Abril e o Portugal que então se reencontrou.

Foi sublinhada também a vontade política de Eanes e Neto em ultrapassarem os conflitos dos dois países.

Os presidentes de Portugal e Angola realçaram o papel de Luís Cabral para que a reunião fosse possível, e tivesse o sucesso que está à vista.

Já noite dentro, a partir das 23 horas, os presidentes, as delegações e o corpo diplomático, no salão do III Congresso do PAIGC, assistiram a um espectáculo cultural preenchido totalmente com o ballet da Guiné-Bissau representando a história de Okirka Bampa que conta a luta do povo das ilhas sob direcção de uma rainha guerreira que ocupação colonial.

Homenagem a Bento Caraca apoiada por 200 dirigentes sindicais

Cerca de 200 dirigentes sindicais do distrito de Lisboa subscreveram um apelo a todos os trabalhadores do distrito para que participem na homenagem à campa de Bento de Jesus Caraca, na altura em que passam 30 anos sobre a data do seu falecimento.

Os dirigentes sindicais pretendem assim que a figura do grande democrata, cientista e pedagogo, filho de trabalhadores rurais alentejanos, que toda a sua vida se manteve fiel ao povo donde proveio, seja devidamente comemorado. Para tal, apelam para que os trabalhadores se concentrem às 18 h, do dia 27, na Rua Almeida e Sousa, donde partirá um desfile até ao cemitério dos Prazeres.

Subscrevem, entre outros,

este apelo os seguintes dirigentes sindicais: José Ernesto Cartaxo, Manuel Condeias, Manuel Rafael, Floribal Lança, Vítor Hugo Sequeira, Alves Pinto, Armando Teixeira da Silva, Dias da Silva, Kalidas Barreto, Carlos Silva, José Luís Judas, César Oliveira, Torres Couto, Alice Rocha, Canto e Castro, Álvaro Branco, Manuel Lopes, João Cruzeiro, Marília Viterbo, João França, José Luís Caneca, José Encarnação, Henrique Duarte, Ruben Rolo, Adalberto Ribeiro, Antero Martins, Alberto Gonçalves, Carlos Trindade, Rogério Torres, Mário Figueiredo, Alberto Dinis, Joaquim Venâncio, Augusto Avelar, Helder Pinheiro, António Nunes, Clara Magro, António Quintas, Maria Odete Costa, Ramiro de Freitas e Carlos Carvalho.

Mais noticiário na pág. 5

Congresso do MDP avança novo projecto de sociedade

No documento ontem aprovado no último dia dos trabalhos do Congresso, «O MDP-CDE na Revolução Portuguesa», o Movimento Democrático Português concluiu que deverá desenvolver a sua intervenção como «partido político que se identifica com as aspirações e os interesses do Povo Português, num projecto de sociedade democrática, «não como um partido de classe, mas como um partido que aglutina os sectores sociais que, para além de eventuais divergências secundárias, possam ser conquistadas por um projecto global de transformação da sociedade portuguesa».

O MDP-CDE que, como já referimos sábado passado, deliberou concorrer às próximas eleições legislativas, sem pôr contudo em causa a Aliança Povo Unido, elegeu ontem também novos dirigentes, com relevo para José Tengarrinha (presidente da Comissão Nacional) e António Galhordas, Herberto Goulart, Luís Catarino e Raul de Castro, todos vice-presidentes. Destaque ainda para o telegrama que Agostinho Neto enviou a Tengarrinha, afirmando a sua solidariedade e do povo angolano ao povo português na luta contra os inimigos da democracia portuguesa.

Pág. 6

Futebol: título e Taça

Em Buenos Aires, o mundial de futebol deu o último pio: título na Argentina, lugar prateado para a Holanda, Brasil com as medalhas de bronze. F. Assis Pacheco e L. Miranda Rocha, que televisaram os dois jogos derradeiros, fazem crí-

tica na pág. 15.

No Jamar, a finalíssima da «Taça» foi prémio para o Sporting que lá marchou até à grande muralha com o triste e banal símbolo federativo. Neves de Sousa conta (pág. 16) como foi a coisa.



A melhor ganhou em Madrid

Nora Araújo arrebatou, em Madrid, o «record» ibérico do pentatlo. Filha de um português e de uma alemã, a campeã benfiquista está de olhos postos no europeu de Atletismo, marcado para Praga (pág. 17).

Moçambique: três anos de independência

O terceiro aniversário da independência da República Popular de Moçambique (25 de Junho de 1975) é assinalado esta noite em Lisboa com uma sessão pública no Teatro S. Luís, a partir das 21 e 30, com a participação do embaixador Armando Panquene que fará uma intervenção, juntamente com Silva Graça, da Associação de Amizade Portugal-Moçambique, entidade promotora da evocação.

Haverá ainda a projecção de um filme sobre o terceiro congresso da Frelimo (Fevereiro de 1977) e uma sessão de canto livre com Luis Cilia e a Brigada Vítor Jara.

Entretanto, o Comité Central do PCP, assinalando o 3.º aniversário da independência da RPM, enviou «calorosas saudações de combate» ao presidente Samora Machel, ao Comité Central da Frelimo, a todos os militantes e ao povo da RPM, manifestando ainda a sua solidariedade na luta do povo da RPM «contra as manobras e agressões do imperialismo».

ÍEMEN

Assassinado o presidente do Norte tentativa de golpe de Estado no Sul

O presidente do Iémen do Norte, tenente-coronel Ahmad Al Gachmi, foi assassinado sábado no seu gabinete na sede do Estado-Maior das Forças Armadas do Iémen do Norte, pela explosão de uma muleta-armadilha que, segundo afirma o Ministério dos Negócios Estrangeiros daquele país, era transportada por um emissário oficial do Governo do Iémen do Sul, cuja missão era abordar certos problemas existentes entre os dois países.

Apesar das acusações feitas pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros do Iémen do Norte — «o crime foi perpetrado pelo Governo do Iémen do Sul» —, o Governo deste país desmentiu, ontem, categoricamente as suas

implicações no assassinato de Ahmad Al Gachmi, tendo o primeiro-ministro não só verberado um crime mas também endereçado uma mensagem de condolências ao presidente do Conselho Presidencial do Iémen do Norte, conselho esse nomeado sábado e constituído por quatro elementos que chefiarão esse país até à realização de novas eleições.

Entretanto, elementos das Forças Armadas do Iémen do Sul amotinaram-se esta madrugada contra o presidente Salem Robaya Ali e aviões rebeldes metralharam o palácio presidencial.

Segundo informações emanadas da agência iraquiana INA, núvens de fumo pairavam esta

manhã sobre o palácio e sobre as áreas do Ministério da Defesa do Gabinete do Chefe do Governo, Ali Nasser.

Ainda segundo informações providas da mesma agência, as milícias armadas sul-iemenitas continuam a circular pelas ruas em «veículos oficiais» controlando todos os cruzamentos de Aden, de forma a oporem-se aos soldados governamentais. Ao mesmo tempo, a INA afirma que o aeroporto de Aden está encerrado, as comunicações internacionais cortadas e as emissões de rádio interrompidas.

Ignora-se, de momento, se este levantamento de tropas no Iémen do Sul tem qualquer relação com o assassinato do presidente do Iémen do Norte.

post-scriptum

«Legalizam» uma situação já legalizada...

Possuo um pequeno bote de fibra de vidro com 2,60 m. com um motor auxiliar de 3,5 HP. O «navio» em questão pesa cerca de 48 kgs.

Foi registado legalmente há cerca de 7 anos na única entidade que fazia esses registos: a Brigada Naval.

Foi medido, inspecionado na altura por um sr. tenente Martins que funcionava na doca de Belém onde tive que responder a um questionário, fazer determinações e remar e nadar numa água oleosa e fétida. Passaram-me os documentos legais no custo aproximado de 160\$00.

Com enorme surpresa constatei segundo informações recebidas que esses documentos são — a partir deste ano — considerados caducados sendo a sua renovação feita mediante nova inspecção nas capitães com a apresentação do barco, remos, toletes, ferros e cabos, coletes de salvação e (pasmai) um extintor de 1 kg. e claro ... cerca de 250\$00 ou mais se se tiver de pagar a deslocação do inspector.

E tudo isto para «legalizar» uma situação já anteriormente legalizada!

Seria o mesmo que fazer caducar todos os documentos dos automóveis por ser a Direcção-Geral de Viação em 1973 um organismo do governo fascista...

Os doutos legisladores esqueceram-se que um bote, uma chata, um chanuto ou um pequeno barco à vela não são «navios» nem coisa que se pareça. São meios de desporto ou de recreação para o desporto que já nos deram participações honrosas a título mundial...

A falada isenção de taxa prevista por lei também acaba por ser uma taxa disfarçada pois pagou-se 20\$00 por um título de isenção com aumento em 1977 para 60\$00 e posteriormente em 1978 sei lá quando se pagará...

Mais: pagava-se em 1973 1\$00/tonelada/ano e agora paga-se 15\$00... Para quando a obrigatoriedade de carta de marinhado e taxas para os barcos do Campo Grande?

Aceito que façam caducar os documentos da BN e os substituam. Concordo com as inspecções. O que não posso aceitar é que o possuidor que legalizou o seu barco de acordo com as leis vigentes na altura venha agora a ser prejudicado. Porque não substituir estes documentos sem encargos?

Se existirem futuramente uma ou mais revoluções teremos de cada vez que pagar novos documentos? Mas que mina!!!!

Quando se fará neste País «socialista» (?) uma distinção entre o possuidor de um bote e o magnate proprietário de um «bruto» iate? Quando se protege e se promove um desporto em vez de o matar pela raiz? Quando se tomam medidas coerentes e verdadeiramente socialistas, se é que é esse o rumo?

De um leitor devidamente identificado

QUEM VAI JULGAR OS GOVERNANTES?

Agora que se exige ao povo que trabalhe mais e mais, dá-se-lhe cada vez piores condições de vida;

Agora que se desprezam os recursos nacionais para restaurar a nossa economia, cada vez se empenha mais o país com empréstimos aos países «amigos», para indemnizar os grandes capitalistas e sabotadores da economia nacional;

Agora que se ilibam de culpas os fascistas, bombistas e sabotadores, julgam-se e condenam-se os obreiros do glorioso 25 de Abril.

Agora que se limita a 20 por cento o aumento dos vencimentos dos trabalhadores, para controlar a inflação, elevam-se de mais 50 por cento os «magros» ordenados dos membros do Governo. Coitados, eles até ganham menos que os dos outros países!... E os trabalhadores, ganham mais?

Não restam dúvidas acerca das suas intenções. Onde mora a sua liberdade responsável? No papel? Nas entrevistas? Que razões irão agora invocar para este novo aumento? Será que os reformados estão bem pagos depois do aumento que tiveram?

Não resta a menor dúvida de que a exigência da liberdade responsável só existe para poder julgar o povo pelas afirmações que faz, mas também tem que ser extensiva às acções dos membros governamentais.

As atitudes menos correctas executadas pelos trabalhadores são julgadas nos tribunais. E quem vai julgar os governantes pelas acções antipopulares, pró-capitalistas, incoerentes e abuso de liberdade «responsável»?

Vitor Lopes Alves
COIMBRA

DE-NOS NOTICIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

ENCONTRO DE TRABALHADORES SOCIALISTAS

“Governo deve incentivar e proteger o sector autogestionário”

O Governo deve «incentivar e proteger o sector autogestionário existente, decorrente das leis aprovadas na Assembleia da República», considera um documento ontem aprovado num encontro de trabalhadores socialistas em Torres Vedras, realizado pelo PS para debater os problemas com que se defronta o projecto duma sociedade autogestionária perante a actual realidade política portuguesa. O documento final congratula-se pelas leis que a AR recentemente aprovou e salienta a necessidade de existência de uma lei de bases do sector autogestionário. Ainda a respeito de leis, o texto refere-se ao não reconhecimento parlamentar das comissões de trabalhadores e considera que «as forças políticas que contribuíram para o vazio legal existente não servirão os interesses dos trabalhadores portugueses e, em espe-

cial, do socialismo».

É nesta linha de preocupações que se insere a reafirmação expressa da «disponibilidade e da determinação na defesa das comissões de trabalhadores, com embrião e preparação do sistema autogestionário», e se sugere a «rápida apresentação de nova lei regulamentadora das CT's, na qual se respeitem os princípios fundamentais desde sempre defendidos pelo PS». O texto refere a necessidade de transformar o movimento sindical «expurgando-o», diz o texto, «das raízes corporativistas e fascistas, que são manifestamente lesivas dos interesses dos trabalhadores e do sindicalismo democrático e socialista». Ainda a este respeito, o documento exprime o apoio dos participantes à «reformulação do movimento sindical assente na criação de sindicatos por ramo de

actividade de âmbito nacional e com uma estrutura orgânica que permita a participação efectiva de todos os trabalhadores na vida sindical», e apela a todos os trabalhadores no sentido de que se integrem «neste projecto democrático e socialista», independentemente das suas opções ideológicas.

As conclusões insistem muito neste ponto dos sindicatos, deixando adivinhar que foi o tema dominante no encontro. A certa altura rejeita-se — o texto rejeita — «veementemente as acusações lançadas sobre os militantes sindicais socialistas, por aqueles que, apoderando-se do aparelho sindical cooperativo, sempre se têm recusado a transformá-lo democraticamente e cuja actualização conduz objectivamente ao enfraquecimento e divisão do movimento sindical português». As alusões vão, evidente-

mente, para a CGTP-IN, Inter-sindical Nacional, actualmente a única central dos trabalhadores verdadeiramente digna desse nome, e de parte uma ou outra tentativa para criar centrais sindicais paralelas.

Para os participantes do encontro, «a força manifestada pelos novos sindicatos, em que os militantes socialistas e outros trabalhadores desenvolvem acções sindicais e, em particular, os Sindicatos da Indústria Metalúrgica e dos Trabalhadores Rurais e Similares do Oeste fazem entrar em desespero alguns sectores da pseudo-esquerda, e em especial, o PCP» (do texto).

Participaram no encontro pouco mais de uma centena de activistas sindicais. Presentes, Marcelo Curto e o actual ministro do Trabalho (nesta qualidade ou na de dirigente do PS), Maldonado Gonelha.

Soares discutiu em Bruxelas adesão à CEE e Parlamento Europeu

O dr. Mário Soares considerou significativa a participação de Portugal e da Espanha, na qualidade de observadores na cimeira de líderes do grupo socialista do Mercado Comum, ocorrida anteontem em Bruxelas, «já que — acrescentou — no espírito dos representantes dos nove, está instalada a ideia de que seremos em breve membros do Mercado Comum».

O secretário-geral do PS afirmou ainda, à sua chegada a Lisboa, que na reunião foi aprovada uma declaração de princípios visando as eleições para o Parlamento europeu que se efectuarão em 1979, e a respectiva campanha eleitoral que começará em Janeiro desse ano.

Informando ainda que tratou, no decorrer dos contactos com Roy Jenkins de questões relacionadas com a adesão portuguesa à CEE, tendo Soares sublinhado ainda a inexistência de quaisquer discriminações durante a reunião face às delegações portuguesa e espanhola, apesar de estarem ali apenas como observadores.

Acerca do encontro em Bisau, Eanes-Neto, o chefe do actual Governo português considerou-o extremamente importante para as relações futuras entre o nosso país e Angola, acrescentando que o encontro

tem ainda, um significado mais vasto.

Referiu que no decorrer da reunião de Bruxelas, contactou com chefes de Governo e dirigentes partidários com quem falou sobre o encontro Eanes-Neto «explicando-lhes quais são as características dessa viagem no plano europeu».

TITO MORAIS REGRESSA DE HAIA

O vice-presidente da Assembleia da República, Manuel Tito de Morais, regressou esta madrugada a Lisboa vindo de Haia, onde, em representação de Portugal, tomou parte na 5.ª conferência dos presidentes das Assembleias Parlamentares Europeias, composta pelos 20 países integrados no Conselho da Europa.

Um dos assuntos discutidos nesta reunião relacionou-se com a questão da autonomia do poder judiciário nos vários países, cuja não dependência dos executivos — acentuou Tito de Morais — foi considerada indispensável.

Contudo — sublinhou — também foi observado que o poder judiciário não pode estar à tarde e tem que haver uma

colaboração entre todos os poderes constitucionais.

Foi também salientada a necessidade de colaboração entre os países que estão integrados nas comunidades europeias e aqueles que não fazem parte dela ou procuram integrar-se, como é o caso de Portugal.

Por outro lado, procurou-se coordenar os trabalhos dos diferentes Paramentos e também a acção do Parlamento do Conselho da Europa, que funciona como assembleia consultiva, e o Parlamento europeu, que é das nações integradas nas comunidades europeias.

Projectos da Lisnave escolhem Norte de África

Os estaleiros portugueses da Lisnave estão empenhados em chamar a si a viabilização de uma série de projectos no estrangeiro da responsabilidade da Naveling, companhia suíça, com sede em Lausane, inteiramente sob o controlo da Lisnave e que actua no campo da concepção, construção e estrutura e lançamento de estaleiros navais.

Para já a Naveling, além de se ir candidatar, em consórcio, à construção de um estaleiro na Argélia, vai apresentar no próximo mês de Julho, conjuntamente com a empresa «Saudi-Darmac», um projecto de execução, estrutura de gestão, formação de pessoal e lançamento de um estaleiro em Jedah, na Arábia Saudita.

FOLHA OFICIAL

No «Diário da República», 1.ª Série, nº 144, foi publicada a seguinte legislação:

Conselho da Revolução: Portaria nº 339/78: Da nova redacção à alínea i) do artigo 25.º do Decreto-Lei nº 46.960 (EOA) — Serviço especial.

Presidência do Conselho de Ministros: Declaração: De ter sido rectificada a declaração de rectificação ao Aviso nº 2/78, publicada no «Diário da República», 1.ª série, nº 125, de 1 de Junho de 1978.

Ministérios das Finanças e do Plano e da Indústria e Tecnologia: Despacho Normativo nº 143/78: Concede à CNP — Companhia Nacional de Petroquímica, E.P., a dotação de 107.280 contos para aumento do capital estatutário.

Ministérios das Finanças e do Plano e da Educação e Cultura: Portaria nº 340/78: Altera o quadro de pessoal auxiliar da Escola Preparatória de Loriga.

Ministérios dos Negócios Estrangeiros: Avisos: Torna pública a República Democrática da Somália depositado o instrumento de acitação da Convenção que institui a Organização Consultiva Marítima Intergovernamental — IMCO.

Torna público ter o Governo da Costa Rica depositado os instrumentos de adesão à Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados.

Ministérios da Agricultura e Pescas e do Comércio e Turismo: Despacho Normativo nº 144/78: Altera a capacidade de embarcação para fosfoeto de alumínio e brometo de metilo.

Ministério da Habitação e Obras Públicas: Declaração: De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério.

MARINHA GRANDE • MONTIJO • PORTO • QUELUZ • TOMAR • ALFERRAREDE • ALMADA • AVEIRO • BARREIRO • BRAGA • CACÉM • CASCAIS • COIMBRA • LISBOA • GUIMARAES • FARO • ÉVORA

COMOLEX

A COZINHA QUE A SUA CASA MERECE...



comolex móveis

LISBOA - Filial - Av. Berna, 24 - A - Tel. 776147
PORTO - Filial - Rua Serpa Pinto, 182 - Tel. 482587
CORUCHE - Fábrica - Av. N. Sra. do Castelo, 37 - Tel. 62151

ponto a ponto

Mário Soares, ontem, na Figueira da Foz: «Não há cições no seio do Governo, nenhum ministro vai ser demitido» — disse. Segundo o Primeiro-Ministro, «a aliança PS-CDS está a funcionar bem e todas as divergências que eventualmente possam surgir, encontrarão as adequadas soluções no quadro do acordo governamental firmado entre os dois partidos».

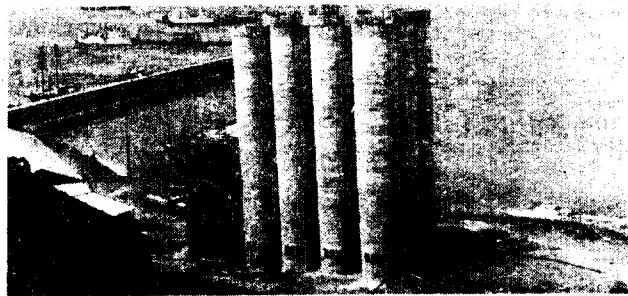


Palma Inácio fez ontem um apelo à mobilização de todos os socialistas para a defesa da democracia em Portugal. Palma Inácio falava num convívio socialista em Alvoco das Várzeas, próximo de Coimbra. O convívio foi um piquenique à beira-rio, a que se seguiu um espectáculo de variedades, tendo havido algumas alocações no intervalo. Alvoco das Várzeas, para quem não saiba, é um «centro de grande implantação socialista, sobretudo ao nível da juventude, que constitui a principal força dinamizadora duma cooperativa agrícola local», segundo a ANOP, citando um responsável pelo PS em Coimbra.

Segundo declarações de Meneres Pimentel, do PSD, ao «Diário de Notícias», na edição de hoje deste matutino, «Sá Carneiro é um factor quase único de unificação para os militantes sociais-democratas». Falando a propósito dos trabalhos de bastidores que estão a preparar o congresso do partido nos próximos dias 1 e 2 de Julho em Lisboa, o actual «número um» do PSD diz que está a verificar-se «uma aproximação de pessoas», ou seja, das «ex-cúpulas» em relação a Sá Carneiro. Como se sabe, não é esta exactamente a impressão que têm alguns observadores próximos do processo e é lembrar, por exemplo, o «Expresso» de sábado passado.



O ministro dos Estrangeiros, Sá Machado, nomeou Mário Neves presidente da delegação portuguesa na comissão luso-espanhola encarregada de regular o uso e o aproveitamento dos rios internacionais nas suas zonas fronteiriças. Mário Neves, que foi durante muitos anos director do «Diário de Lisboa», antes de passar pela presidência da FIL, desempenhou recentemente funções de embaixador de Portugal em Moscovo, tendo deixado a vida diplomática o ano passado por limite de idade.



A Comissão Coordenadora Regional do PS nos Açores protestou ontem contra o que considera tentativas de interferência estrangeira na vida das regiões autónomas. O protesto consta das conclusões duma reunião daquele órgão máximo do PS no arquipélago, realizada este fim-de-semana na cidade da Horta. Das conclusões consta ainda, e entre outras coisas, uma congratulação pelo modo como estão a decorrer os preparativos para as conversações à volta das Lajes e outra referente à «forma patriótica e inteligente» como Mário Soares está a dirigir a política do actual Governo, com destaque para o que toca à autonomia dos Açores.

HOMENAGEM A BENTO DE JESUS CARAÇA

A cultura integral do indivíduo problema central do nosso tempo

1. Os traços maiores do perfil humano de Bento Caraca encontramos-os no seu profundo sentido da vida moral e na sua grande cultura.

Foi o Homem de grande estofo moral, e não o político, que a 25 de Maio de 1933 referindo-se às seguintes palavras de Oliveira Salazar, publicadas em «O Século» de 17 de Março do mesmo ano:

«Nós adulterámos o conceito de riqueza, desprendemo-la do seu fim próprio de sustentar com dignidade a vida humana, fizemos dela uma categoria independente que nada tem que ver com o interesse colectivo nem com a moral e supusemos que podia ser finalidade dos indivíduos, dos Estados ou das nações, amontoar bens sem utilidade social, sem regras de justiça na sua aquisição e no seu uso. Nós adulterámos a noção de trabalho e a pessoa do trabalhador...»

Comentou:

«Pois muito bem. É para sustentar isto que se cria e desenvolve, por toda a parte, um aparelho repressivo de cuja acção brutal todos os dias temos novas afirmações».

2. São estas duas facetas maiores da sua rica personalidade que, cristalinamente, inundam de luz esse precioso documento histórico da vida portuguesa que é a Cultura Integral do Indivíduo.

Nessa conferência, com a qual o Professor Bento Caraca apresentou, em 25 de Maio de 1933, a União Cultural Mocidade Livre, lê-se, nas palavras introdutórias, «que a junção feliz, no seu próprio nome, das duas palavras «cultura» e «mocidade» abre horizontes rasgados para a esperança daqueles que, não tendo deseperado de viver melhores dias, vêm precisamente numa renovação espiritual da geração nova — Bento Caraca tinha, então, apenas 32 anos! — a condição indispensável para a realização das ideias que lhes são caras» e, ainda, que «trazia a sua inteira solidariedade e a sua modesta contribuição para o labor destes moços que será fecundo na medida da força e poder de sinceridade que puserem, através das maiores dificuldades, em se conservarem sempre iguais a si mesmos, fiéis a si mesmos».

E nas palavras com que a finalizou:

«Houve quem dissesse um dia que as gerações dos homens são como as das folhas, passam umas e vêm outras.

Está na nossa mão o desmentir o significado pessimista desta frase.

Só figuram de folhas caídas, para uma geração, aquelas gerações anteriores cujo ideal de vida se concentrou egoisticamente em si e que não cuidaram de construir para o futuro pela resolução, em bases largas, dos problemas que lhes estavam postos, numa elevada compreensão do seu significado humano.

Essa concentração egoísta tem um nome — tração, e, se hoje traímos, será esse o nosso destino — ser arredados com o pé, como se arreda um montão de folhas mortas.

E não queiramos que amanhã tenham de praticar para conosco esse gesto, impiedoso mas justiciero, exactamente o mesmo que hoje nos vemos obrigados a fazer para com aquilo que, do passado, é obstáculo no nosso caminho».

3. Em Maio de 1939, ao apresentar a 2.ª edição deste seu significativo e precioso livro, Bento Caraca abriu um pouco o seu «domínio interior próprio, onde não penetra ninguém, onde vamos buscar para

a luta de todos os dias, motivos de viver e compreender» e nela escreveu e nos legou as seguintes expressivas e belas palavras, que terão diferente conteúdo cultural mas identificam, profundamente, o mesmo testemunho de experiência humana que se condensa em conhecidos versos de Fernando Pessoa:

«O futuro imediato não respondeu às aspirações e impaciências desses espíritos juvenis e ardentes. O desenvolver da vida social europeia seguiu por caminhos que haviam de provocar a revisão de muitos optimismos fáceis e, em contrapartida, fazer abrir mui-

uma época de transição, uma ponte de passagem entre aquilo que desaparece e o que vai surgir. E nessa ponte de passagem chocam-se todas as correntes, coexistem todas as tradições, fazendo dela aparentemente uma feira de desvarios e, na realidade, um formidável laboratório de vida.

Época singular em que podemos assistir às manifestações do mais alto poder criador e do mais persistente esforço de sistematização — Einstein e Broglie — e, paralelamente, à desorganização total da vida económica e à destruição deliberada precisamente daquilo de que a maioria carece.

Época em que é possível um tal campear do cinismo que um ministro holandês propõe, numa conferência internacional,

LUIZÉLIO SARAIVA

único momento histórico não poderá surpreender o ritmo da evolução que o determina e condiciona.

Num caso noutro caso, só o recuo que fornece aos fenómenos uma perspectiva adequada pode permitir um estudo objectivo da sua natureza e significação. No primeiro, algumas horas bastam; no segundo, é todo o largo período da história da humanidade que se torna indispensável abraçar numa apreciação de conjunto.

Vejam-se nos nossos dias, assim, ao menos nas suas linhas gerais, alguma lei à qual se subordine todo o desenvolvimento que a história nos apresenta ao longo do extenso caminho percorrido, desde o aparecimento dos primeiros agrupamentos humanos até às sociedades de hoje.

Creio que essa lei existe e que pode formular-se, pouco mais ou menos, nos seguintes termos: no seio das sociedades humanas manifestam-se permanentemente dois princípios contrários — o individual e o colectivo — de cuja luta resultará um estado superior dessas mesmas sociedades, em que o primeiro princípio — o individual — chegado a um elevado grau de desenvolvimento, se absorverá no segundo.

A EXPLANAÇÃO DA IDEIA

Nos primeiros grupos humanos, em que aquilo que distingue o homem dos outros animais se encontra ainda mal libertado da garga da irracionalidade primitiva, não há lugar para mais do que para os instintos e sentimentos gregários, num estado de existência em que o indivíduo mal tem consciência de si, fundindo-se no agrupamento de que depende. É só a pouco e pouco que os mais aptos, os mais capazes pela força ou pelas qualidades de observação, se vão elevando acima do grupo, destacando-se dele, impulsionando-o e fazendo-o progredir.

O esforço individual aparece assim como indispensável para o progresso do agregado que, sem ele, permaneceria sempre, tal qual nasceu, como a contenta, por exemplo, com certas associações de animais inferiores que hoje vemos.

Mas essa acção do indivíduo sobre o colectivo não tem apenas, infelizmente, a virtude criadora de progresso que lhe acabamos de assinalar.

Bem depressa ela se manifesta com outros caracteres que formam o cortejo sinistro do domínio do indivíduo sobre o grupo — o mais capaz só subsidiariamente põe o seu esforço ao serviço do agregado; a sua primeira ideia é servir-se dessa capacidade maior para seu interesse próprio.

E aqui reside o grande drama em que, de todos os tempos, se tem debatido a humanidade — condenada a só poder evoluir e progredir sob a acção vivificante e fecunda de alguns dos seus indivíduos, ela vê-se ao mesmo tempo impotente para impedir que esses indivíduos se transformem em seus verdugos. Ela assiste, incapaz de o evitar, à criação das castas que são como outras tantas sanguessugas sobre o seu corpo, sem, ao menos, lhe restar a solução de as eliminar, porque isso equi-

Continua na pag. 4



tos olhos para realidades cruéis, em suma, proporcionar grandes lições.

Tudo isso fez que se amortecessem alguns entusiasmos das primeiras horas. Que importa? É essencial que tenham existido! Mas foram mais algumas ilusões perdidas, dir-se-á. Não. As ilusões nunca são perdidas. Elas significam o que há de melhor na vida dos homens e dos povos. Perdidos são os cépticos que escondem sob uma ironia fácil a sua impotência para compreender e agir; perdidos são aqueles períodos da história em que os melhores, gastos e cansados, se retiram da luta, sem enxergarem no horizonte nada a que se entreguem, caída uma sombra uniforme sobre o pântano estéril da vida sem formas.

Benditas as ilusões, a adesão firme e total a qualquer coisa de grande, que nos ultrapassa e nos requer. Sem ilusão, nada de sublime teria sido realizado, nem a catedral de Estrasburgo, nem as sinfonias de Beethoven. Nem a obra imortal de Galileu.

4. Eis significativos passos de A Cultura Integral do Indivíduo.

UMA ÉPOCA DE TRANSIÇÃO

O que estamos actualmente vivendo e sofrendo não é apenas uma borbulhagem fugaz, destinada a passar como tantas coisas passam, sem deixar sinal; é, muito pelo contrário,

a interdição do bombardeamento aéreo do inimigo em tempo de guerra, para que alguns dias depois um avião holandês lance, sobre um barco holandês, em tempo de paz, uma bomba que semeie a morte a bordo; mas em que é também possível um tal florescimento de virtudes, que um homem, velho e fraco, consegue, quase só com o poder da sua alma que é forte, agitar milhões de homens num esforço de emancipação nacional e, o que é mais, de libertação de uma casta dos preconceitos que a escravizam excluindo-a do convívio humano.

Época em que se verifica um tão grande desprezo pela existência alheia que na sombra se prepara, metódicamente, sistematicamente, cientificamente, a destruição do homem; mas em que ao mesmo tempo existe uma tal admiração pelo corpo humano que, num vasto movimento de cultura física, ele se enaltece e glorifica no que tem de nobre e belo — antítese simbólica do nosso tempo: preparação da guerra química e salão do nu fotográfico.

UMA LEI À QUAL SE SUBORDINE A HISTÓRIA

Do mesmo modo que é impossível pelo simples exame de alguns minutos, descobrir, no bater das ondas numa praia, o movimento regular das marés, assim também quem se detiver na contemplação de um

Homenagem a Bento de Jesus Caraça

Continuação da pág. 3

valeria à sua morte no pântano estéril da incapacidade.

Encarada sob este ângulo, a História da Humanidade aparece-nos como uma gigantesca luta, gigantesca no espaço e no tempo, entre o individual e o colectivo. Luta gigantesca, e trágica, e sangrenta, em que transparece um domínio quase permanente do individual sobre o colectivo e, de longe em longe, um estreitamento do grande corpo mortificado, um movimento de revolta, um triunfo efémero do colectivo, que logo cai sob outro ou o mesmo jugo pela sua incapacidade de se reconhecer e dirigir.

AS CONCEPÇÕES RELIGIOSAS

E assim acontece que a pobre humanidade, não abdicando da sua aspiração confusa a uma felicidade e unidade superiores e não encontrando em si, no seu corpo chagado, de que alimentar a pureza da sua chama interior, renuncia a si própria e vai procurar fora os elementos que dêem alimento e vida a essa aspiração e pureza.

za. As castas depressa reconhecem quanto esse sentimento de evasão do homem se pode servir e, daquilo que é puro desejo de elevação do espírito, fazem, a breve trecho, a adoração de um idolo; deformou-se um sentimento, mas enraizou-se mais o poder. Abre-se assim um grande capítulo da História, capítulo que não é, de todos, o menos dramático — o das concepções religiosas. Sobre a terra paira, como uma consequência necessária da luta entre o individual e o colectivo, uma ideia vagabundeante e de encarnações polimórfas — aqui, um deus feroz do deserto, além uma coorte de deuses amáveis de uma península ridente, mais adiante, sobre uma estrutura social absurda, um deus absurdo — infinita bondade e infinito amor criando e regendo um mundo onde existe a malquerença e a injustiça.

A CIVILIZAÇÃO DE BASE CAPITALISTA

Por várias razões, que seria longo enumerar aqui, foi a França o ponto nevrálgico das

contradições e conflitos dessa época; lá se concentrou a actividade dos grandes individualistas revolucionários, obreiros espirituais da revolução que havia de abrir uma era nova na História.

A nova classe, que vimos começar a manifestar-se alguns séculos antes, inscreveu na sua bandeira as reivindicações fundamentais formuladas por esses homens, e assim tornou possível um novo acordo, numa base ampla, entre o individual e o colectivo. Quando esses homens reclamavam o reconhecimento dos direitos do indivíduo, não faziam mais que pretender subtrair a colectividade ao poderio de uma classe restrita e, portanto, reforçando a personalidade individual, dar, por isso mesmo, uma força nova ao agregado.

O grande erro dos individualistas de hoje é o conservarem-se agarrados à letra das fórmulas, sem notarem que os termos têm agora um sentido novo que lhe é emprestado pela diferença fundamental das circunstâncias.

Então, por não haver liberdade reconhecida expressamente, os interesses gerais exigiam a luta por esse reconhecimento; hoje, em que dela se usou e abusou criminosamente, os mesmos interesses gerais exigem uma limitação, não do uso mas do abuso. Desenvolvimento e reforçamento da personalidade, sim, tarefa essencial, mas que eles sejam permitidos e propiciados a todos.

Por que razão o estado social saído da revolução francesa não garantiu até hoje essa identificação da individualidade com a colectividade?

A burguesia, após a sua ascensão ao poder, não resistiu ao anquilosamento que vimos atrás ser característica essencial das classes dirigentes. Depressa cessou a harmonia dos seus interesses como interesses gerais. Os seus fundamentos económicos — livre concorrência e propriedade privada — cedo se tornaram, pela acção implacável da evolução acelerada do século XIX, em armas terríveis que ela brandiu em seu exclusivo proveito.

A civilização de base capitalista tornou inoperantes os princípios de liberdade individual e de igualdade, para não falar já no da fraternidade que só por sarcasmo se pode pretender que esteja incluído hoje entre as ideias dominantes da governação.

Um elemento novo entrou em cena — a máquina, cujo desenvolvimento permitiu, como diz Ayguesparse no seu luminoso estudo sobre **Maquinismo e Cultura**, «uma formidável síntese entre uma classe — a burguesia, e uma doutrina económica — o capitalismo».

E essa síntese, que teria sido fecunda se a máquina tivesse sido posta, como devia, ao serviço do homem, tornou-se, pelo contrário, monstruosa, porque produziu, não a emancipação, mas a escravização económica do trabalhador.

O homem escravo da coisa — eis a grande condenação, no campo moral, do regime social contemporâneo.

A falência completa no campo moral, vem juntar-se, como é do conhecimento de todos, a falência total no campo económico. A proletarianização de vastas camadas da população de todo o mundo, a destruição dos meios de consumo, que a todo o momento se realiza, no meio de povos a quem falta o indispensável, a existência de dezenas de milhões de desempregados, são factos que falam bem eloquentemente por si e dispensam, por isso, comentários.

Nunca se viu um anquilosamento tão completo e tão rápido de uma classe dirigente e nunca se viu também um tão

grande apego ao poder. É que a crise atinge os fundamentos da orgânica. Por isso, como dizia acima, a luta é mais crua do que nunca.

E também mais ampla do que nunca, precisamente porque os alicerces estão atingidos.

SER NACIONALISTA

«O desenvolvimento do nacionalismo foi a obra do século XIX, o do internacionalismo será a do século XX». Estas palavras, proferidas há pouco na Sorbonne por Lord Lytton que, por encargo da Sociedade das Nações, presidiu à comissão que foi à China investigar as causas do conflito sino-japonês, merecem ser meditadas pelos adeptos do nacionalismo.

Não por aqueles para quem a pátria é um balcão de compra e venda, esses não precisam de pensar, nem têm tempo para isso; mas pelos que, nem por estarem num campo errado, merecem menos consideração e respeito, desde que nele militem com boa fé e desinteresse.

Poucas questões há que tenham sido tão mal postas como esta do nacionalismo e isso não admira, pois foram sempre as águas turvas o ambiente propício para as manobras de certos pescadores...

Se ser nacionalista é, reconhecendo a existência de grupos étnicos com características próprias, trabalhar pelo desenvolvimento desses grupos (nações), defender e propulsionar a autonomia das suas instituições de vida e cultura, num largo espírito de colaboração com os outros grupos étnicos, como pode deixar de ser-se abertamente, francamente, nacionalista?

Mas se ser nacionalista é ver em cada estrangeiro um inimigo em potência, viver em guerra económica permanente com as outras nações; encerrar-se cada um em sua casa para que, fora do controlo da parte sua e pura dos outros grupos, uma certa classe possa viver parasitariamente sobre outra; se ser nacionalista é isto e depois, quando interesses internacionais da alta indústria e da alta finança o exigem, ir-se estupidamente para uma mancha estúpida, para que, sobre as fronteiras regadas de sangue generoso, se unam de novo, em faina macabra, inãos sinistras a mercadejar; se ser nacionalista é isto, pergunto como se pode sê-lo sem que a razão condene e o coração se insurja.

DESPERTAR A ALMA COLECTIVA DAS MASSAS

Aquela luta multimilenária, a que comecei por me referir no início desta palestra, vai entrar numa fase decisiva.

Conseguirá a Humanidade, num grande estreitamento de todo o seu imenso corpo, tomar finalmente consciência de si mesma, revelar a si própria a sua alma colectiva, feita do desenvolvimento ao máximo, pela cultura, da personalidade de todos os seus membros?

Eis a grande tarefa que está posta, com toda a sua simplicidade crua, à nossa geração — despertar a alma colectiva das massas.

Ou ela a realiza e ascende-mos a um estado superior de unidade, ou fracassa, e amanhã assistiremos a um novo gesto de renúncia e o individual continuará a sobrepor-se ao colectivo numa adulteração criminosa da moral social.

Precisamos, para não traír a nossa missão, de nos forjarmos personalidades íntegras, de analisarmos o nosso tempo e de actuar como homens dele. Como homens que sabem distinguir o fundamental do aces-

sório, que, na resolução de um problema, não se deixam perder no emaranhado dele, nem cegar pelas nuvens de fumo que os interessados pela sua não solução a todo o momento e infatigavelmente lançam.

O PROBLEMA DAS ELITES

Dessas nuvens de fumo, tantas e de tão variados aspectos, quero referir-me hoje a uma apenas — a confusa questão das elites. Confusa e delicada.

Vejam, em primeiro lugar, qual é, a este respeito, a tese corrente. Com pequenas variantes, pode exprimir-se assim. Em todos os tempos, o progresso da civilização, o florescimento das ciências, das letras e das artes, foi obra de uma elite, mais ou menos reduzida; e deve ser sempre assim — a massa geral da humanidade não é acessível a certas preocupações que só espíritos elevados sentem; a guarda e a propulsão das instituições culturais da sociedade deve ser portanto confiada a um grupo restrito, a uma elite, a qual, só, tem direito a orientar superiormente os destinos do agregado.

Muito bem. Analisemos agora com algum cuidado esta tese para ver que nela se contém de verdadeiro.

Uma dúvida se forma, logo após o primeiro exame: as elites propulsores, em cada período histórico, do desenvolvimento científico, literário, artístico, foram realmente aquelas que, nesse período, ditaram a forma de constituição da sociedade, a orientaram, regularam o seu funcionamento orgânico? por outras palavras, elite científica e cultural e classe dirigente, são a mesma coisa? ou, melhor ainda, a primeira está compreendida na segunda? Uma consulta à história fornece resposta imediata pela negativa. É abrir esse grande livro e prestar ouvidos aos queixumes e protestos com que aqueles homens verdadeiramente de elite, aqueles que, alguns séculos mais tarde, dão o tom ao mundo da alma e do pensamento, respondem às perseguições que os seus contemporâneos das classes dirigentes lhes movem.

Incompreensão completa da forma nova de pensar, temor de que um ataque à rotina abale os alicerces de um poderio egoísta de natureza espiritual ou material, vários são os elementos que se conjugam para fazer desses homens um grupo à margem, que só a força de heroísmo consegue conservar aceso, e transmitir às gerações seguintes, o facho da cultura.

O QUE É O HOMEM CULTO?

Problema grave, e tanto, que não faltam as vezes que, para o resolver, advogam um abandono da cultura por verem nela, não um meio de elevar, mas sim de diminuir condição humana. Terão razão os que assim pensam? Conduz a civilização necessariamente a uma escravização do homem?

Para podermos responder a estas perguntas, temos que começar por definir os termos e pôr depois convenientemente o problema.

O que é o homem culto? É aquele que:

1.º — Tem consciência da sua posição no cosmos e, em particular, na sociedade a que pertence;

2.º — Tem consciência da sua personalidade e da dignidade que é inerente à existência como ser humano;

3.º — Faz do aperfeiçoamento do seu ser interior a preocupação máxima e fim último da

vida.

Ser-se culto não implica ser-se sábio; há sábios que não são homens cultos e homens cultos que não são sábios; mas o que o ser culto implica, é um certo grau de saber, aquele precisamente que fornece uma base mínima para a satisfação das três condições enunciadas.

A aquisição da cultura significa uma elevação constante, servida por um florescimento do que há de melhor no homem e por um desenvolvimento sempre crescente de todas as suas qualidades potenciais, consideradas do quádruplo ponto de vista físico, intelectual, moral e artístico; significa, numa palavra, a conquista da liberdade.

E para atingiresse cume elevado, acessível a todo o homem, como homem, e não apenas a uma classe ou grupo, não há sacrifício que não mereça fazer-se, não há canseira que deva evitar-se. A pureza que se respira no alto compensa bem da fadiga da ladeira.

Condição indispensável para que o homem possa trilhar a senda da cultura — que ele seja economicamente independente. Consequência — o problema económico é, de todos os problemas sociais, aquele que tem de ser resolvido em primeiro lugar. Tudo aquilo que for empreendido sem a resolução prévia, radical e séria, desse problema, não passará, ou duma tentativa ingénuas, com vaga tinta filantrópica, destinada a perder-se na impotência, ou de uma mão-cheia de pó, atirada aos olhos dos incautos.

O PROBLEMA DO HOMEM, UNIDADE SOCIAL, PERANTE A CULTURA

Definidos os termos, podemos agora resolver o problema posto — o problema do homem, unidade social, perante a cultura.

Se o desenvolvimento da civilização, entendida como acima, só por si, pode conduzir ao automatismo e à consequente escravização do homem, o que nos é mostrado pela civilização capitalista actual, é isso devido, não a um alto mas sim a um baixo grau de cultura que permite que os meios de progresso sejam utilizados num ambiente de completo abandono dos objectivos superiores da vida.

Esse abandono, e a adulteração que se lhe segue, só podem ser evitados pelo reforçamento intenso da cultura; esta aparece-nos assim como um condicionador e correctivo constante da marcha da civilização.

Como se põe então agora a questão das elites? Evidentemente que o cultivo e progresso da ciência, bem como a sua aplicação à vida corrente da sociedade, não-de ser sempre obra de grupos especializados — prospectores e realizadores; chamemos-lhes elites, se assim o quiserem — existem e existirão, como existem e existirão as elites das outras profissões e actividades.

Mas o que não deve nem pode ser monopólio de uma elite, é a cultura; essa tem de reivindicar-se para a colectividade inteira, porque só com ela pode a humanidade tomar consciência de si própria, ditando a todo o momento a tonalidade geral da orientação às elites parciais.

Só deste modo poderá levar-se a bom termo a realização daquela tarefa essencial que atrás vimos ser o problema central posto às gerações de hoje — despertar a alma colectiva das massas.

um andar
nosso
onde é
cómodo viver

QUELUZ (ocidental), PAREDE, BENFICA.

Em zonas residenciais onde é cómodo e fácil viver um dia a dia perto de tudo, você dispõe de andares de 2 a 5 assoalhadas concebidas com muito espaço. Se preferir pode comprar um andar para alugar e receber um bom rendimento.

Construções

António Guerreiro, Lda.

Para viver e conviver

Av. José Elias Garcia, 226 — QUELUZ. Telefone 95 25 38

Informe-se para combinarmos uma solução pessoal, de acordo com os seus planos.



HOJE E AMANHÃ

Memória de Bento Caração evocada em Lisboa

Realiza-se esta noite na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa a primeira sessão pública evocativa da memória de Bento de Jesus Caração. A sessão inaugura em Lisboa uma série delas e outras iniciativas programadas por uma comissão nacional destinada a assinalar a passagem do 30.º aniversário da morte daquele que foi tanto um nome de alto prestígio na inteligência portuguesa como um dos grandes vultos da resistência antifascista em Portugal.

Na sessão desta noite deverão falar Fernando Piteira Santos, Carlos Aboim Inglês, José Magalhães Godinho, Remy Freire, Blasco Hugo Fernandes, Augusto Sá da Costa, e Olívio França.

Amanhã, cerca das 18 horas, será deserrada uma lápide na casa onde Bento Caração viveu em Lisboa, na Rua Almeida e Sousa, n.º 63. A breve sessão terá a presença do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Aquilino Ribeiro Machado, que fará uma alocução a propósito. Haverá, depois, uma romagem ao cemitério dos Prazeres, onde Bento Caração foi sepultado há trinta anos. É no cemitério dos Prazeres e na sequência desta romagem que deverá realizar-se uma das mais significativas sessões que o programa prevê, devendo en-

tão falar, entre outros oradores (Dias Amado, Mário Dionísio, Mayer Garção), Mário Soares e Álvaro Cunhal.

Entretanto, foi ontem inaugurado em Vila Viçosa um busto de Bento Caração mandado fazer pela comissão executiva distrital de Évora também empenhada em assinalar no distrito a passagem do 30.º aniversário da morte daquele intelectual. Ainda ontem e em Vila Viçosa, realizou-se uma sessão solene, tendo falado Paulo Lencastre e Quintino Lopes.

Não saindo do distrito de Évora, anote-se ainda uma romagem a Montoito prevista para o próximo dia 7. Em Montoito é a casa onde Bento Caração nasceu. No mesmo dia haverá uma sessão solene em Évora, no Teatro Garcia de Resende.

Outra notícia relacionada com as comemorações: a Câmara Municipal do Porto decidiu fazer-se representar nas cerimónias que hoje e amanhã decorrem em Lisboa, ao mesmo tempo que anuncia vai patrocinar idênticas cerimónias a realizar naquela cidade.

A passagem do 30.º aniversário da morte de Bento Caração registou-se ontem, não tendo havido em Lisboa importantes sessões públicas por tratar-se de domingo e o mais dos que nelas não-de participarem ocupados com afazeres inadiáveis.

Paulo Quintela homenageado

Paulo Quintela, professor catedrático jubilado da Faculdade de Letras de Coimbra e que foi durante cerca de 30 anos director artístico do Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) foi homenageado sábado por antigos e actuais elementos daquele agrupamento teatral.

A homenagem, constituída por um jantar que reuniu cerca

de 300 pessoas, realizou-se nas instalações das piscinas municipais e contou com a presença, entre outros, do governador civil de Coimbra, Fernando Valle, do reitor da Universidade, Ferrer Correia, do presidente da Câmara, Judite Mendes de Abreu, e ainda do ex-ministro Mota Pinto, Romero de Magalhães, Fernando Assis Pacheco e José Carlos de Vasconcelos.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

(ANÚNCIO)

Concurso n.º 3-1570/78

Obras de alteração e beneficiação, instalação eléctrica de iluminação, tomadas e força motriz para a Lavandaria e Rouparia do Hospital D. Estefânia.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 17 de Julho próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 14 de Junho de 1978.

Pel'O CHEFE DO SERVIÇO

a) Júlio José Mendes

Cunhal na Assembleia de Artes e Letras do PCP

"Não se fez a revolução cultural"

«Tal como os trabalhadores nas fábricas, nos campos, nos portos, nos quartéis, tal como os estudantes nas escolas, os escritores e artistas e, entre eles com particular destaque os escritores e artistas comunistas, opuseram-se corajosamente ao fascismo, estiveram nas primeiras linhas da luta antifascista e tornaram as actividades literárias e artísticas armas de fogo dos combatentes da liberdade na luta contra a mentira, a mistificação, a exploração e o terror», recordou Álvaro Cunhal, durante a sua intervenção, ontem na sessão de encerramento da Assembleia de Artes e Letras, da DORL do PCP, que teve lugar no anfiteatro principal da Faculdade de Letras.

A Assembleia aprovou uma proclamação, onde se destacam as grandes linhas de «uma política democrática para a cultura», nomeadamente a «garantia efectiva do direito à liberdade de criação e expressão artística, não se privilegiando um modelo es-

tético como exclusivo de uma óptica cultural democrática e revolucionária, buscando a íntima ligação da cultura à luta do Povo Português pelo seu futuro livre, democrático e independente».

A exigência de participação dos trabalhadores da cultura e suas organizações e outras associações culturais na elaboração da política cultural, necessidade de promoção pelo Estado do acesso à fruição e criação cultural das mais largas massas do nosso povo e a necessidade de apoio aos seus agentes, os artistas, os trabalhadores da cultura e as organizações culturais populares, e, finalmente, a necessidade de criar condições de uma sempre maior aproximação dos artistas com o povo trabalhador, e do povo trabalhador com os artistas e as suas obras e a defesa, conservação e divulgação do património cultural português como meio de o tornar num elemento activo de definição da nossa identidade cultural nacional, foram outras das con-

clusões aprovadas.

Presentes nos trabalhos de venda delegados da organização de Artes e Letras da área de Lisboa do PCP, que fizeram dezenas de comunicações que versaram, entre outros, temas de teatro, cinema, música, artes plásticas, património cultural, direitos de autor, feiras do livro, comunicação visual, bailado, museus, bibliotecas, etc.

Na sua longa intervenção sobre o papel da Arte e dos artistas, o secretário-geral do PCP, sublinhando que «no acidentado processo revolucionário, muitos quase esqueceram durante longos períodos a sua actividade artística para participarem em concentrações, em barragens, em pinchagens, em veladas, em postos de segurança, em confrontos de defesa, em toda a exaltante luta popular, donde saíram sem dúvida enriquecidos para a arte e para a vida», acentuaria, entretanto, que «fez-se a revolução nos campos na zona do latifúndio, fez-se a revolução nas estruturas económicas e financeiras com a liquidação dos grupos monopolistas e a nacionalização dos sectores vitais. Não se fez a revolução cultural».

Álvaro Cunhal lembrou, todavia, que, apesar dessa lacuna, «é inegável que, na mesma linha de acção das forças progressistas do tempo do fascismo, a arte saiu de círculos estreitos e foi até às massas. A literatura, o canto, a representação teatral, as artes plásticas, a música, as artes gráficas tocaram vastos sectores da população como jamais em Portugal se vira».

O dirigente comunista, que na sua intervenção não deixou de denunciar os perigos que a de-

mocracia portuguesa hoje enfrenta (conspiração fascista e reacção e a política de recuperação capitalista e agrária do actual Governo) criticou ainda o «novo estreitamento das portas do ensino para os filhos das classes trabalhadoras, a deterioração pedagógica e o encarecimento das expressões materiais da cultura» e frisou que se assiste, actualmente, a «uma monumental obra de obscurantismo e de mistificação cultural e de diversão ideológica, em que a Rádio, a TV e a Imprensa estatizada, pagos pelo povo, mas utilizados contra o povo, espalham aos quatro ventos os subprodutos ideológicos da reacção e do imperialismo».

«Um partido como o nosso», disse ainda Cunhal, «capaz de todos os sacrifícios para libertar o Homem, luta necessariamente também para libertar o artista. Como poderia o nosso partido, força revolucionária que é, cortar as asas ao sonho quando a própria revolução é a realização de sonhos milenários?»

Referindo-se aos trabalhos da Assembleia a que assistiu, Cunhal considerou que ela «foi testemunho do carinho, da dedicação, da elevada consciência nacional e cívica dos comunistas na defesa do património cultural e artístico. A situação calamitosa existente (em museus, igrejas, conventos, colecções) responde a exigência de urgente iniciativa, de decisões e meios que só o Estado pode tomar e atribuir para salvaguarda conservação e restauro, para tornar acessível ao povo os tesouros culturais e artísticos, para acabar com a vergonha de museus de capital importância fechados lançados ao abandono e à depredação».

SEGUNDO O PRIMEIRO-MINISTRO

Porto da Figueira da Foz inicia obras em Janeiro

Segundo palavras do chefe do Governo, dr. Mário Soares, ditas ontem na Figueira da Foz, as obras do porto local terão início no próximo ano, devendo o aproveitamento e regularização de todo o Baixo Mondego estar concluídas em 1980. Soares confirmou ainda a construção da ponte já projectada, dentro dos prazos previstos anteriormente.

Segundo números fornecidos por ele próprio, o custo do porto orçará um milhão de contos; no Baixo Mondego despende-se 5 milhões de contos e a ponte está orçada, também, num milhão de contos.

Mário Soares, que visitou aquela cidade costeira para proceder ao encerramento da «Fimar 78» — Feira Internacional Mar, fazia-se acompanhar pelo ministro dos Transportes e Comunicações, Ferreira de Lima, secretário de Estado da Comunicação Social, João Gomes, Juventude e Desportos, Joaquim de Sousa, Reestruturação Agrária, António Campos e Regional, Miranda Calha. O governador civil de Coimbra, Fernando Valle, encontrava-se igualmente presente.

Em sessão realizada nos Paços do Conselho local o presidente da Câmara figueirense afirmou a dado passo da sua intervenção que «o concelho tem o direito, e o dever, de viver 12 meses ao ano, ao contrário do que actualmente se passa, vivendo intensamente, é certo, dois a dois meses e meio».

TUP distribui prémios

PORTO, 26 — Foram ontem distribuídos nas instalações do Teatro Universitário do Porto os prémios relativos ao I Congresso Nacional de Textos Teatrais organizado por aquele grupo no decorrer do mês de Março.

António Júlio Valarinho, autor de «A Terra», recebeu uma placa no valor de seis contos, devida ao segundo prémio que lhe fora atribuído (o 1.º prémio não foi concedido).

Orlando Artur Ferreira Barros foi também premiado pelos seus dois textos «Com Duas Pedras na Mão» e «A Lenda dos Santos Viriatos».

Carlos Alberto da Silva Oliveira recebeu um prémio «especial».

7 OPORTUNIDADES DE GANHAR UM AUTOMÓVEL



Mini 1000

O TOTOBOLA SORTEIA 7 AUTOMÓVEIS NOS CONCURSOS 42 a 48

TOTOBOLA

JOQUE 8 OU MAIS APOSTAS POR BILHETE
INFORME-SE NAS AGÊNCIAS



Pub

TRABALHADORES DOS "CENTROS COMERCIAIS":

4.^a feira 28 Junho às 14h. e às 21 horas
PLENÁRIOS

na Sede do Sindicato
(Av. da República, 29 — metro "Saldanha")

Com a publicação no Boletim do Ministério do Trabalho n.º 18 entrou em vigor no passado dia 20 de Maio o novo Contrato Colectivo de Trabalho para o Comércio Retalhista do Distrito de Lisboa, o qual consagra algumas inovações do maior interesse para os trabalhadores dos "Centros Comerciais", tanto no campo salarial, como no que respeita aos horários de trabalho.

Assim, tendo em vista debater a aplicação integral do CCT nos "Centros Comerciais" e o seu esclarecimento junto dos trabalhadores, realizam-se na sede do Sindicato na próxima 4.^a feira, dia 28, dois Plenários — um às 14 horas para os trabalhadores dos turnos da noite e outro às 21 para os dos turnos da manhã — para os quais convocamos os trabalhadores dos "Centros Comerciais".

Ordem de Trabalhos:
1. Esclarecimento sobre o CCT Retalhista;
2. Aplicação nos Centros Comerciais.

Lisboa, 19 Junho 1978

A DIRECÇÃO



SINDICATO DO COMÉRCIO DE LISBOA

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA

RUA DO CABIDO, 5-3.º — COIMBRA

Até às 15.00 horas do dia 30 de Junho de 1978, aceitam-se propostas em carta fechada e lacrada para o seguinte:

- 1 — OXIGÉNIO
- 2 — ARTIGOS DE LIMPEZA
- 3 — CAT-GUT

As condições estão patentes nos Serviços de Aprovisionamento, Rua do Cabido, 5-3.º — COIMBRA.

O CHEFE DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA

RUA DO CABIDO, 5-3.º — COIMBRA

Até às 15.00 horas do dia 3 de Julho de 1978, aceitam-se propostas em carta fechada e lacrada, para o seguinte:

- 1 — MATERIAL DE PENSO

As condições estão patentes nos Serviços de Aprovisionamento, Rua do Cabido, 5-3.º — COIMBRA.

O CHEFE DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

AUMENTO NO CUSTO DE ELECTRODOMÉSTICOS

Como é do conhecimento do público em geral, aparecem já no mercado de electrodomésticos aumentos consideráveis, pelo que solicitamos aos compradores toda a urgência na aquisição, a preços antigos, de esquentadores, fogões, frigoríficos, máquinas de lavar roupa e loiça, arca, congeladoras, televisores, rádios, gira-discos, gravadores, auto-rádios, mobiliário, alcatifas, etc. Mais informamos que temos um novo sistema de vendas a prazo ou com facilidades de pagamento.

Somos agentes das melhores marcas.

Rádio Primavera — Rua Gomes Freire, 9-B — Telefones 57 40 42 e 54 94 06.

III CONGRESSO DO MDP/CDE

Da necessidade de participação à formulação de um novo projecto

A participação no poder a todos os níveis, novos estatutos, a Declaração de Princípios Programáticos e novo Projecto de Sociedade foram as mais importantes resoluções do III Congresso do MDP/CDE, que ontem terminou na «Voz do Operário», com a presença de cerca de 700 delegados de todos os pontos do País, diversas delegações estrangeiras e centenas de convidados.

Embora não tenham ficado definidas as condições em que o vai fazer, é ponto assente que o MDP/CDE participará nas próximas eleições, por entender ser insuficiente, no actual contexto político, a simples intervenção no plano social. Isso não põe contudo em causa a Aliança Povo Unido nem outros projectos semelhantes.

Relativamente aos novos estatutos, as principais alterações consistem no aparecimento dos cargos de presidente e vice-presidente (cargos individuais) que até agora não existiam, e que correspondem às necessidades de uma opção partidária.

A organização do partido assenta em três níveis: organização de base, organização a nível regional e organização a nível nacional, de que resultam como órgãos de representação legal a Comissão Executiva Regional ou a Comissão Coordenadora Regional e o Secretariado Nacional. Os órgãos nacionais são o Congresso, o Encontro Nacional, a Comissão Nacional e o Secretariado Nacional, que a partir de agora é o órgão de orientação política do partido.

Realizado sob o lema «Refor-

çar o MDP/CDE — Fortalecer a Democracia», objectivos que os responsáveis afirmam terem sido obtidos, o Congresso, que reflectiu uma ampla democracia interna, caracterizou-se por uma grande diversidade de opiniões, expressas nas diversas intervenções e a todos os níveis, mas, ao mesmo tempo pela mais completa unidade nas votações dos documentos fundamentais, aprovados por aclamação ou unanimidade. Foi evidente também uma profunda autocritica que terá conduzido a uma mais correcta linha de orientação e criado as condições ideais para um relançamento nacional do MDP/CDE que aproveite a sua grande capacidade organizativa e implantação.

Na abertura do Congresso, José Manuel Tengarrinha fez uma análise da actual situação política. Criticou o Governo CDS/PS e apontou medidas de base para fazer face à situação, tais como a defesa do projecto constitucional, o reforço do movimento social unitário, a democratização do aparelho de Estado e a participação das Forças Armadas nas instituições democráticas. Tengarrinha, que viria a ser eleito presidente do MDP/CDE, afirmou a certa altura que «nenhum partido político poderá sozinho aglomerar a base social suficiente para defesa e consolidação da democracia, sendo essencial o efeito multiplicador da aliança entre partidos e organizações democráticas, e útil a diversificação partidária no campo democrático, com expressão na próxima Assembleia da República».

Depois de salientar que o Congresso nasce «da urgente necessidade que a organização do MDP/CDE sentia de, tendo em conta a recente evolução política e social, definir de maneira precisa, individualizada e mobilizadora os seus objectivos, papel e projecto de sociedade», porque «só assim o MDP/CDE poderá cumprir o importante e insubstituível papel que está ao seu alcance e que é exigido pela luta democrática», José Manuel Tengarrinha concluiu: «O

crático e contribuir para a vitória, ao nosso alcance, sobre as graves ameaças reacçãoárias».

«O MDP/CDE NA REVOLUÇÃO PORTUGUESA»

Na tarde de sábado começou por ser discutido na generalidade e votação, o documento básico «O MDP/CDE na Revolução Portuguesa», dividido em quatro partes: MDP/CDE: o Passado e o Presente, Evolução Político-económica, Evolução social e partidária e Domínios de Intervenção do MDP/CDE.

É um extenso documento de análise que começa por lembrar que «as raízes mais profundas do MDP/CDE firmam-se nos movimentos e lutas políticas e sociais desencadeadas contra o fascismo quando, perante a dura repressão e a perspectiva que parecia longínqua de vitória, havia que unir esforços em torno dos objectivos democráticos fundamentais, lutar com grandes riscos, sem desfalecimentos e com a única certeza de recolher desvantagens pessoais, que encontravam compensação na contribuição prestada à libertação do povo português».

Reconhece porém, que a manutenção do MDP/CDE como movimento unitário, onde os aderentes dos partidos democráticos se encontrassem para realizar acções comuns, não era possível perante a intensa partidização e agudas divisões que se cavaram entre os partidos políticos após os fins de 1974, e que se o MDP não tivesse participado nas eleições, «ter-se-ia



MDP/CDE orgulha-se de ter dado valiosas contribuições para o 25 de Abril com a longa e dura luta que desenvolveu contra o fascismo e o colonialismo, tendo sido por isso centenas dos seus membros perseguidos, demitidos dos empregos, presos, selvaticamente torturados. Hoje, a sua grande tarefa é reforçar-se para fortalecer o campo demo-

Princípios Programáticos e Novo Projecto de Sociedade

Nos «Princípios Programáticos» ontem aprovados pelo seu III Congresso, o MDP/CDE «defende a construção no nosso País de uma sociedade em que todos tenham iguais oportunidades, se eliminem todas as formas de exploração do homem pelo homem, se estabeleçam novas relações de solidariedade entre os homens e haja uma integração harmoniosa das aspirações individuais nos interesses colectivos», uma sociedade «que tenha na base o respeito pela propriedade privada e a par da apropriação social dos principais meios de produção e troca».

Defende a completa descentralização do Estado e dos órgãos de poder regional e local, a transição pacífica para o socialismo, assente na vontade popular, a defesa das principais transformações operadas na nossa sociedade após o 25 de Abril e que os benefícios sociais, deverão estender-se a toda a população, o que exigirá tomar-se medidas, prioritariamente, em apoio das camadas menos favorecidas.

Repudia todas as formas e métodos repressivos e autoritários do poder e o recurso à violência, defendendo ser através de um espírito de tolerância e de compreensão pelas posições mútuas, e do fomento do diálogo nas mais diversas situações que os conflitos entre forças sociais e políticas democráticas e divergentes deverão ser resolvidos numa sociedade democrática.

Preconiza o fomento da unidade de todas as forças democráticas e de diversas classes, camadas e grupos sociais, para lutarem em comum contra todas as formas de opressão e de injustiça social que, «mesmo quando parecem respeitar aspectos formais de democracia, acabam de facto por limitá-la e até negá-la».

Luta pelo alargamento e desenvolvimento da consciência democrática e progressista do nosso povo, resultante da participação dos cidadãos nas acções de transformação da sociedade, do combate ideológico, do progresso da ciência e do desenvolvimento de uma cultura livre, crítica e socialmente empenhada.

Defende os valores espirituais do povo português que, «sendo expressão da sua existência através dos tempos, estruturam e enriquecem a identidade da Pátria, com um conteúdo vivo e permanentemente renovado».

Luta pela defesa da independência nacional e contra todas as ingerências externas que tentem impor-se à vontade soberana do povo português através de opressões ou ameaças de natureza política, económica ou militar.

Defende uma política externa de não-alinhamento como única via para a salvaguarda da independência nacional. Luta pelo desarmamento geral e controlado e pela subsequente extinção dos blocos político-militares.

Defende um funcionamento interno democrático, desde a sua constituição em 1969, valorizando a larga iniciativa das bases que, através da sua per-

manente acção crítica e criativa, são a mola real da organização.

PROJECTO DE SOCIEDADE

No seu «Projecto de Sociedade» definido pelo III Congresso, o MDP/CDE «pugna, como objectivo último, pela construção da democracia socialista, definida como uma nova sociedade da qual se eliminem as formas de exploração do homem pelo homem, o que conduz ao desaparecimento de formas de opressão de uns grupos sociais sobre outros grupos sociais».

Para isso considera como garantias da democracia política, as «liberdades democráticas que sejam expressão da vontade colectiva, do respeito pela liberdade e direitos de cada um», «os processos eleitorais que permitam expressar a vontade popular», a «pluralidade dos partidos», «a constante participação das populações em todos os níveis do poder», a existência de «ideias democráticas nas Forças Armadas», o «enlace do povo com as Forças Armadas através da participação específica destas nas instituições democráticas», a «não ingerência nos assuntos internos de outros Estados» e o «desenvolvimento de relações de amizade e de cooperação com todos os povos do Mundo».

Quanto à democracia económica, o MDP/CDE fundamenta-a na «apropriação social dos principais meios de produção e troca», no papel pre-

ponderante da «propriedade social» na constituição económica do País, no «respeito pela propriedade privada garantindo a todos os cidadãos o direito de dispor livremente, entre vivos ou por morte, da respectiva propriedade, salvo quando disso resultarem novas formas de exploração ou de domínio do mercado», no direito dos camponeses manterem a propriedade individual das suas terras, tendendo para o associativismo entre eles, no desenvolvimento do sector cooperativo e autogestionário, na consolidação da Reforma Agrária, na diversificação do comércio externo e racionalização e controlo dos grandes circuitos de distribuição interna, e numa fiscalidade democrática onerando sobretudo as grandes empresas privadas, os rendimentos mais altos e os consumos supérfluos.

Neste projecto de sociedade o MDP/CDE define como «valores sociais a defender», os Direitos do Homem, como forma de realização de um projecto colectivo que se funde na igualdade concreta de todos os cidadãos, condições que promovam a igualdade de oportunidades, um ambiente natural e humano, indissociável do desenvolvimento económico, igualdade de todos os cidadãos perante as leis e a justiça, e respeito efectivo, dentro da separação absoluta entre o Estado e as Igrejas, pelos direitos e liberdades religiosas, considerando-os como «elementos positivos da transformação global da sociedade portuguesa».

no Poder de sociedade

apagado da cena política em 1975», ao mesmo tempo que «tentar manter a forma de intervenção anterior ao 25 de Abril era não ter em conta as novas e profundamente diferentes condições políticas que se passaram a viver».

O Documento explica as dificuldades que o MDP/CDE experimentou e o abaixamento em relação ao nível de intervenção e de influência que tivera antes e logo após o 25 de Abril, que atribui aos seguintes motivos: «Recuo político das camadas médias da população, influenciadas pela propaganda demagógica das forças conservadoras que exploraram as suas hesitações perante as transformações operadas na nossa sociedade; intensa partidização que dificultava a compreensão, para o grande público, de uma organização como o MDP/CDE que, embora partidária, não se apresentava no mesmo plano e com as mesmas características dos partidos tradicionais; conotação com o PCP, tanto em consequência da intensa campanha mistificadora movida por alguns partidos, como de erros da Direcção do MDP/CDE; explicando-se pelas razões anteriores, a baixa votação obtida pelo MDP/CDE nas

eleições para a Assembleia Constituinte, contribui ela própria para diminuir o nosso peso político num quadro em que a influência e importância dos partidos parecia ser, cada vez mais, medidas em termos estritos de percentagens eleitorais; a agudização dos conflitos sociais e o embate crescente, a partir de meados de 1975, entre as forças de esquerda e de direita, leva à consciência da necessidade de uma concentração de esforços que conduzirá a uma polarização cada vez mais acentuada em torno das grandes opções políticas».

Quanto à situação actual «o MDP/CDE é, depois do PCP e do PS, o partido político com mais vasta cobertura organizativa em todo o Continente». Tem 83 sedes activas em todos os distritos (com excepção de Bragança), conta com 68 centros distritais de dinamização, cobrindo todos os distritos do Continente, a que se encontram ligados cerca de 4000 activistas organizados com alto grau de militância. É a partir desses centros que o MDP/CDE tem vindo a alargar-se e a estabelecer o contacto com os seus membros dis-

Continua na pág. 8

Os novos dirigentes eleitos pelo Congresso do MDP/CDE

São os seguintes os novos dirigentes do MDP/CDE eleitos ontem pelo Congresso deste partido: Comissão Nacional — José Manuel Tengarrinha (presidente), António Galhorda (vice-presidente), Herberto Goulart (vice-presidente), Luís Catarino (vice-presidente), Raul de Castro (vice-presidente), Amaro Espírito San-

to, António Gonçalves, Blasco Hugo Fernandes, Eduardo Pedrosa, Fernando Silveira Ramos, Gilberto Lindim Ramos, Helena Cidade Moura, João Paiva, João Luís Madeira Lopes, José Ribeiro Sineiro, Manuel Iglésias Esteves, Marcos Antunes, Maria Justina Imperatori, Martins da Costa e Sousa Pereira.

Moções aprovadas e telegrama a Eanes

No decorrer do III Congresso do MDP/CDE foram aprovadas duas moções de importante significado. Uma referia-se à comemoração do 30.º aniversário da morte de Bento de Jesus Caraça, homenagem à qual o Congresso do MDP/CDE se associou; outra foi dirigida à Frelimo, que comemora o 3.º aniversário da independência de Moçambique, e nela se salienta que «a vitória da Frelimo e de Moçambique é também uma vitória de nós portugueses, e nós sabemos bem que se a vitória era certa para os povos irmãos e certa também para o povo oprimido de Portugal, essa vitória veio cedo e foi mais bela na unidade con-

tra o opressor comum, unidade para a qual o Movimento das Forças Armadas foi original e glorioso contributo».

Além destas duas propostas foi ainda enviado ao Presidente da República, o seguinte telegrama: «III Congresso do Movimento Democrático Português MDP/CDE, no momento em que se abrem horizontes novos para imprescindível estreitamento de relações entre Estados portugueses e angolano aproximando-os da profunda solidariedade entre seus povos, saúda V. Ex.ª e faz votos veementes sejam nestas conversações derrubadas barreiras que o inimigo comum vem procurando interpor entre ambos os povos».

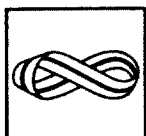


Você que é consciente vai agora sentir-se mais confiante.

A partir de agora, você como depositante do Banco Totta & Açores passa a estar automaticamente abrangido, sem quaisquer formalidades, por um seguro de acidentes pessoais, em caso de morte ou invalidez permanente. Segurança que o fará sentir-se seguro de si, para além da segurança e dos juros sobre os valores depositados. Cada novo depósito acrescentará mais segurança para si e para a sua família.

O Banco Totta & Açores acordou com a Companhia de Seguros Império a constituição do seguro de acidentes pessoais, cujo prémio é de apenas 0,05%, para os seus depositantes, pessoas singulares — residentes no País e emigrantes ou equiparados — com contas de depósito que vençam juros, sejam depósitos à ordem, com pré-aviso ou a prazo e até ao montante de 1 000 contos.

CAMINHE SEGURA E CONFIADAMENTE NA VIDA. DEPOSITE NO



BANCO TOTTA & AÇORES

Mais de 100 Balcões



Pub

C. C. T. V. GARAGENS COMUNICADO N.º 2

Chegados praticamente ao fim do prazo estabelecido para as negociações directas do CCTV para o sector de GARAGENS com a Associação Patronal (ANAREC), todas as principais cláusulas se encontram ainda suspensas por falta de acordo dos representantes patronais, a saber:

- TABELAS SALARIAIS;
- HORÁRIO DE TRABALHO;
- PERÍODO DE VIGÊNCIA;
- RETROACTIVOS;
- ETC.

Em relação a estas matérias, após o início das negociações directas, os representantes patronais nem sequer apresentaram qualquer contraproposta.

Por outro lado, em relação a outras cláusulas, como:

- COMPLEMENTO DO SUBSÍDIO DE DOENÇA;
- DESCONTO DAS QUOTIZAÇÕES;
- ETC.

Os patrões continuam apostados em retirar-nos estas e outras regalias actualmente em vigor.

Como se não bastasse o desenfreado aumento do custo de vida a que todos os dias vamos assistindo, a ANAREC, a julgar pela sua posição até este momento, pretende, através da negociação de um novo contrato arrecadar mais algumas vantagens para si, tomando ainda mais negra a já sombria situação dos trabalhadores.

CAMARADAS:

A manter-se esta posição por parte dos senhores da ANAREC, resta-nos apenas um caminho:

LUTAR PELA MANUTENÇÃO DAS REGALIAS JÁ EXISTENTES E PELAS NOSSAS JUSTAS REIVINDICAÇÕES.

Aquilo que os sindicatos chegaram a pensar tratar-se de uma posição inicial por parte da Associação Patronal, susceptível de se alterar no decurso das negociações, veio a revelar-se, afinal, uma posição intransigente e, em alguns casos, atentatória dos direitos dos trabalhadores.

- Compareçam em força aos plenários e assembleias que serão convocados pelos sindicatos;
- Sejam serenos mas firmes na LUTA pelas nossas direitos e garantias;
- Em frente por um novo CCTV.

UNIDOS VENCEREMOS!

Sindicato Garagens do Porto
Sindicato Garagens Lisboa
Sindicato Garagens Aveiro
Sindicato Garagens Braga
Federação dos Metalúrgicos

Congresso do MDP/CDE

Continuação da pág. 7

persos geograficamente e em variados domínios de actividade.

Sobre os seus domínios de intervenção, o Documento salienta que o MDP/CDE «não é um partido de classe, o partido de uma classe» e que «entre os grandes partidos, só o PCP — afirmando-se como partido da classe operária — se coloca manifestamente como partido que defende os interesses de uma classe, inevitavelmente não coincidentes no conjunto, com os de outras classes e grupos sociais, mas apenas pontualmente e conjunturalmente convergentes quando não contrários. Os restantes grandes partidos portugueses não o dizem, ou para mascarar a defesa que fazem, de facto, das posições dos exploradores, ou para manter uma ambiguidade que, em situações agudas, rompe com um lado ou com o outro (e normalmente rompe com os interesses populares)». Acrescenta que o facto de não ser partido de classe não quer dizer que o MDP/CDE se tente apresentar de novo como um partido de unidade de classe nem quer dizer que o MDP/CDE não defina a sua principal base de apoio social, sem que no entanto se arvore em seu representante ou defensor exclusivo, mas reconhece que algumas das maiores dificuldades que encontrou na sua afirmação pública «resultaram precisamente de termos defendido um projecto de unidade de classes vago, teórico, intelectualizado, supra-classista, de que teria eventualmente saído uma mensagem muito pouco clara e que para alguns encobria propósitos oportunistas e demagógicos, ao serviço de interesses partidários exteriores ao MDP/CDE».

De acordo com as análises feitas, o MDP/CDE considera que poderá desenvolver a sua intervenção como «partido político que se identifica com as aspirações e os interesses do Povo Português, num projecto de sociedade democrática» não como um partido de classe, «mas como um partido que aglutina os sectores sociais que, para além de eventuais divergências secundárias, possam ser conquistados por um projecto global de transformação da sociedade portuguesa».

Na declaração política final, apresentada por António Galhordas, o MDP/CDE sublinha o seu contributo para o fortalecimento da **Unidade do Povo** e condena a política prosseguida pelo actual Governo PS/CDS, «pois que tal política arrasta consigo o germe do imobilismo destruidor das forças económicas e sociais da Nação, levanta enormes dificuldades, esmaga e leva à falência as pequenas e médias empresas, com graves reflexos nos sectores possidentes da pequena burguesia comercial, industrial e agrícola, no aumento do desemprego, no abaixamento do nível de vida dos trabalhadores e das camadas populares, e na medida em que leva à subordinação aos grandes grupos monopolistas que dominam a actividade da economia do Mercado Comum e o funcionamento do FMI, esta política põe efectivamente em risco a independência nacional».

Reclama por isso na sua declaração política, a existência de um governo democrático «que saiba mobilizar os trabalhadores através da realização de uma política económica que sirva os seus interesses, que preserve o papel preponderante da proprie-

dade social na constituição económica, o papel indispensável da pequena e média empresa, e permita e estimule o efectivo desenvolvimento dos sectores cooperativos como factores coadjuvantes de todo um plano de aproveitamento máximo das capacidades produtivas e dos recursos nacionais», um Governo que, «reflectindo a participação das forças económicas e sociais do País, realize um plano de austeridade bem interpretado e aceite, em que a repartição dos sacrifícios esteja na razão directa da repartição da riqueza».

Uma carta do presidente Agostinho Neto

O presidente da República Popular de Angola, Agostinho Neto enviou, a José Manuel Tengarrinha, a propósito do III Congresso do MDP/CDE uma carta na qual, depois de afirmar que «a acção revolucionária contém semelhanças e pontos básicos concordantes exigindo a maior solidariedade e firmeza, em pontos os mais distantes do mundo», diz «Temos seguido os acontecimentos no teu país e não podemos senão desejar que os defensores da democracia esmaguem de uma vez para sempre as manobras da reacção».

«Os nossos delegados, dos quais um ou dois membros do CC do nosso Movimento, afirmarão a solidariedade do povo angolano para com o povo português e o desejo de avançarmos todos para os objectivos da liberdade e da Paz».

ATAQUES DA DIREITA "SÃO BOM SINAL"

Dentro de 15 dias o SNS em Conselho de Ministros

A última palavra em matéria de Serviço Nacional de Saúde pertencerá ao Ministério dos Assuntos Sociais, o qual não abdicará da sua responsabilidade perante o povo português — declarou o dr. António Arnaut, no final de uma visita efectuada ao Hospital Psiquiátrico de Lorrvão.

O projecto de SNS apresentado pelo CDS é, segundo o titular do MAS, «apenas uma contribuição» que será considerada juntamente com outras pelo grupo de trabalho encarregado de elaborar o projecto que «dentro de 15 dias será apresentado a Conselho de Ministros».

António Arnaut, que se fazia acompanhar pelo secretário de Estado da Saúde, e pelo governador civil de Coimbra, declarou ainda que o projecto do SNS não iria ser discutido na Assembleia da República por se tratar de «uma área em que o Governo tem competência legislativa».

Tal não impedirá, contudo, «depois de aprovado e em vigor» que um grupo de deputados «requeira como a Constituição e o regimento da Assembleia prevêem» a sua ratificação.

Sobre o facto da apresentação do projecto do CDS sobre o SNS

coincidir com uma agudização das críticas à sua actuação, por certos órgãos de Comunicação Social, aquele membro do Governo, acentuou que isso não o preocupava e que as críticas dos jornais de direita e de extrema-direita eram «bom sinal» pois significavam que a equipa do MAS estava «a honrar o compromisso que assumira perante o povo português».

«E como estamos a tentar praticar uma política progressista — continuou António Arnaut — virada essencialmente para as camadas pobres do povo português, as forças reacçãoárias, conservadoras e direitistas não estão tranquilas com a nossa acção».

Depois de acentuar que essas críticas constituem «um direito essencial numa democracia» António Arnaut manifestou o desejo de que lhe fossem apontados os pontos em que a sua acção violava o programa do Governo uma vez que esse programa era «o contrato que nós temos com o povo português».

Aquele governante exprimiu ainda a convicção de que as divergências entre o PS e o CDS nesta matéria não eram de molde a pôr em causa o acordo

de Governo entre os dois partidos.

MDP/CDE «É VÁLIDO»

«Uma base de trabalho válida no que diz respeito aos seus princípios doutrinais e que tudo dependerá da legislação regulamentar que vier a concretizar as bases muito gerais que agora foram apresentadas» — é a posição do MDP/CDE face ao anteprojecto do Serviço Nacional de Saúde.

Para o MDP, o SNS deverá ainda ter em conta, quanto aos trabalhadores da saúde, aspectos ligados às carreiras profissionais, definição dos respectivos estatutos, ensino, reciclagem e formação permanente. Também o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Hoteleira e Similares do distrito de Faro, em reunião de delegados sindicais, aprovou uma moção de apoio ao SNS.

No referido texto, manifestam «inteira solidariedade pelo empenhamento demonstrado» pelo ministro Arnaut e repudiam «minorias» insignificantes que, informadas com a perda de privilégios, tentam, através de todas as influências, denegir o SNS».

PORTO

Um quarto da população tem menos de 14 anos

PORTO, 26 — Cerca de um quarto da população do Porto tem menos de 14 anos, segundo o Instituto Nacional de Estatística que fez um levantamento demográfico do concelho do Porto, com base em números do início desta década.

Efectivamente o recenseamento do INE regista que, em 1970, residiam nesta cidade 301.655 pessoas, das quais 65,4 por cento com idade compreendida entre os 16 e os 64 anos, 24,8 por cento com menos de 14 anos, e 9,8 por cento com mais de 65 anos. A taxa de

natalidade, no mesmo ano, fixou-se em 28,16 por cento, enquanto a de mortalidade se cifrou em 11,46 por cento. Ainda segundo o INE este dado revelador: mais de metade das crianças nascidas no Porto morreram antes de atingirem o primeiro ano de idade.

A estatística dá-nos conta que a população é maioritariamente constituída por pessoas do sexo feminino: para cada homem havia 1,24 mulheres. O levantamento demográfico revela, depois, que a população activa (com emprego) é constituída por 128.805 pessoas. Des-

ta população, 113.130 pessoas trabalha por conta de outrem, 9.410, por conta própria, 5.320 são patrões e 550 trabalha sem remuneração em empresas familiares. Das 24 indústrias mais importantes implantadas na área da cidade a primeira é a construção e obras públicas, com 13.745 trabalhadores, repartidos por 273 empresas, produzindo 1.641.651 contos e pagando 549.872 contos de remunerações, valores estes apurados em 1971.

Ainda de acordo com o levantamento do INE, a cidade do Porto tem 179 estabelecimentos de ensino, a maioria dos quais (132) do ensino básico. Dos restantes, 13 são do ensino secundário, 22 do ensino artístico e outro de índole profissional.

No que diz respeito à habitação, em 1970, existiam no Porto 75.560 fogos. Mais de um terço (23.755) não tinha instalação fixa de casa de banho ou chuveiro, enquanto que 9070 casas não tinham água canalizada, 1290 não tinham energia eléctrica e 2240 não possuíam retrete.

BANCO DE PORTUGAL

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS DE EMISSÃO E TESOURARIA AVISO

O Banco de Portugal leva ao conhecimento do público que, de harmonia com o disposto nos artigos 10.º e 11.º da Lei Orgânica, resolveu retirar da circulação, a partir de 3 de Julho de 1978 e até 31 de Dezembro de 1978, as seguintes notas:

CEM ESCUDOS, chapas 6 e 6A, efígie «Pedro Nunes»
CINQUENTA ESCUDOS, chapas 7 e 7A, efígie «Fontes Pereira de Melo»

No decurso do prazo de retirada acima indicado, manter-se-á o poder liberatório das referidas notas, não podendo, portanto, ser recusadas nos pagamentos.

Expirado aquele prazo, as notas abrangidas por este aviso só poderão ser trocadas ou reembolsadas no Banco de Portugal, quer na Sede, em Lisboa, quer em qualquer das suas Delegações, até 31 de Dezembro de 1998, data a partir da qual aquelas notas deixam de ter qualquer valor fiduciário.

Lisboa, 26 de Junho de 1978

BANCO DE PORTUGAL

Os Administradores

Joaquim Mestre
Luís Carlos de Assunção Brás Teixeira

FÉRIAS NA PRAIA

TRÓIA-ESTADIAS
ALGARVE-ESTADIAS E COM TRANSPORTE
COSTA DEL SOL-ESTADIAS E COM TRANSPORTE
BENIDORM-ESTADIAS E COM TRANSPORTE
PALMA DE MAIORCA
IBIZA-LAS PALMAS
Preços desde
1.975\$00
1 SEMANA
Peça nos programas

CONSULTE BUISSON VIAGENS - TURISMO

RUA BRAAMCAMP 15 D
Tels 4 04 59 - 4 04 68 - 55 68 23
Teleg BUISTOUR Telex 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

PRECISA-SE

BATE-CHAPA de 1.ª para período de 2 a 3 meses. Ordenado mensal 14 000\$00. Tel. 84 47 25 — 83 57 91.

OPERADORES TURÍSTICOS ASSOCIADOS

FÉRIAS NA PRAIA
VÔOS ESPECIAIS DIRECTOS TAP
P. MAIORCA desde 6.390\$
CANÁRIAS " 8.870\$

PEÇA O NOSSO LIVRO DE FÉRIAS AO SEU AGENTE DE VIAGENS E FAÇA AS SUAS RESERVAS JÁ!

Pub

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

PLENÁRIO DO ENSINO PRÉ-PRIMÁRIO CONVOCATÓRIA

Convocam-se todas as Educadoras de Infância, Auxiliares de Educação e Vigilantes com funções pedagógicas para um plenário a realizar no próximo dia 27 de Junho, pelas 21 horas e 30 minutos, no Sindicato dos Trabalhadores na Imprensa, Lg. da Trindade, 16-1.º

OT:

1. Informações várias
2. Promoção de Auxiliares de Educação
3. Processo das Educadoras Paulo VI
4. PRT dos Infânticos

Lisboa, 14 de Junho de 1978
Pelo Secretariado do Particular
Ilegível

NA COVILHA

Lanifícios escolheram
lista unitária

A lista A, unitária, venceu as eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Lanifícios do Distrito de Castelo Branco, com sede na Covilhã, ao somar 1397 votos, contra os 945 da lista derrotada (no que se refere à direcção).

A lista vencedora — «Unidos e organizados venceremos» — manifestava-se no seu programa de acção contra os despedimentos e o desemprego; contra o encerramento das empresas, pela reestruturação do sector; por melhores condições de vida; por um sindicato forte e democrático ao serviço dos trabalhadores.

Quanto à lista derrotada, defendia «um sindicato democrático pelo reforço da unidade e organização, por um sindicalismo de classe».

Da lista vencedora faz parte António Carlos Andrade que recentemente tinha sido eleito, no II Congresso dos Têxteis, para o Secretariado da Federação Nacional dos Sindicatos Têxteis.

A percentagem de votantes rondou os 30 por cento.

**CERÂMICA
E ACTIVIDADES
CINEMATOGRAFICAS**
Também nos Sindicatos

dos Trabalhadores de Cerâmica de Leiria e no das Actividades Cinematográficas, se registaram vitórias de listas unitárias.

No primeiro dos casos, a lista eleita foi a única que se apresentou, tendo recolhido cerca de 880 votos, o que representa cerca de 25 por cento do total possível.

No caso do Sindicato das Actividades Cinematográficas, de âmbito nacional, também houve uma única lista, que registou 447 votos em Lisboa e 197 no Porto.

LISTA A
NOS CORTICEIROS
DO NORTE

A lista A — «Por um Sindicato Forte e Unidos ao Serviço dos Trabalhadores Corticeiros» venceu as eleições, ontem realizadas, para os corpos gerentes do Sindicato dos Operários Corticeiros do Norte.

Resultados: lista A — 388 votos; lista B («Por uma Direcção que Ponha o Sindicato ao Serviço dos Trabalhadores»), 189; votos nulos 5.

CIL PROMOVEU ENCONTRO

CT's querem lei constitucional
e consolidação do controlo operário

O Encontro de Comissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa que se realizou no sábado, na Fábrica de Louça de Sacavém, decidiu considerar inaceitáveis os argumentos do patronato e dos que lhe servem os interesses, quando afirmam que não há lei regulamentadora das actividades das CT's.

Nas conclusões do Encontro recorda-se que a Constituição, os Decretos-Leis 57/77 e 874/76, a Lei dos Despedimentos e a Convenção 87 da OIT, reconhecem a existência e seu consequente funcionamento, bem

como alguns direitos dos membros das Comissões de Trabalhadores.

A reunião tinha sido convocada para debater a situação legal e constitucional das CT's suas realizações e dificuldades, após rejeição na Assembleia da República, do Decreto 93/1.

A propósito dessa votação, realizada em 31 de Maio, o Encontro de sábado concluiu que «veio ao encontro da vontade da esmagadora maioria das organizações de trabalhadores».

Nas conclusões foi reafirmada aos órgãos de soberania a firme disposição das CT's de aceitar

rem e cumprir uma lei específica exigindo no entanto que o seu conteúdo contemple os requisitos constitucionais e a experiência, autonomia e dinâmica próprias das organizações de trabalhadores.

Noutro ponto foi reafirmada a disposição de os trabalhadores da CIL consolidarem o controlo operário, uma conquista da Revolução.

A propósito da experiência das CT's, foi decidido recomendar à CIL a publicação de um boletim que contenha sinteticamente os ensinamentos que se poderão colher das intervenções registadas no plenário.

O Encontro aprovou, também, o estabelecimento de uma plataforma de unidade entre as diversas camadas sociais para concretização do controlo operário e defesa das conquistas dos trabalhadores.

Decidido, finalmente, contribuir para que, ao nível dos trabalhadores, se crie uma consciência plena da grave situação para a qual o País está a ser encaminhado, de forma a que a alternativa das forças políticas verdadeiramente democráticas e representativas dos anseios e direitos dos trabalhadores, se torne uma realidade não muito distante.

A QUESTÃO
MANTÉM-SE
EM ABERTO

Iniciando os trabalhos, um representante da CIL alertou para o facto de, face ao afastamento momentâneo da ameaça que pairava sobre as CT's haver os que descansam e os que procuram impedir o seu funcionamento por não existir uma lei específica.

Aos que descansam, «dizemos que embora existam razões para estarmos satisfeitos, a questão mantém-se em aberto».

Por outro lado, focando as manobras das entidades patronais e de algumas administrações, aquele elemento dizia: «A nossa resposta terá de assentar fundamentalmente na capacidade de mobilizar, organizar e, acima de tudo, unir, os trabalhadores em torno de objectivos concretos».

A propósito do «revolucionismo inconsequente e do aventureirismo», o orador salientou que «quantas vezes, aqueles que lançam palavras de ordem de manifestações, de greve pela greve, não conseguem nas suas empresas, resolver ou contribuir para a resolução concreta dos problemas».

US DE CASTELO BRANCO ACUSA

PSP agrediu na "Ideal"

A União dos Sindicatos de Castelo Branco repudiou a acção da PSP na fábrica de confecções Ideal, da Covilhã, acusando os elementos daquela corporação de terem agredido «trabalhadoras que mais não faziam do que lutar pelo pão dos seus filhos».

Segundo o comunicado divulgado, a PSP terá maltratado os trabalhadores, lançando ao chão uma mulher grávida. No documento responsabiliza-se o Governo por «mais um atentado à democracia e à Constituição».

O conflito nesta unidade fabril foi originado pela falta de pagamento de salários, subsídios e retroactivos. Em consequência, foram montados piquetes para evitar a saída das máquinas e matérias-primas.

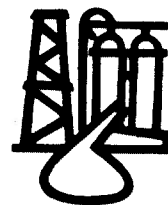
A intervenção da PSP ficou a dever-se ao aparecimento de dois empregados enviados pela administração no sentido de retirarem das instalações as máquinas e os produtos que lá se encontram, o que agudizou o conflito.

DINHEIRO
PARA A SIG

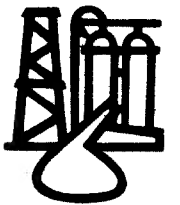
Entretanto, o secretário de Estado da População e Emprego concedeu à Sociedade Industrial de Gouveia um subsídio de 13200 contos para pagamento dos salários devidos aos trabalhadores.

A medida terá sido tomada na sequência de diligências etec-

PUB



**SINDICATO DOS TRABALHADORES
DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS
DO CENTRO, SUL E
ILHAS ADJACENTES
E MOAGENS DO CENTRO E SUL**



Campo dos Mártires da Pátria, 50, 1.º e 2.º (Sede) — Tels.
58934/5-58630 — LISBOA

A REPRESSÃO PATRONAL CONTINUA!
A BAQUELITE LIZ É NOTÍCIA
DELEGADO SINDICAL DESPEDIDO!

O delegado Sindical Álvaro Pereira Fernandes, membro da Comissão de Trabalhadores, vogal suplente da Comissão de Conciliação e Julgamento, responsável pelo pelouro da Segurança Social do nosso Sindicato na região do distrito de Leiria, CASADO E COM SEIS FILHOS, foi despedido pelo patronato!

Este «processo», mais um, iniciou-se em Agosto de 1974. Nesta data o patrão da Baquelite Liz tentou o despedimento arbitrário. A movimentação decisiva dos seus companheiros de trabalho, do nosso Sindicato e da União dos Sindicatos de Leiria, impediram que ele se concretizasse.

Contudo o patronato não renunciou à ideia de eliminar este activo e corajoso trabalhador, em várias frentes, sempre na defesa dos trabalhadores e para o REFORÇO DA SUA ORGANIZAÇÃO SINDICAL.

Era isto que o patronato não aceitava! Em Abril de 1978 o patrão instaurou-lhe um processo disciplinar, com intenção de despedimento. Este processo alegava «FALTAS INJUSTIFICADAS»!

TODAS AS AUSÊNCIAS do delegado Sindical Álvaro Pereira Fernandes, sempre foram prontas e inequivocamente justificadas pelo Sindicato — ao serviço do qual se encontrava.

Em 20 de Junho de 1978 recebeu uma comunicação do patrão, informando-o que estava DESPEDIDO!

No dia 14 de Junho o Sindicato distribuía um comunicado aos trabalhadores, para estarem UNIDOS E VIGILANTES. No dia 22 de Junho realizou-se uma Assembleia de Trabalhadores, na fábrica. O patronato tudo fez para anular a realização da reunião. Os trabalhadores foram intimidados a não irem ao plenário e ameaçados caso comparecessem. Os restantes 5 (cinco) delegados foram ameaçados com inquéritos.

Contudo, o plenário fez-se e decidiu realizar uma votação secreta, para os trabalhadores se pronunciarem sobre o despedimento, no próximo dia 27-6-78.

O patronato continua a querer reprimir os trabalhadores e, sobretudo, os representantes e trabalhadores mais activos. FÁ-LO, POR VEZES, DA FORMA MAIS BRUTAL: DESPEDIMENTO!

O Governo queda-se silencioso sobre estas práticas intimidatórias e primárias do patronato. ISTO NAO DEVE CONTINUAR. Os trabalhadores tudo farão para que o seu camarada ÁLVARO PEREIRA seja reintegrado!

O Movimento Sindical tudo fará para que isso aconteça e o GOVERNO NÃO PODERÁ FICAR ALHEIO A MAIS ESTA ARBITRARIEDADE DO PATRONATO!

— CONTRA A REPRESSÃO PATRONAL!
— A LUTA CONTINUA!
— NA UNIDADE A VITÓRIA DOS TRABALHADORES!

Lisboa, 23 de Junho de 1978

A DIRECÇÃO
Hélder Simão Pinheiro

Lista Unitária candidata
nos Técnicos de Desenho

«Reforçar a unidade é garantir o futuro», defende a lista A, unitária, candidata às eleições no Sindicato dos Técnicos de Desenho, no próximo dia 29.

A lista unitária é constituída por sócios do Sindicato com larga actividade sindical, exercida quer como membros dos corpos gerentes (quatro elementos são membros da actual direcção) quer como delegados sindicais ou ainda como componentes de outros organismos representativos de trabalhadores.

A dinamização da constituição desta lista deve-se a uma Comissão Dinamizadora Unitária, também constituída por técnicos de desenho com intensa participação na vida sindical, tendo por objectivo apresentar corpos gerentes que dessem garantias de lutar por um sindicato democrático, pela unidade sindical e pela defesa da Constituição.

Os nomes dos componentes desta lista A unitária foram entregues ao presidente da Mesa da Assembleia Geral, no dia 30 de Maio último, acompanhados de mais de um milhar de 1000 assinaturas de apoio, recolhidas em locais de trabalho de todo o País.

No programa de acção, os componentes da lista A unitária destacam, entre outras, as questões prioritárias da contratação colectiva, legislação do trabalho e contencioso, informação e formação e, ainda, carreira profissional — carteira profissional.

A ser eleita, a lista unitária A, defenderá a manutenção do Sindicato dos Técnicos de Desenho filiado na CGTP-IN (este sindicato foi um dos organismos fundadores da Intersindical na clandestinidade) e lutará pelos problemas da classe no âmbito do Movimento Sindical Unitário.

As eleições do próximo dia 29, concorre uma outra lista, a B, cuja sigla é: «Por um Sindicato Democrático e Independente».

dente ao Serviço dos Trabalhadores».

SESSÃO DA LISTA A
EM LISBOA

Os componentes e promotores da lista unitária A fazem uma sessão de esclarecimento esta noite, às 21 horas, no Sindicato de Trabalhadores na Imprensa (Largo Trindade Coelho, 16), que encerrará com canto livre. As sessões de esclarecimento prosseguem amanhã, 27, às 18 horas, no Tramagal (Sindicato dos Metalúrgicos), e às 21, simultaneamente, na Marinha Grande (Sindicato dos Vidreiros) e em Torres Novas (União Sindical de Torres Novas).

APÓS NEGOCIAÇÕES

Hotelaria dos Açores
terminou paralisação

Terminou a greve do sector de hotelaria das ilhas Terceira, S. Jorge e Graciosa. A desmobilização desta forma de luta foi feita após negociações com a entidade patronal, até à meia-noite de ontem, que terminaram com um acordo.

Nessas negociações, que prosseguirão amanhã, as empresas comprometeram-se a pagarem o 13.º mês por altura do Natal, enquanto os representantes dos trabalhadores abdicavam do direito reivindicado de poder optar entre um subsídio mensal de alimentação no valor de 800 escudos e a comida no local do trabalho.

Continua por acordar a tabela salarial: o patronato pretende um aumento igual para todos, enquanto os representantes dos sindicatos defendem aumentos maiores para as classes mais desfavorecidas.

AGRESSÃO: BUSCA
SEM RESULTADOS

O caso da agressão a dirigentes sindicais que se encontram

nos Açores suscitou um comunicado do Sindicato dos Gráficos do Sul que comenta: «Foi apresentada queixa à Polícia e promovida uma busca sem resultados... facto que, infelizmente, não surpreende os trabalhadores e as restantes forças democráticas».

Solidarizando-se com os agredidos, o sindicato responsabiliza «o Governo Regional dos Açores porque tem sido a sua política reaccionária e conivente com a FLA que tem animado as acções terroristas e impedido o livre exercício das liberdades democráticas e sindicais».

«Este acto criminoso» — acrescenta o comunicado — «insere-se na luta que as forças reacçãoárias e aventureiristas têm realizado contra o reforço do Movimento Sindical nas ilhas, reforço esse que apenas visa melhorar a capacidade de reivindicação e intervenção dos trabalhadores, impedindo a regionalização dos sindicatos como pretendem os separatistas».

RAMALHO EANES

A guerra colonial foi injusta para todas as partes

■ BISSAU, 26 — O Presidente Ramalho Eanes declarou que teria sido suficiente que a Cimeira de Bissau, entre o chefe do Estado português e o presidente Agostinho Neto, da República Popular de Angola, proporcionasse aos dois dirigentes «a oportunidade de afirmarem, com franqueza, as posições de ambas as partes, para que resulte evidente a possibilidade de conciliar as posições de dois países numa cooperação que possa testemunhar ou, pelo menos, promover a autêntica fraternidade entre os dois povos».

No discurso proferido durante o jantar oferecido pelo presidente da Guiné-Bissau, Luís Cabral, aos dois chefes de Estado visitantes, Ramalho Eanes afirmou estar Portugal consciente «das dificuldades que, de um lado e de outro, ainda obstem ao desenvolvimento harmonioso» das relações mútuas. Essa problemática, salientou, não tem origem na diferença de regimes, mas antes resultou, «principalmente, das perturbações que ambos os países tiveram de atravessar».

O Presidente português, depois de aludir à vontade que Agostinho Neto tem demonstrado para que sejam ultrapassados «os obstáculos a uma cooperação destinada à defesa dos interesses de ambos os países», fez notar ser o dirigente angolano quem, «pela sua capacidade política e pela sua envergadura de estadista, pelo

seu conhecimento profundo da realidade portuguesa e pela sua identificação com a própria personalidade na nação angolana, está em melhores condições do que ninguém para avaliar todo o alcance da cooperação que é viável» entre Portugal e Angola.

Na sua intervenção durante o banquete, decorrido ontem à noite no palácio presidencial de Bissau, o general Ramalho Eanes começou por referir a importância histórica desta reunião de três chefes de Estado envolvidos no conflito colonial, que conduziu a uma guerra inútil e injusta para todas as partes, «como desde cedo — afirmou — compreendeu o grande espírito de humanista africano que foi Amílcar Cabral».

Enalteceu depois, a hospitalidade da Guiné-Bissau, bem como a boa vontade e empenho envolvido pelo presidente Luís Cabral para a realização e êxito desta cimeira, que, segundo disse, «sublinham antes de mais nada — atendendo às diferenças dos regimes cujos representantes aqui se reuniram — a sinceridade de uma política de não-alinhamento». Tais esforços, disse Eanes, «demonstram também que os dirigentes da Guiné-Bissau reconhecem o alto valor da solidariedade internacional e a possibilidade de convivência e cooperação entre povos que, fechadas as pontes do diálogo,

ainda há poucos anos pareciam condenados a sacrificar os seus mútuos sentimentos e interesses».

Dirigindo-se a Luís Cabral, o chefe do Estado português manifestou a sua convicção de que o nome do dirigente guineense ficaria na História da libertação dos povos de África «e, sobretudo, (ligado) aos mais recentes passos deste continente nos caminhos da compreensão e da paz».

A cimeira de Bissau, declarou depois Ramalho Eanes, «permitirá a dois Estados independentes e iguais afirmarem a seriedade da sua mútua disposição de entendimento sobre erros do passado e as diferenças do presente». Princípios, aliás, que salientou serem os que têm pautado as relações entre a Guiné-Bissau e Portugal.

Neste contexto, referiu-se ao bom desenvolvimento que têm registado as relações e a cooperação bilaterais entre Lisboa e Bissau, resultando numa colaboração estreita e de mútuas vantagens aos povos dos dois países, já que têm por base e foram conduzidas de acordo com a sua vontade soberana.

Disse, todavia, ter tudo isto sido somente possível pelo facto de o chefe de Estado guineense ter compreendido «o Portugal da descolonização», que liberto do estigma de potência colonizadora, promove a cooperação «com o espírito de um País liberto das suas

próprias servidões e, por isso, capaz do rigoroso cumprimento da ética das relações entre Estados».

A terminar, Ramalho Eanes, depois de recordar os laços histórico-culturais que unem Portugal a África e, particularmente no caso da Guiné-Bissau e Angola, o facto de os três povos se exprimirem numa língua comum, declarou considerar promissor, «para a normalização das relações entre a República Popular de Angola e Portugal, que este meu primeiro encontro com o presidente Agostinho Neto tenha decorrido em território da Guiné-Bissau».

Dirigindo-se, depois, ao presidente Agostinho Neto, o Presidente português abordou as dificuldades e perturbações que têm impedido as boas relações bilaterais, apontando nomeadamente alguns dos factores «que avolumaram os problemas que, em qualquer caso, acompanham o processo de descolonização». Dentre estes, referiu-se ao regresso a Portugal de mais de 400 mil portugueses «que não puderam participar na construção de uma Angola independente» em muitos casos devido à «realidade política que antecedeu a definição do Estado de Angola».

Não deixou, também, de fazer notar que essas dificuldades foram também agravadas devido a incertezas ocorridas ao longo do processo de democratização português, que impediram o País «de assumir, sem preconceitos, a sua identidade nacional». A propósito, acrescentou terem faltado a Portugal «condições para lidar a mudança de atitude que, valorizando tudo o que de positivo estava feito, recusando a responsabilidade pela destruição dos valores que interessavam ao futuro de Angola, permitisse institucionalizar novas formas de relacionamento ajustadas aos objectivos dos dois povos e dos dois países».

Daí que, segundo afirmou Ramalho Eanes, as circuns-

tâncias tivessem algumas vezes, conduzido «a que os portugueses e os interesses de Portugal fossem objecto de tratamento menos favorável do que o concedido a outros estrangeiros», no quadro de uma problemática imputável à complexidade das situações de descolonização.

Depois de referir que Portugal se orgulha de ser, na Europa, «o País que mais extensamente reflecte a cultura angolana», Eanes afirmou que «Portugal deseja apenas estabelecer com Angola formas de relação mutuamente vantajosas e de inteira reciprocidade».

Uma relação desse tipo, disse ainda, virada para múltiplas direcções, «é possível, é necessária e é conveniente, não só para nós mas também para os países com os quais podemos estabelecer mais facilmente formas de estreita cooperação».

Cooperação que, afirmou Eanes, supõe nos dois países a existência do ambiente mais adequado.

Todavia — reconheceu o Chefe do Estado português — a vontade política de Portugal e de Angola em conduzirem «as suas relações de acordo com os princípios éticos que devem regular a convivência entre Estados soberanos e as condições históricas que podem favorecer-las», não dispensa os dois países «de percorrer um caminho longo e difícil para vencer as sequelas de um período perturbado».

Em seguida, Ramalho Eanes abordou o caso particular «dos cidadãos portugueses que permanecem em Angola sem assistência consular ou judiciária adequada», bem como a resolução de outros casos originados nos tempos da administração colonial, manifestando, no entanto, ao Presidente Agostinho Neto a convicção de que «será possível eliminar rapidamente situações perturbadoras da harmonia nas nossas relações».

Portugal, disse a terminar, está porém animado da esperança de que, «paciente mas determinadamente», Lisboa e Luanda saberão «implementar uma nova fase de cooperação que os progressos aqui (em Bissau) realizados auspiciam e que os laços humanos e culturais tornam possível», confiando em que a acção desenvolvida por Agostinho Neto «permitirá a Angola e a Portugal anteciparem, em proveito dos seus povos e da solidariedade entre as nações, o integral aproveitamento das potencialidades que mais facilmente visona quem, como o Presidente Agostinho Neto, é um poeta de sensibilidade, que usou como veículo a língua portuguesa e é também um homem de cultura africana e universal».



Ramalho Eanes e Agostinho Neto cimeira com vista à coo

LUÍS CABRAL

acabe com cheiros na sanita...
de uma vez para sempre!

Uma novidade em preço de promoção que dispensa desodorizantes prejudiciais à saúde e não necessita de mão-de-obra especializada para a sua montagem.

TAMPA DE SANITA de cor branca e com uma linha moderna

FILTRO DE CARVÃO

EXAUSTOR ELÉCTRICO

Aproveite a comodidade do serviço ao domicílio dos C.T.T.

Receba em sua casa sem perda de tempo (tempo é dinheiro) e sem mais despesas o...

FLORIDIEN

exaustor eléctrico de casa de banho adaptável a todos os tipos de sanita

preço de promoção 1400\$00

RECORTE POR AQUI

INTEREXPOR

Apartado 3107 Lisboa 3 Tel. 61-33 31.

queiram enviar-me a cobrança pelos CTT

☐ exaustor(es)

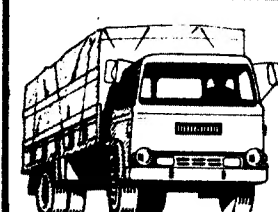
nome

morada

localidade

telex

PASSAGENS
AVIAO COMBOIO
BARCO PULLMAN
Preços das companhias — consulte-nos —
agência abreu
LISBOA — Av. da Liberdade, 100 • Tel. 371341



Sr. Camionista

Muitos acidentes com veículos pesados têm como causa excesso de carga. Respeite sempre os limites.

chale e vitor

MOBÍLIAS

DESCONTO 20%

POR MOTIVO DE OBRAS LIQUIDAMOS GRANDE EXISTÊNCIA MOBÍLIAS COMPLETAS DE VÁRIOS ESTILOS, MÓVEIS SOLTOS, JOGOS DE MAPAS, SOFÁS-CAMA, ETC.:
MÓVEIS SUPERCONFORTO
RUA MARIA ANDRADE, 64 (Perto Igreja dos Anjos)



to contaram com o apoio de Luís Cabral para a mais importante coope ração e amizade dos povos português e angolano

AGOSTINHO NETO

O 25 de Abril autorizou Portugal a exercer actos de amizade

■ No uso da palavra, o presidente Agostinho Neto, expressou que a vontade de Ramalho Eanes, «representando a vontade do Povo Português, de encontrar a solução adequada aos problemas discutidos durante o encontro, catalisou o sucesso posto em evidência no resultado das conversações para o início de uma prática de cooperação e o surgimento de um clima de amizade entre Portugal e Angola, entre os seus povos e Governos».

O dirigente angolano referiu, também, que a oportunidade criada por esta cimeira, tinha permitido instalarem-se os métodos e medidas para o desenvolvimento normal das relações entre os dois países.

No início do seu discurso, depois de pronunciar palavras de agradecimento ao presidente Luís Cabral, pela sua iniciativa coadjuvada pelos esforços desenvolvidos pelos responsáveis do PAIGC e membros do Governo de Bissau, «capital comum das esperanças do passado e, assim, também capital angolana em território guineense», Agostinho Neto agradeceu ao Presidente português a oportunidade deste «encontro recheado de

motivos concretos que prenunciavam uma coexistência entre os nossos povos mais de acordo com as suas conquistas no passado».

Referiu-se, neste contexto, à guerra colonial e ao derrube do fascismo em Portugal, em 25 de Abril, que, afirmou, «libertou o Povo Português autorizando-o a exercer actos de amizade, de solidariedade e de cooperação com povos anteriormente escravizados», graças a uma luta não só desenvolvida pelos povos das ex-colónias «mas também à que se desenrolou em Portugal, conduzindo ambas (as lutas) a um novo período de amizade, de cooperação e de fraternidade».

Por isso mesmo, salientou o dirigente angolano, seria «ilógico sujeitarmo-nos a empecilhos, muitas vezes subjectivistas, e impeditivos, no pleno gozo das novas condições criadas para que a paz, o progresso e a amizade existam».

Agostinho Neto classificou, ainda, a cimeira de Bissau como um encontro que se situa «dentro da lógica dos fenómenos históricos», seguindo «a natureza do impulso humano para a coexistência».

A terminar, o presidente Neto

declarou que o seu país, «o Povo angolano e o seu partido, o MPLA, entendendo assim, farão tudo o que for necessário para a realização da cooperação com Portugal, com base nos princípios que orientam as relações internacionais».

Acrescentou que a República Popular de Angola respeitará os compromissos assumidos em Bissau, que representam uma fase na compreensão e progresso de uma parte da Humanidade.

O acordo geral de cooperação

Presume-se que o Acordo Geral de Cooperação entre Angola e Portugal não apresentará alterações significativas relativamente à sua fórmula final.

Fontes bem colocadas admitem que o Acordo prevê a criação de uma comissão mista (com reuniões anuais) para apreciar o desenvolvimento da cooperação bilateral, devendo o funcionamento e composição de tal comissão serem regulados por protocolo adicional.

Supõe-se ainda que venham a ser assinados a curto prazo acordos especiais no domínio dos transportes marítimos e aéreos e no campo consular e diplomático, aliás contemplados no Acordo Geral.

A formação de quadros an-

golanos em Portugal e a contratação de portugueses para trabalhar em Angola, são outros aspectos definidos em acordos especiais a assinar futuramente. É igualmente reconhecida por Portugal e Angola a necessidade de reforçar o intercâmbio cultural (respeito pelas características das suas culturas nacionais) e da valorização da língua portuguesa nas relações internacionais.

Refira-se também que ambos os países se comprometem a intensificar as suas trocas comerciais e a promover o desenvolvimento harmonioso das relações económicas, além da cooperação entre os serviços oficiais e de empresas, sendo este último tipo de cooperação a regular por um regime especial, com o acordo das duas nações.

A busca comum de soluções é uma exigência da Humanidade

zes e, por isso mesmo, aceites por ambos os povos».

Luís Cabral, referindo-se às especulações que antecederam a cimeira de Bissau, afirmou que, no conjunto de todas as especulações feitas em seu torno, os «mais advertidos foram, sem dúvida, aqueles que puderam surpreender, como verdadeiro motor que tornou possível o encontro de Bissau, a vontade real e a determinação sincera dos presidentes Eanes e Neto de criarem para os seus povos as condições de uma colaboração estreita, que a História apontará aos responsáveis de um e outro país como imperativo do património comum de séculos de convivência».

Depois de pretender subestimar o papel desempenhado por ele próprio e pelos militantes do PAIGC e dirigentes da República da Guiné-Bissau para o bom sucesso da cimeira, Luís Cabral recordou que esta acção se enquadra na linha do que lhes fora legado «pelo nosso irmão e dirigente inesquecível Amílcar Cabral, o qual sempre entendeu que, liquidando o colonialismo e o fascismo, seria possível aos portugueses e africanos, finalmente libertos, na base da verdadeira identidade reencontrada, do respeito mútuo e da soberania dos respectivos povos, abrir largos caminhos por onde marchar juntos na longa aventura da História».

Acrescentou que o êxito do encontro entre os presidentes

Eanes e Neto se ficaria mais a dever à justa compreensão que os dois dirigentes têm dos problemas entre os respectivos países, aos esforços desenvolvidos pelo Chefe de Estado português em prol da normalização e do estreitamento das relações de Portugal com os jovens Estados africanos de expressão portuguesa, e bem assim às grandes qualidades de militante e de homem político do dirigente angolano.

Mais adiante, manifestou a convicção de que o clima criado em Bissau iria «inaugurar uma era de estreita e fecunda colaboração entre Angola e Portugal», frisando que, «na época em que vivemos, a interdependência das nações e a busca em comum de

soluções para os problemas com que se defrontam os povos são exigências da marcha para o progresso e da salvaguarda da paz» sendo, assim, uma «exigência da humanidade».

A terminar Luís Cabral lembrou a Ramalho Eanes e a Agostinho Neto os agradecimentos dos guineenses «pela prova de confiança com que nos distinguiram, aceitando a Guiné-Bissau como país de encontro», afirmando ainda que a terra de Amílcar Cabral, o seu povo e os seus dirigentes permanecerão a seu lado, disponíveis para iniciativas que concorram para o estreitamento da amizade entre os povos — a cooperação, a paz e a solidariedade internacionais».

■ BISSAU, 26 (por Daniel Reis, enviado especial) — «Já cumpri a minha missão», comentou para o enviado do «Diário de Lisboa» o presidente Luís Cabral, quando faltavam escassos cinco minutos para as 18 horas de sábado passado, e se retirava por uma porta lateral da sala onde o presidente Agostinho Neto, da República Popular de Angola, e Presidente Ramalho Eanes, da República Portuguesa, iniciavam a sós uma conversa que viria a prolongar-se por duas longas horas e a terminar com resultados óptimos para o desbloquear das relações entre os dois povos.

O presidente do Conselho de Estado da Guiné-Bissau assinalava com aquele comentário a sua inestimável contribuição para o encontro Eanes-Neto e a aproximação que todos os cidadãos honestos dos dois países consideram necessária e inadiável. E tal como durante estes dois dias de cimeira na pátria de Amílcar Cabral fazia-o com toda a discreção ao ponto de poucos jornalistas das quatro dezenas que aqui se encontram, terem notado que, lá dentro, numa sala do novo edifício da Presidência do Conselho de Ministros da Guiné-Bissau ficavam, apenas e rigorosamente a sós, os dois presidentes de Angola e de Portugal. No pátio exterior, a bandeira vermelha, amarela e verde da Guiné-Bissau descia lentamente do mastro de honra. Como em todos os dias do ano, à mesma hora, um destacamento das FARF (Forças Armadas Revolucionárias do Povo) prestava-lhe continência. Ali ao lado também discretamente, um capitão do Exército português, Sousa e Castro, habitual porta-voz do Conselho da Revolução, perfilava-se em homenagem ao símbolo do país que, ultrapassados os onze anos de guerra violentíssima tem sabido concretizar com o adversário de ontem exemplos relações de cooperação culminadas com este gesto excepcional de amizade que foi o trazer a Bissau para o reencontro histórico dois povos que se conhecem há séculos mas nunca mais pareciam encontrar forma de ultrapassar os conflitos recentes.

“Cumprir a minha missão”

«Tem sido o tipo de relações que a Guiné-Bissau conseguiu estabelecer com Portugal, este novo Portugal reencontrado depois do 25 de Abril, que permitiu que esta iniciativa se viesse a concretizar e a concretizar precisamente na Guiné-Bissau», disse o general Ramalho Eanes ao falar para os jornalistas no aeroporto de Bissau, logo após ter tocado solo guineense, passado revista à guarda de honra militar e cumprimentado o Governo e o corpo diplomático a creditado em Bissau.

OLÁ MÁRIO

Eanes, ao lado de Luís Cabral, e com um enorme retrato de Amílcar Cabral por fundo, na sala dos «vips» do aeroporto, agradeceria ainda a oportunidade proporcionada pelo máximo dirigente guineense, pois, ao que afirmou, ela serviria para uma aproximação entre Portugal e Angola e contribuiria favoravelmente para mostrar ao mundo como dois povos soberanos e independentes, a Guiné-Bissau e Portugal, podem manter relações de amizade verdadeiramente «fraternas».

Eanes chegou impecavelmente à hora marcada — 14 horas de sábado e do aeroporto seguiu para a residência particular de Luís Cabral, onde ficou hospedado durante os seus dois dias de permanência em Bissau. Agostinho Neto, que não se deslocou ao aeroporto, tinha regressado de Bissau, ao fim da manhã. Na sexta-feira e na manhã de sábado descansara nos Bijagós, pescando. O encontro Neto-Eanes dar-se-ia exactamente às 17.25 nas instalações do comissariado principal e na sala onde costuma reunir o Conselho de Ministros. Neto chegara dez minutos antes a com-

panhado por Vasco Cabral, e Eanes foi escoltado pelo comissário de Estado da Segurança e Ordem Pública da Guiné-Bissau, Constantino Teixeira. Os fotógrafos e cineastas, tal como as equipas de televisão de Angola e de Portugal, mal puderam fixar o cumprimento dos dois presidentes, já que a segurança rapidamente os envolveu, retirando-se Neto e Eanes para a sala onde se prestaram depois a serem fotografados.

Notava-se neste início do encontro um certo constrangimento: Neto numa ponta do sofá e Eanes na outra ponta, com Luís Cabral sentado num «maple» bem perto dos dois. O presidente de Angola vestia um fato claro, às riscas verticais, enquanto o Presidente português se apresentava com um casaco desportivo azul-escuro e calça cinza.

Depois foram duas horas de espera e conversa. Lá dentro os dois Presidentes; cá fora as duas comitivas em amena cavaqueira, rodeados por jornalistas portugueses, angolanos, guineenses e das agências internacionais. Particularmente visíveis as boas relações entre Sá Machado e Paulo Jorge, os dois ministros dos Negócios Estrangeiros, e a facilidade e naturalidade de contacto do chefe da diplomacia angolana e os jornalistas portugueses, fossem de que jornais fossem.

Paulo Jorge comentou, sobretudo, a deslocação de uma delegação americana a Angola («não foi de propósito que nos ausentamos durante a ida dos americanos à RPA», garantiu, «eles é que solicitaram esta ida de urgência e não pusémos quaisquer obstáculos. Sempre temos mantido contactos com os americanos, embora a imprensa europeia o esqueça, frequentemente») e os desejos

de o seu país manter relações com todos os países do mundo. «A nossa opção de construirmos uma pátria socialista não é incompatível com a abertura e o diálogo a todos os povos, desde que se respeitem os princípios universais das relações entre os países e que para nós são particularmente importantes quanto à não ingerência e ao respeito pelas fronteiras reconhecidas»...

As instalações do Conselho Nacional de Cultura da Guiné-Bissau ficam mesmo ali ao lado. Lá dentro encontravam-se vários ministros guineenses, nomeadamente Vasco Cabral e José Araújo, que evitavam dar nas vistas. Entre eles o coordenador do CNC, Mário de Andrade. Com todos eles, durante bastante tempo, o próprio Paulo Jorge que, já no aeroporto, à chegada, tinha trocado um forte abraço com o antigo Presidente do MPLA. O próprio Agostinho Neto saudara o seu compatriota com um vigoroso aperto de mão ao encontrá-lo no aeroporto e uma amigável saudação «Olá, Mário». Recorde-se que há exactamente um ano Mário de Andrade concedera uma longa entrevista ao «Diário de Lisboa» em que expressamente manifestou o seu apoio ao Presidente Neto, no rescaldo da intenção nitista, em Luanda. Em próximo comentário esperamos vincar com mais detalhe a consideração que as autoridades guineenses merecem da delegação portuguesa — jornalistas incluídos — pelas facilidades e apoio conhecidos.

Entretanto, há dificuldades nas comunicações com o exterior que bem nos afectam: não há água e luz durante todo o dia e as instalações não são as que consideramos óptimas na nossa escala europeia. Mas é o melhor que nos podem oferecer: É o melhor do que para eles próprios encontram no dia-a-dia. É o óptimo para um país com tantos problemas e insuficiências.

Igualmente da parte da delegação portuguesa e em particular dos serviços de Imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros os jornalistas receberam as facilidades possíveis.

Diário de um caixeiro viajante

SEGUNDA-FEIRA De clínio

Ganham pouco. Que são hoje seis ou sete contos? E nada? Quanto é nada?

Os preços foram formados com base no que ganhavam. Houve lucros, claro. Parte deles (a sua maior parte, valha a verdade) foi reinvestida: ampliação, novos equipamentos, melhoria de transportes. E parecia ir ser necessário investir mais. Prosperava-se.

Viveu-se uma fase de aumentos. Havia dinheiro. Vendia-se. Com os diabolos, vendia-se como nunca. Os postos de trabalho ultrapassavam a centena e o dinheiro ia chegando para tudo. Aguentaram-se mesmo dois aumentos quase consecutivos. E sem grandes dificuldades. Havia dinheiro.

Em 76 organizou-se uma festa pelo Natal: comes e bebes, umas garrafas para a celebração em família, brinquedos às crianças. Em 77 já não hou-

ve festa. Apenas o subsídio, algumas palavras de circunstância, as garrafas da praxe. Depois foi o pânico.

Ganham pouco. Que são hoje seis ou sete contos? Pensava-se poder aumentá-los. Mas se as vendas decrescem assustadoramente...

Vinte e cinco na lista do despedimento colectivo. Os clamores chegam até ao escritório.

Nunca um pobre foi tão pobre, diz a escriturária-mãe-de-família. Nunca. Agora é tudo aos centos de escudos. O que é que um desempregado pode fazer?

Prosperou-se. Em 75 foi o auge. Havia dinheiro para tudo. Era então o povo quem mais ordenava. Com o declínio de

QUARTA-FEIRA A falência

Voltei hoje à fábrica do meu amigo em apuros. Vinte e tantos anos a lutar. Um olho nos interesses próprios, outro no pessoal.

Precisam tanto de viver como eu. Para que quero uma fábrica de que só eu coma?

Eles não são gente?

É agora um homem que mal dorme. Diante de si um dilema: garantir o trabalho da maioria ou declarar-se falido. Vai fazer quanto puder pela maioria. Do mal, o menos.

ALEXANDRE GAGO

para qualquer capital

Não que eu esteja surpreendido. Estas coisas nunca são uma surpresa. Mas enerva-me a sua lamúria. Há nisso um despropósito, uma ponta de exagero que me colide com os nervos. Irrita-me. O meu companheiro a lamentar as duas mulheres!

Ele, um machista, a lembrar o risco de machito, a possibilidade de violência sobre as duas mulheres! Apavora-o a casa enorme e vazia, a ameaça de rrocada, a miséria inenarrável, o isolamento, as ervas altas, no meio das quais o telhado parece flutuar, o longo cami-

Este aspecto prazenteiro, quase festivo, é excepção. O que é de regra é o trabalho.

Que haja fumaças de abastança, movimento, o seu comércio de boutique, elegantes passeios e nos estabelecimentos, não é para pasmar. Mas é excepção. O que é de regra é haver gente, muita gente — gente de todas as origens, gente de todos os mati-

zes. A Baixa da Banheira é um formigueiro. E a regra está aí: já era um formigueiro há trinta anos, e o formigueiro transformou um areal em deserto, com pedaços de horta e manchas de pinhal, nesta cidadezinha prazenteira e quase festiva. Mas o formigueiro continuou formigueiro. É por isso que é excepção no aspecto. A realidade é outra. A realidade é a regra, isto é, o trabalho.

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA NO CENTRO DE CULTURA "Raiz e Utopia": revolução lenta

«Não defendemos uma revolução violenta mas uma revolução lenta» — afirmou António José Saraiva, no encontro de leitores e colaboradores da revista «Raiz e Utopia» que teve lugar no fim da semana passada no Centro Nacional de Cultura.

António José Saraiva iniciou o percurso da revista desde a sua fundação até à fase actual. «Quando a revista começou, pensávamos, os que a fundamos, que lámos mudar de vida e que ela seria a expressão disso. Entretanto fomos descobrindo que isso não era tão fácil. E eu perdi o entusias-

ra, o homem caminha para o seu fim».

Numerosas intervenções rondaram o tema dos modelos alternativos de vida em sociedade, uns acentuando as soluções de tipo comunidades espirituais (o nome de Lanza del Vasto foi citado), outros revelando preocupações mais técnicas, relacionadas com a demografia e o ordenamento do território.

Um participante propôs que os presentes se identificassem e falassem das razões pessoais do seu interesse pela revista. Tal proposta despoletou a parte mais viva da noite, que culminou com uma acesa polémica em torno do conceito de «luta de classes» que um elemento presente afirmou lamentar estar ausente do discurso habitual da revista.

«Hoje não se pode continuar a falar em termos de luta de classes como se nada se tivesse alterado. Entretanto surgiram novas classes e o conteúdo da luta mudou. Prefiro falar de lutas sociais» — afirmou outro participante.

«Luta de classes tem um conteúdo meramente económico, enquanto lutas sociais é mais amplo. Hoje a luta é contra o poder dos gestores», disse ainda.

Na reunião surgiram diversas propostas de grupos de trabalho, entre as quais uma sobre a loucura e antiqualitria, outra de autoconhecimento e práticas de meditação e yoga, outras sobre problemas de ambiente.

Foi marcado novo encontro para o dia 4 de Julho às 21.30 no mesmo local.

Concertos da primavera

Vai ter lugar no próximo dia 30 de Junho, sexta-feira, às 21.30 horas, no Salão das Colunas do Hotel Palácio do Estoril, o penúltimo recital da série «Concertos da Primavera» que a Junta de Turismo da Costa do Sol tem vindo a promover durante o corrente ano.

Neste recital, apresenta-se pela primeira vez um jovem duo português constituído pelos guitarristas José Pina e Manuel Varzim que interpretarão obras de Vicentio Galilei, Bach, Scarlatti e Padre Soler e originais de Carulli, Sor e Browner.

O último Concerto da Primavera vai realizar-se no dia 1 de Julho, sábado, às 16.00 horas, no Casino do Estoril, com a intervenção da Orquestra Sinfónica Juvenil e Coral Pública Hortênsia, dirigidos pelo maestro Alberto Nunes e com a colaboração dos solistas Alexandre Coutinho (guitarra) e Alexandre Mendes (violino), Lia Altavilla e Luísa Alcobia (sopranos) e Manuela Santos (contralto). Neste concerto em que colaboram cerca de 150 jovens, executar-se-ão obras de Vivaldi e Bach.

FÉRIAS NA PRAIA

PALMA DE MAIORCA
PARTIDAS EM AVIÃO ESPECIAL TAP
TODAS AS 4^{as} FEIRAS
DE 12/7 A 20/9
1 OU 2 SEMANAS

ILHAS CANÁRIAS
PARTIDAS EM AVIÃO ESPECIAL TAP
TODAS AS 3^{as} FEIRAS
DE 11/7 A 19/9
1 OU 2 SEMANAS

IBIZA
PARTIDAS EM AVIÃO ESPECIAL TAP
TODAS AS 4^{as} FEIRAS
DE 12/7 A 20/9
1 SEMANA

TORREMOLINOS ou MARBELLA
EM AUTOPULLMAN DE LUXO
PARTIDAS TODOS OS DOMINGOS
DE 2/7 A 24/9
1 OU 2 SEMANAS

EM AVIÃO
PARTIDAS TODOS OS SÁBADOS
ATÉ OUTUBRO
1 SEMANA

MARROCOS
EM AVIÃO - Vários programas à escolha
PARTIDAS AS 2^{as} OU 4^{as} FEIRAS

JUGOSLÁVIA
DUBROVNIK-PLAT-SREBENO
EM AVIÃO
PARTIDAS: 6 e 20/7;
3, 10, 17, 24/8; 7 e 21/9; 5/10
1 SEMANA

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu

fundada em 1840

UMA EMPRESA PRINCIPAL, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

LISBOA Av. da Liberdade 160 - Tel. 371341
PORTO Av. dos Aliados 207 - Tel. 317821
COIMBRA Rua da Seta 2 - Tel. 2701172
FARO Rua Correio 65 - Tel. 250356
FUNCHAL Rua do Gurgulho 1 - Tel. 31077/8

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

PASSAPORTES

Aviso Importante

Os passaportes tirados há cerca de 3 anos ou mais deverão ser renovados para obtenção de novos

agencia abreu

LISBOA Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341



uma política, veio o declínio geral. Em 77 já não houve festa.

Os preços foram formados com base no que ganhavam. Impossível baixá-los.

Ganham pouco. E nada? Quanto é nada?

TERÇA-FEIRA Ah, a liberdade!

Houve discussão quando concluíram a compra do terreno: ele achava-o demasiado pequeno, pois um homem mete-se numa coisa a sério ou não se mete em nada; ela queria aquele e não outro porque sabia o marido que tinha e «mais valia um pássaro na mão que dois a voar». E nunca mais conseguiu a casa que ambicionava.

Construiu entretanto o muro, abriu o poço e esperou que ele concordasse em empregar ali os lucros da loja. Mas a tentação da troca de carro foi sempre mais forte. E foi ainda ela quem tomou a iniciativa e instalou a estufa e a coelheira.

Cento e vinte e quatro metros quadrados, um poço, uma estufa coberta a plástico e uma coelheira: cento e sessenta contos de receita em cinco meses. Espera ultrapassar os quatrocentos até ao fim do ano.

Milagre? Não. Novos tempos. Somos livres!

Que mal há em vender um coelho por trezentos ou quatrocentos escudos, não é? Somos livres! Os preços são livres! Ah, a liberdade!

Mas o meu amigo luta em duas frentes. A mulher tem as suas ideias: sacrificar-se, não. Basta. Se continuar, pode muito bem ir tudo por água abaixo. E depois? Para ela, tanto vale um trabalhador desempregado como um industrial falido. Chial!

É uma zaragata. O meu amigo, porém, está a aguentar-se no balanço.

Quando tudo corre bem, há sempre uma parte que se mete no bolso. E essa é fatalmente a parte de leão. Se se acredita que há-de ser assim até à eternidade e se devora tudo com a melhor das indiferenças, que resta para as aflições? O trabalhador tem então o desemprego, que é outra face da sua vida de privações; o patrão deve ter as suas reservas. Todos as têm. E a escolha é agora muito clara: viver do que há, porque não é este o tempo para acumular, e com decisão, corajosamente, pôr-se ao lado dos que estão a um passo de ficar sem nada.

É uma zaragata. Quantos pensam como a mulher do meu amigo, a qual, para viver com o que há, prefere proclamar ruidosamente a sua falência?

QUINTA-FEIRA Duas mulheres

O meu companheiro não é um ingénuo. Pelo contrário. Lamenta as duas mulheres nem parece dele. Ele, um machista! Ele, um viajante do mundo, sempre de mala aviada

nho pela areia, entre pinhais, até à estrada? E o vento! Este vento que todas as tardes, infalivelmente, sopra do mar!

O meu companheiro não é um ingénuo. Mas apavora-o a desolação do lugar, a situação das duas mulheres, a visita recente da morte? Eu diria que a sua atenção se concentra sobretudo na viúva, na sua velhice precoce, no seu luto. A mais nova não o desespera tão vivamente. Mas não é por ela que rejeia as violências?

Seja como for, devem partir. Logo que possível. Ele tratará do transporte. Basta dizerem. Como senhorio, tem essa obrigação.

O meu companheiro não é um ingénuo. Pelo contrário.

SEXTA-FEIRA A regra

Este aspecto prazenteiro, quase festivo, é excepção. Não quer dizer que não seja assim todos os dias. Mas é excepção. E é excepção porque a regra vem de longe e é ainda hoje a mesma.

A própria Baixa da Banheira é um fenómeno de excepção. Nestes últimos trinta anos, a regra foi outra: construir lá fora o que seria fundamental ter-se construído cá dentro, na nossa terra. Ora a Baixa da Banheira foi construída aqui, na Baixa da Banheira. E isto é uma excepção. Porque a Baixa da Banheira foi construída aqui e pelos próprios que precisavam habitá-la. E isso não é a regra.

HABITAÇÃO...

PROBLEMA? JÁ NÃO É!

CONTACTE-NOS AINDA HOJE
— compra e venda de propriedades todos os generos, todos os locais, nas melhores condições e preços.
— terrenos para todos os fins.
tel. 578231

AFRICA

NYERERE AFIRMA: Administração Carter quer vietnamizar a África

O presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, afirmou que, apesar das garantias que lhe foram dadas pelo presidente Carter, continua preocupado com algumas «vozes da sua administração» que pretendem que a África seja palco de confrontação entre as superpotências.

Numa entrevista concedida ontem à cadeia norte-americana de televisão «ABC», Nyerere, que também é presidente da Frente de cinco países que rodeiam a Rodésia, declarou que «confio no presidente Carter, mas... há vozes na sua administração que gostariam de provar à União Soviética que não são fracas».

«Pensam que a África é uma área onde podem provar a sua firmeza à União Soviética, e com isso eu não estou de acordo».

Dizendo que alguns elementos da administração pretendem que os soviéticos se enterrem em África, numa situação

semelhante à do Vietname acrescentou: «O que quer isto dizer? O que quer dizer para nós criar uma situação como no Vietname?». «Eles podem pretender dizer que é criar sarilhos aos soviéticos, mas implica criar sarilhos para nós também».

Por outro lado, Nyerere afirmou ainda que não havia nenhuma razão para que as tropas cubanas permanecessem em Angola, depois que a CIA deixasse de prestar ajuda aos fantoches e quando a Namíbia se tornasse independente.

O dirigente tanzaniano frisou que os cubanos foram para Angola acima de tudo devido à cooperação existente entre as potências ocidentais, com o fim de impedir que o MPLA tomasse conta do país.

«Continuam ainda ali porque, neste momento, a África do Sul e, penso eu, a CIA, há pessoas que sabem que isto é um facto — ainda estão a financiar as organizações que

se lhe opõem e pretendem derubar o Governo. Quando estas causas desaparecerem não vejo razão para que os cubanos ali permaneçam».

O envolvimento soviético em Angola e na Etiópia, acrescentou, foi bem-vindo pelas nações africanas, e a ajuda dada pelo bloco soviético é bem-vinda quando é necessária.

Seria impossível para nós não agradecer aos países do bloco Oriental, por nos fornecerem armas para as guerras de libertação no Sul de África.

«Naturalmente que esses países nos ajudam a alcançar os nossos objectivos», disse Nyerere, «até aí nós temos essa obrigação».

«Se, depois disso, tentam interferir com a nossa independência, isso é um assunto diferente». Explicou ainda o presidente da Tanzânia.

MÉDIO ORIENTE

“O Governo está doente” afirma a Imprensa israelita

«Seja qual for a verdade (sobre o estado de saúde de Begin), o facto é que o primeiro-ministro tem ar de doente, e a sua autoridade sobre o Governo encontra-se assim enfraquecida», escreve hoje o «Jerusalem Post» (independente de língua inglesa).

Toda a imprensa israelita comenta aliás no domingo as informações publicadas recentemente pela revista americana «Time» segundo as quais Begin estaria doente.

Assim o diário trabalhista, da oposição, «Davar», escreve: «de qualquer modo um primeiro-mi-

AMÉRICA LATINA

Allende: 70 anos

A 26 de Junho de 1908, nascia Salvador Allende, o último presidente constitucional do Chile, homem que inscreveu o seu nome entre os grandes heróis da América Latina. Hoje, na data em que completaria 70 anos se não tivesse sido assassinado no palácio de La Moneda, durante o golpe fascista de 11 de Setembro de 1973, aqueles que o mataram também estão com os dias contados, pelo menos no Poder usurpado e afogado em sangue. Há quem diga que a Junta que derrubou e matou o aniversariante de hoje não continuará as suas tropelias, indo para o caixote do lixo da história dentro de poucos dias. Os EUA, responsáveis directos pelo seu derrube e assassinio estão aflitos com a mancha que a morte de Allende e de milhares de chilenos representa para a sua «nova» política. Em breve poderão desaparecer. Apagá-la, nunca.

RPA disposta a estabelecer relações diplomáticas com os EUA

O processo de normalização das relações americano-angolanas levará o seu tempo, declarou ontem à noite em Luanda Donald McHenry, chefe da primeira delegação oficial americana em Angola.

«Não espero que se passe algo imediatamente, mas penso que ambos (EUA e Angola) estamos interessados na normalização das relações», declarou McHenry, embaixador adjunto dos Estados Unidos nas Nações Unidas, antes de regressar a Washington.

Chegado na passada quarta-feira a Angola, McHenry teve du-

rante a sua estada mais de dez horas de discussões com o primeiro-ministro angolano, Lopo do Nascimento, e diversos altos responsáveis do Governo e do MPLA — Partido do Trabalho. Estas conversações foram «amistosas, francas e profundas» declarou McHenry.

O presidente angolano, Agostinho Neto, tinha declarado na semana passada que o estabelecimento de relações diplomáticas com os Estados Unidos dependia apenas «do desejo do Governo americano», pois que Angola «estava aberta ao diálogo».

EUROPA

Bomba explodiu em Versailles e destruiu obras de arte

Explodiu uma bomba, às primeiras horas de hoje, no histórico Palácio de Versalhes, ferindo um guarda e destruindo obras de arte e peças de mobiliário, de valor incalculável.

A Polícia disse que o engenho, que rebentou portas e estilhaçou janelas no palácio do século XVII, destruiu completamente uma galeria e danificou seriamente sete salas, que tinham acabado recentemente de ser renovadas.

Perderam-se pinturas com cenas de batalhas napoleónicas e grande número de peças de mobiliário antigo ficou desfeito devido à deflagração.

A explosão abriu um grande buraco no tecto entre o primeiro e o segundo andar da ala esquerda do famoso palácio.

Um posto de rádio disse que recebera um telefonema de um homem que afirmou representar o «Grupo dos Trabalhadores Revolucionários» a reivindicar a responsabilidade pelo atentado.

As autoridades ignoravam se o telefonema era autêntico. O rebentamento ocorreu por volta das 2 h e 30 locais (1 h e 30 de Lisboa).

Do exterior, poucos sinais da explosão, com excepção de algumas janelas estilhaçadas, eram visíveis quando agentes da Polícia e pentos em Belas-Artes e Arquitectura efectuavam uma vistoria inicial para avaliar os prejuízos.

A ala esquerda, conhecida como a «Aile du Midi» e construída entre 1678 e 1684, é acessível facilmente da rua.

A Polícia disse não ter a certeza se a bomba fora colocada nessa ala pelos intrusos durante a noite ou antes de ela fechar ontem, à tarde, aos visitantes.

O palácio está situado a 22 quilómetros a oeste de Paris. Foi mandado construir por Luís XIV, no século XVII, e serviu de residência dos reis de França e sede do Governo durante mais de um século.

O palácio, famoso pela sua arquitectura e grandes e belos jardins, está cheio de tesouros de arte de valor incalculável e é considerado por historiadores como um dos locais mais importantes da Europa.

ELEIÇÕES ISLANDESAS:

Primeiros resultados dão vitória à esquerda

Os primeiros resultados das eleições na Islândia revelam uma grande viragem para a esquerda e contra o governo de coligação direita do primeiro-ministro Geir Hallgrímsson.

Após uma tremenda afluência ontem às urnas, com 90 por cento do eleitorado votando, os resultados iniciais de Reykjavik, a capital, mostram que o Partido Social-Democrático, da esquerda, aumentou a sua parte dos sufrágios em cerca de 15 por cento em relação à eleição anterior.

Alguns inquéritos feitos antes do acto eleitoral revelaram que o partido da independência, de Hallgrímsson, juntamente com o Partido Progressivo, seu parceiro na coligação, poderiam perder mais de 15 lugares no parlamento.

Em 1974, o Partido da Independência ganhou 25 lugares e o Progressivo 17.

A questão principal da campanha eleitoral foram os salários, numa ilha-Estado onde a inflação atinge entre 30 e 40 por cento anualmente.

A grande epopeia musical da juventude!

Todos os caminhos vão dar a
MASTURVILLE



um filme de
ROBERT ALTMAN

BARBARA BAXLEY • NED BEATTY • KAREN BLACK • RONEE BLAKLEY • TIMOTHY BROWN • KEITH CARRADINE • GERALDINE CHAPLIN • ROBERT DOQUI • SHELLEY DUVALL • ALLEN GARFIELD • HENRY GIBSON • SCOTT GLENN • JEFF GOLDBLUM • BARBARA HARRIS • DAVID HAYWARD • MICHAEL MURPHY • ALLAN NICHOLS • DAVE PEEL • CRISTINA RAINES • BERT REMSEN • LILY TOMLIN • GWYNETH HUGHES • KEENAN WYNN

A PARTIR DE
AMANHÃ ÀS 21.15

cinemas



Oscar da academia para
a melhor canção original.

INTRODUZIDA A MELHORES DE 19 ANOS

Filmes Lusomundo

A grande aventura do homem
desde a sua origem.

A BÍBLIA



PETER O'TOOLE • GEORGE C. SCOTT
RICHARD HARRIS • AVA GARDNER
GABRIELE FERZETTI • FRANCO NERO
JOHN HUSTON • ELEONORA ROSSI DRAGO

com MICHAEL PARKS - Adão • ULLA BERGRYD - Eva

Produção de DINO DE LAURENTIIS • Realização de JOHN HUSTON

A PARTIR DE
AMANHÃ ÀS 15.00

Berna

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

Hoje



Uma imagem da ópera «O Trovador»

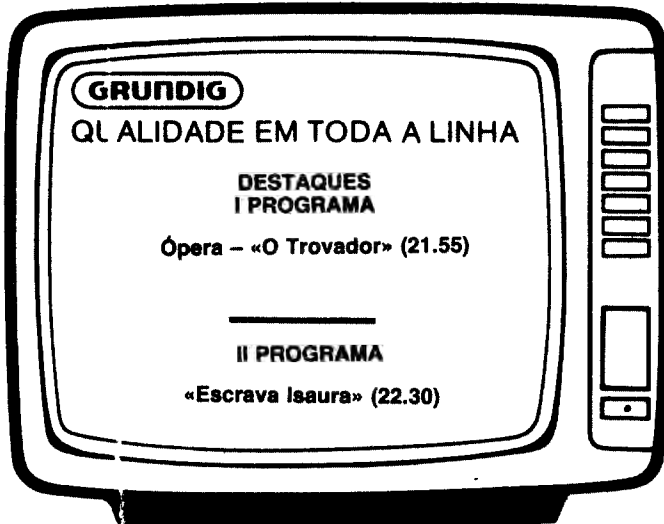
I PROGRAMA

- 18.25 **Telejornal** — 2.ª edição.
- 18.32 **«As Aventuras de Tom Sawyer»** — 12.º episódio: «Uma Visita Inesperada».
- 19.00 **Inglês a Sorrir (Iniciação)** — 19.ª lição: «Airport 77».
- 19.25 **Cientificamente**
- 20.00 **Telejornal** — 2.ª edição.
- 20.35 **«O Casarão»** — comportamentos, conflitos e problemas de cinco gerações da mesma família (episódio n.º 126). Produção da Central Globo de Televisão.
- 21.20 **O Tempo**
- 21.25 **Portugal Anos 80 - o Quê?**
- 21.55 **Ópera** — «O Trovador», ópera em 4 actos, de Verdi.
- 00.30 **Telejornal** — 4.ª edição.
- 00.40 **Fecho**

TUDOR BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

- 19.00 **Ano Propedéutico**
- 22.00 **Telejornal**
- 22.30 **«Escrava Isaura»** — repetição do episódio n.º 88.
- 23.05 **Fecho**



Amanhã

I PROGRAMA

09.15: Ano Propedéutico; 12.10: Música para o Almoço; 12.40: «Escrava Isaura» — episódio n.º 91; 13.15: Telejornal — 1.ª edição; 18.25: Telejornal — 2.ª edição; 18.32: Lições de Basquetebol; 18.55: Um Mundo para Descobrir; 19.25: Colectividades de Recreio; 20.00: Telejornal — 3.ª edição; 20.35: «O Casarão» — episódio n.º 127; 21.10: O Tempo; 22.20: «O Perito» — 8.º episódio; 23.15: Telejornal — 4.ª edição; 23.20: Fecho.

II PROGRAMA

19.00: Ano Propedéutico; 22.00: Telejornal; 22.30: «Escrava Isaura» — repetição do episódio n.º 89; 23.05: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ
E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO
PERMANENTE
Telef. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Canal da Crítica

BENTO CARAÇA: UM SORRISO A ILUMINAR O CAMINHO

O dia de televisão foi dominado pelo encontro de futebol entre as equipas da Argentina e da Holanda. Por aqui se vê a força dos grandes meios de comunicação que tanto fazem no sentido de tornar essenciais elementos perfeitamente acessórios, está claro — mas não isto elevado à categoria de acontecimento principal em tantos países. Incluindo o nosso...

E pronto o jogo acabou com a vitória do tango sobre a tulipa. A Holanda fez o seu pior jogo do campeonato, a equipa da Argentina marcou três golos, o general Videla, presidente da Junta Militar da Argentina vai entregar a taça, cada jogador há-de receber um balúrdio de massa, alguns pobres diabos levam os atletas aos ombros — como se não bastasse a cruz que aos ombros os obrigam a levar uma vida inteira.

E nós? Nós, que durante cerca de um mês e graças ao futebol aguentamos uma televisão ao serviço da recuperação da mediocridade e da chatiche — complementos doutras recuperações... Com o futebol, deixou muita gente em Portugal de ter uma razão forte para ver televisão. A menos que prefiram arriscar algum enfarte ao ver o

sorriso de optimismo com que Cerqueira recebe a informação de Nuno Abecassis a respeito da conquista pela General Motors de novas posições em Portugal.

Estamos a perceber. Deve ser uma nova maneira descoberta pelo Governo P(CD)S de rumar para o socialismo, que é como quem diz, de arrumar o socialismo...

Enfarte que poderá acontecer igualmente face à maneira como o **Telejornal** anuncia o massacre de missionários ingleses na Rodésia, mais propriamente em Untali. O **telejornal** não se esquece de fazer referência ao **Governo multiracial** da Rodésia e de sublinhar que a cidade de Untali fica muito perto da fronteira com Moçambique...

Destes misticos perfumes gosta muito o **Telejornal**, órgão de informação cuja posição preferida, relativamente ao imperialismo, é a de cócoras.

Claro que também se publica a resposta de Mugabe, o dirigente patriota da Rodésia, negando qualquer responsabilidade do movimento de libertação no massacre. Mas enquanto a manipulação reacçãoária do acontecimento se praticou na hora de maior audiência, a declaração de Mugabe foi transmitida perto da uma

hora da madrugada de hoje. Só isto mostra a «isenção» noticiosa da Televisão.

Peço aos leitores que tomem estes meus dizeres com a maior reserva. Porque até se compreendem as razões que levam a Televisão a usar aqueles processos quando estão em causa os países nascidos da descolonização. Só um espírito maldoso como o meu não vê o objectivo da Televisão, qual é: reforçar os laços de amizade com eles... Mas é curioso, amigos, é curioso verificarmos como o **Telejornal**, aqui como em outros campos, alinha com os jornais mais reacçãoários deste País. Pura coincidência, claro.

Ora bem, como fora anunciado, transmitiu a Televisão um programa sobre a vida e a personalidade de Bento de Jesus Caraça. Só que: a emissão, prevista para as onze, saiu quase à meia-noite. Com isto de singular: tratava-se da retransmissão, pura e simples, de um documentário produzido... em 1974, numa época em que emissões de carácter cultural foram igualmente dedicadas a João de Barros, Fernando Namora, Sofia de Melo Breyner, etc. Era o tempo em que se encontrava o responsável do sector cultural o romancista Manuel Ferreira,

despedido da Televisão durante a caça às bruxas pós-25 de Novembro e ainda não reintegrado, bem como nenhum dos seus companheiros. Foi despedido, sim, e é bem feito. Quem lhe manda a ele amar a inteligência portuguesa e defender os nomes daqueles que dão grandezas à nossa Pátria? Tem o castigo que merece.

Pois é verdade, amigos. Para recordar o nome de Bento de Jesus Caraça nem ao menos se dignaram os actuais responsáveis da RTP mandar fazer obra nova. Quanto muito, encarregaram da apresentação a dr.ª Maria Alice Chicó. E vamos lá que acertaram na escolha. A palavra comovida, a expressão saudosa mas exacta, a projecção para o futuro que o nome de Bento de Jesus Caraça teve nos seus lábios — eis o que tornou viva e quente a presença de Maria Alice Chicó. Através das suas palavras, ficou o essencial: um Bento Caraça todo entregue à luta pela libertação do homem, quer se tratasse de combater o fascismo português, italiano ou alemão.

Pelas palavras de Maria Alice Chicó ficaram muitos portugueses a conhecer melhor Bento de Jesus Caraça. Pelo menos, aqueles que ainda estavam acordados.

TEATRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL

TEUC faz balanço da "Semana"

Sobre a Semana Internacional de Teatro Universitário, organizada pelo T.E.U.C. e que decorreu de 24 a 31 de Maio, recebemos do Conselho Directivo daquela organização de estudantes da Universidade de

Coimbra uma nota na qual aquele Conselho tece algumas considerações sobre a forma como decorreu a iniciativa.

Assim entende o C.D. do T.E.U.C. que a experiência que constituiu a referida Semana

lhe merece um balanço.

E afirma: «Seis grupos de Teatro presentes nesta Semana Internacional, seis propostas concretas e diferentes de intervenção cultural, algumas leituras extremamente ricas e diversificadas. Viu-se em Coimbra bom teatro. O teatro universitário que ainda existe por toda a Europa, mostrou-se tal qual existe e demonstrou-se tal qual existe e demonstrou sobretudo que é uma realidade específica que não convém ignorar. O seu papel varia de país para país, bem como o seu grau de autonomia e as diferentes camadas de público para quem dirige os seus espectáculos. No entanto será útil aferir, como pôde ser feito durante esta semana, do poder da linguagem universal do Tea-

tro, do seu papel de denúncia, de contestação aos valores instituídos e aceites nas sociedades civilizadas ocidentais, da força da sua crítica, vivacidade, alegria, e poder de comunicação em qualquer sociedade.

«Trocaram-se experiências entre os grupos. Contribuiu-se, modestamente embora, para quebrar o isolamento real em relação ao mundo por parte da nossa juventude e, sobretudo, da nossa cultura. Foi um primeiro passo. É necessário prosseguir e continuar neste sentido. Que possamos organizar um Festival Internacional de Teatro em Portugal e que os grupos portugueses e o bom teatro que em Portugal se produz possam ser vistos no estrangeiro sem entraves a priori.»

Oito novos bailados em exibição na Gulbenkian

Pelas sexta vez, a Fundação Gulbenkian está a promover a realização do Estúdio Coreográfico do Ballet Gulbenkian, iniciativa que se destina a possibilitar a revelação de novos valores no domínio da criação coreográfica em Portugal e entre os próprios bailarinos da companhia.

Os bailados criados nestes Estúdios serão apresentados ao público em quatro espectáculos, com dois programas inteiramente diferentes que se realizarão no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, nos próximos dias 30 de Junho e 1 de Julho, às 21 e 30 e 3 e 4 de Julho, às 18 e 30.

Participam no presente Estúdio oito coreógrafos: Jair Morais, Carlos Fernandes, Lúcia Lozano, Olga Roriz, Pedro Coelho, António Laginha, Stephan Ward e Mara Atayde de quem veremos outras tantas obras sobre música de compositores como Alberto Ginastera, Rossini, Franz Lehar, Richard Strauss, Bach, Vaughan, Williams e Benjamin Britten.

Como já aconteceu em anos anteriores, o VI Estúdio Coreográfico constitui um espaço aberto para uma nova actividade no campo da dança que não deixará de proporcionar motivos de agradável surpresa ao público interessado pelos problemas do bailado em Portugal. Os bilhetes estão à venda na bilheteira da Fundação Gulbenkian com o habitual desconto de 50 por cento para estudantes.



Barbra Streisand
Ryan O'Neal
em
QUE SE PASSA DOUTOR?
(What's Up Doc?)

Uma produção **Peter Bogdanovich**

BARBRA STREISAND - RYAN O'NEAL in 'WHAT'S UP, DOC?' A Peter Bogdanovich Production
Co-Starring KENNETH MARSH - AUSTIN PENDLETON - SORRELL BOOKE - MICHAEL MURPHY
And Introducing MADELINE KAHN - Screenplay by Buck Henry and David Newman & Robert Benton
Story by Peter Bogdanovich - Directed and Produced by Peter Bogdanovich - TECHNICOLOR®

From Warner Bros. A Warner Communications Company

PELA 1.ª VEZ VERSÃO INTEGRAL — AMANHÃ NO

CASTIL



Rua Alexandre Herculano, 70
Telefone: 68 63 00 — (M/13)
LOTAÇÕES ESGOTADAS
3.ª a SÁB: 20H30 — 22H30
DOMINGO: 16H00 — 21H30



Argentina '78

"MUNDIAL" DE FUTEBOL

Coordenação de NEVES DE SOUSA e JÚLIO RODRIGUES



O JOGO QUE TELEVIMOS

ARGENTINA, 3-HOLANDA, 1

Que saudades do Liverpool...

Setenta e cinco segundos antes de o «referee» apitar para o final dos primeiros 90 minutos, alias 93, do enervante Argentina-Holanda, um homem do país das vacas leiteiras fez embater a bola na base do poste contrário e falhou assim o Mundial que a rainha Juliana esperava em Haia amanhã sem falta. O homem chama-se Rensenbrink, ganha a vida chutada na vizinha Bélgica e a esta hora deve olhar para o pé malvado com ganas de metê-lo em formol.

Depois tudo se resolveu em meia hora suplementar, quando as forças já se evaporavam. Mais felizes, obstinados até ao limite do fôlego, os argentinos deram dois nos cegos na defesa holandesa, marcaram outros tantos golos e o empate a 1-1 desfez-se. A Argentina, como diz a canção, é «campeón mundial». A Holanda perdeu pela segunda vez consecutiva a Taça Jules Rimet. E nós vamos mas é esquecer rapidamente este mês passado em frente do televisor porque houve um déficit pasmoso de futebol bem futebolado, pelo menos nas partidas a que a RTP aderiu.

As imagens de abertura da final mostraram-nos uma chuva de papéis caindo sobre a pista de cinza e sobre o próprio campo. Logo a seguir viu-se o árbitro mandar René Van der Kerkhof ir lá para fora tirar um aparelhómetro que trazia a enrolar a mão lesionada. Ai começariam os repe-

lões. Creio bem que argentinos e holandeses tinham outros planos, mas a verdade é que o peso da taça acabou por cegá-los. Ardiles de um lado, Haan do outro, lá iam tentando pôr uma pouca de água fria na fervura do caldeirão. Trabalho baldado: os colegas queriam a viva força que aquilo se despachasse de qualquer maneira, e entre uma caetada ao parceiro e um exercício de aterragem dramática na relva do estádio do River Plate não sobrava tempo para o «associação».

Um ou outro arripio subia pela espinha do público. Remate perigoso de cabeça de Rensenbrink a emendar um livre sacado da esquerda por Haan (6 m.), arremesso igualmente perigoso de Ortiz por cima da barra (25 m.), falhanço de Rep a cinco metros da baliza de Fillol (28 m.), tiro de Bertoni em corrida a um metro do poste com Jongbloed sem hipótese (30 m.), eis quatro oportunidades desperdiçadas por excesso de nervos. Adivinhava-se um golo, que enfim veio aos 37,5 m. na primeira jogada em que os atacantes, argentinos neste caso, usaram simultaneamente pés e cabeça. Marcador: Mario Kempes, o cabeludo do Valência. E mais não houve até ao intervalo.

Nos 45 minutos seguintes, tirando o sinal da cruz feito por Ardiles à saída do túnel e dois atentados de ceifeira-debulhadora no pobre do Neeskens, que o Barcelona vai receber em Setembro muito mal de ossos e músculos, lembro-me do tal 2-1 perdido por Rensenbrink e, claro, do 1-1, de cabeça aos 82 m. por Poortvliet, um defesa. Os treinadores, com um fochinho deste tamanho, já calculavam que aquilo ia deitar para o tarde, de modo

que mandaram quatro jogadores para o banho e substituíram-nos por malta fresca.

No prolongamento, sendo geral a estafa, muita gente pensou que tinha finalíssima terça-feira. Mas o deus da guerra, Marte de seu nome, acudia pelos da casa e traçou por linhas tortas a solução que os holandeses haviam protelado enquanto não baralharam de vez as sistoles e as diástoles. Uma incursão de Kempes deu o 2-1, outra de Bertoni o 3-1. Era o enterro dos mastigadores de queijo com abacaxi.

Agora que tudo está decidido, com mais um título mundial em mãos do país organizador, apetece pedir contas aos seleccionadores, treinadores de banco e de campo, directores técnicos, preparadores físicos, psicólogos, massagistas, dentistas, clínicos gerais, roupeiros, homens da água e jogadores efectivos e suplentes —

que raio de campeonato foi este? Então mas a gente perde horas preciosas para ver estragar um desporto assim à má fila? Desculpem lá — não há ao menos um (pode ser o roupeiro do irmão) com vergonha na cara?

O Liverpool, se apanha o campeão mundial de 1978 a jeito, dá-lhe três secos.

NOMES E NÚMEROS

ARGENTINA — Fillol; Olguín, Luis Galván, Passarella e Tarantini; Ardiles (Larrosa aos 66 m.), Gallego e Kempes; Bertoni, Luque e Ortiz (Houseman aos 74 m.).

HOLANDA — Jongbloed; Brandts, Haan, Krol e Poortvliet; Neeskens, Wim Van der Kerkhof e Jansen (Suurbier aos 72 m.); René Van der Kerkhof, Rep (Nanninga aos 59 m.) e Rensenbrink.

Arbitrou o italiano Sergio Gonella, sobre o mau e sobre

F. ASSIS PACHECO

o caseiro. Se arbitrar fosse uma simples questão de apito, não haveria nada a dizer: ele apitou que se fartou. Mas é muito mais do que isso, e Gonella andou bastante a reboque dos acontecimentos, ainda por cima tentando não despertar a hostilidade dos boneirenses (80 mil). Três cartões amarelos saíram do seu bolso — e todos para os holandeses: Krol aos 15 m., Suurbier aos 3 m do prolongamento e Poortvliet três minutos depois. «Fitas» várias, a cargo de actores argentinos como Larrosa e Luque, ficaram por assinalar. A lenha foi um carregamento dela, mas parece que este Mundial de 1978 nasceu sob o signo da rasteira e do pé maroto e até aos derradeiros segundos cumpriu o seu destino fatal.

Garrido: um dos três melhores

Salvo excepções como o brasileiro Coelho, o português Garrido e o inglês Partridge, o nível de arbitragem do «Mundial-78» foi baixo, sobretudo porque a maioria aplicou mal as regras.

Esta opinião foi emitida pelo argentino Carlos Nai Fiono, ex-árbitro internacional, de reconhecida capacidade. Aos 60 anos de idade, Nai Fiono desempenha actualmente o cargo de professor das leis do jogo de futebol no Colégio dos Árbitros da Liga de Tandil (Argentina).

O ex-árbitro internacional, em entrevista ao vespertino «La Razon», afirma que é uma grande mentira dizer que os árbitros concedem a «lei da vantagem» para não interromper o desafio. Para Nai Fiono, os árbitros devem seguir as jogadas sem marcar faltas evidentes e muitas são sancionadas com livres indirectos, quando na realidade deviam ser directos. Praticamente não se adopta o «Gula Universal dos Árbitros» que rege a orientação dos juizes de todo o Mundo»

Holandeses recusam festa

Os jogadores holandeses abstiveram-se de participar na cerimónia protocolar da final.

Logo que souo o apito final, seguiram em direcção ao vestiário, deixando os argentinos sozinhos na cerimónia protocolar presidida pelo general Videla.

Os holandeses contrariaram, desta forma, as instruções que tinham sido comunicadas ao

chefe da sua delegação pelo ministro dos Negócios Estrangeiros holandês, Christian Van Der Klaauw, que tinha indicado que os jogadores deviam obedecer às disposições protocolares previstas pela FIFA. Van Der Klaauw tinha, porém, considerado que o troféu mundial devia ser entregue pelo presidente da Federação Internacional de Futebol, João Havelange, e não pelo general Videla.

O JOGO QUE TELEVIMOS

BRASIL, 2-ITÁLIA, 1

Uma questão sem importância

L. MIRANDA ROCHA

Um jogo algo frouxo como talvez não puderam fazer melhor duas equipas desiludidas: tirado o sentido do título, era o terceiro lugar que estava em questão, compensação pobre fosse para italianos e para a derrota dias antes frente à Holanda num jogo decisivo, fosse para brasileiros com nada a fazer além de resignarem-se em relação aos seis golos com que o Peru os tirou da final para ali deixar ir a Argentina. Era o terceiro lugar que estava em questão e os desiludidos vieram para a disputa dele poder-se dizer que sem grande entusiasmo, sem interesse excessivo. Como aliás durante todo o jogo se viu.

ITÁLIA

Mas o que se viu sobretudo foi a razão porque nem uns nem outros chegaram aonde queriam chegar. A Itália é um conjunto de jovens extremamente habilidosos, certos no terreno para amplas estratégias, mas falhando alguma coisa quando a tática exige minúcias preciosas como, por exemplo, uma grande rapidez de reflexos e uma sobre-energia aceleradora capazes de passarem os extremos redutos adversos, a resistência defensiva dos outros, e acertarem no golo de que as vitórias dependem. Não valerá a pena dizer que há aí uma excelente defesa, uns médios muito dotados e uma avançada onde um Bettiga, um Rossi, um Cauzio e outros dão nas vistas de qualquer observador comum.

A verdade é que as jogadas vinham lá de trás, passavam pelo meio campo para os avançados mas, quando estes tinham de fazer o que lhes competia, tinham de fazê-lo, quando o faziam, com recurso a um esforço excessivo por causa da oposição individual dos contrários, e, quando conseguiam vencer esta oposição já tinham perdido o sentido da

melhor colocação para o remate ou para os cruzamentos; depois, havia ainda um muro de outra cor a quebrar o ímpeto decisivo. A pouca eficácia global da equipa italiana tem alguma coisa a ver ainda com o «vício» tradicional dum certo sistema de jogo, o «cattencio», e não nos digam que esta Itália de hoje faz um futebol que nos esqueça do insuportavelmente chato que foi no auge de 60. A única diferença que talvez vimos é que os processos de jogar pelo seguro deixaram de aplicar-se exclusiva ou concentradamente cá atrás: alargou-se, estendeu-se ao fundo do contrário o campo de manobra que daqui resulta é uma movimentação algo rígida na articulação de trás para a frente e nas flexões de um lado para outro. Falta aqui um génio de espontaneidade, uma agilidade instintiva rara (que os citados nomes de magníficos executantes é bem evidente que ainda não são). Ou falta um demorado e árduo estreitamento de possibilidades, estas e o seu apuramento servidas pela exploração de uns tantos artificios táticos que os espertos destas coisas sabem e talvez no futuro possam resultar. E falta, no caso concreto do conjunto italiano — à luz de que e como vimos a dada altura do torneio, com a Holanda, e a dada altura do jogo último, com o Brasil —, um certo amadurecimento de processos, de par com uma mais forte preparação atlética que permita a responsabilidade sempre mais exposta dos avançados corresponder com um mínimo de convicção e eficácia ao desgaste do jogo. A extrema juventude de que esta equipa apareceu dotada cria fortes expectativas para o Europeu de 80 e para o Mundial de 82.

BRASIL

Os bons observadores que digam, mas o modo de jogar à bola dos brasileiros não evoluiu pelo menos desde 70, ano em que, lembra-se, o Brasil foi campeão batendo no final uma Itália cremos bem que superior à deste ano por 4-1, ficando então a impressão de que poderiam ter sido uns tantos mais. Desta vez não foi fácil para os brasileiros fazerem dois golos à Itália. Sucedeu mesmo que foram os italianos os primeiros a marcar, e bem que, faltavam uns segundos para o fim, os italianos poderiam ter feito o 2-2, se uma cabeçada de Bettiga não batesse na madeira. No entanto, deve dizer-se, a vitória do Brasil foi mais do que justificada e merecida pelo necessário jogo feito durante ao menos o segundo meio tempo. Certo que o Brasil não jogou tão bem como o tinha feito na quarta-feira contra a Polónia, mas talvez por duas razões: nem o terceiro lugar era assim tão importante, nem a Itália era equipa para fazer (mais do que deixar) os brasileiros jogarem bem ou menos mal como por exemplo e três dias antes o tinham feito contra a Polónia. Digamos que o tipo de futebol praticado pelos polacos (atléticos, tecnicamente razoáveis, habéis e ágeis o mínimo para um bom espectáculo, e sobretudo leais como poucos no trabalho da bola e no desenvolvimento do seu jogo contra o adversário) proporcionava mais o engrenamento da máquina brasileira: uma exibição mais vistosa, de expressões e expedientes mais abundantes e largos. Digamos que o tipo de futebol praticado pelos italianos não permitiu isto, mas poderia forçar os brasileiros a sair um pouco mais da rotina à procura de soluções diferentes. Não o conseguiu, e, embora verdade, não vemos o que seria do Brasil se a Itália fosse em eficácia o que era na juvenilmente minuciosa urdidura do seu jogo.

Não escandalizará ninguém

dizer que este Brasil que vimos é um elenco de artistas razoáveis de talento, no que isto de talento para o caso de brasileiros tradicionalmente quer dizer: habilidade, agilidade, aptidões, digamos, inatas para, digamos, intuitivamente, espontaneamente, lidar a bola — com os pés, com a cabeça, com o corpo todo —, trabalhá-la em função do jogo de conjunto, duma estratégia, duma tática, perante o adversário. Mas é evidente que isto tudo não chega, e certamente que faltou por aqui alguma coisa. Dir-se-á que faltaram golos, mas é necessário: faltou, antes disso e para isso, um forte sentido atacante, exigência orgânica de concretização, realização, produtividade. Faltou combatividade, como facilmente ao longo de todo o campeonato se viu. Viu-se isto, a falta disto, e mais: um formalismo inútil. Pode bem suspeitar-se que este formalismo esconde outra coisa: a mediana vulgaridade da actual geração de jogadores brasileiros. Não é dizer que falta aqui um génio ou dois, excepcionais, para mobilizarem toda uma equipa. Mas é que, certamente, esta equipa tal como é pode muito bem não ter conseguido por ela própria encontrar o seu estilo; o que tem, vem aprendendo de duas gerações que a precedem, e, mesmo assim, a geração actual parece mais de aprendiz melhor dotados para exercícios preparativos do que para provas de verdade onde se pede mais do que jogo bonito.

Manifestamente, um exagero da nossa parte. A verdade é que o Brasil foi, entre 16, a única selecção que não perdeu um jogo. Pois, mas empatou com a Suécia e a Espanha, e quem nos garante que logo isso não foi determinante? Se, naquele jogo com a Argentina, o Brasil tivesse ganho? (Então, lembra-se, a Argentina jogou,

pareceu-nos para não perder, e, aqui, o Brasil poderia ter tido imaginação e capacidade criativa para ganhar). A verdade é que este Brasil deixou-nos a imagem impressiva duma turma em treinos. A situação era outra. Enfim, o Peru poderia ter tido um pouco mais de cuidado com a Argentina, perdendo por números que deixassem ir o Brasil à final. Contra a Holanda, temos para nós que não perderia. Enfim, o terceiro lugar foi uma compensação. Se bem que pobre, todavia.

NOMES

Dirigiu a partida Abraham Klein, de Israel, ajudado por Karoly Palotai, da Hungria, Alfonso Archundea, do México. As equipas: Brasil — Leão, Nelinho, Oscar, Amaral e Neto; Batista, Cerezo (Rivelir depois); Dirceu, Jorge Medonça, Gil (depois Reinaldo) Roberto.

Itália — Zoff; Scirea; Gerla, Cucureddu, Maldera e (brin) C. Sala, Antognoni (c. pois: C. Sala), Cauzio, Rossi Bettiga.

A Itália marcou primeiro, f Cauzio, aos 38 minutos da primeira parte, aproveitando um cruzamento de Paulo Rossi. Na segunda parte, por volta do quarto de hora, o Brasil empatou por Nelinho. A vitória foi um golo de Dirceu, remate forte na bola lançada por um companheiro cá de trás.

Num registo ligeiro, alguns momentos mais altos da partida. Logo aos dois minutos, Bettiga falhou um pontapé na sequência dum livre apondo por Antognoni. Aos 41, Claudio Sala rematou à barra. Aos 44, Rossi teve outro golo nos pés mas perdeu-o com a bola levada para fora do ângulo de re-

TAÇA DE PORTUGAL: SPORTING, 2-PORTO, 1

Troféu de casquinha para luzida embaixada

A «negra» foi branca. Limpinha, sem mácula. Redentora daquele bruto arraial de pancadaria bem sortida (murro, cabeçada, cotovelada, ras-teira, empurrão e pontapé) que há uma semana marcou a (graças a Deus) honorável despedida do ilustre setubalense Francisco Lobo, árbitro vinte e tal da temporada, bem caído no preclaro conceito de Saldanha Ribeiro (administrador da arbitragem pacóvia) e, como seu lídimo embaixador, fulcro e base da tempestade que fez o público divorciar-se da finalíssima, apenas acorrendo ao Jamor quem estava mesmo a precisar de ir à bola: 2200 contos para uns 25 mil pagantes, S. João no Porto a provocar brincadeiras mais agradáveis e a chuva (cá por baixo) a roubar gente à praia e espectadores ao duelo perto do riozi-

os artistas, não restam dúvidas que, especialmente em toda a primeira metade da melancia, só pevides é que apareciam a talhe de faca. Uma sensaboria entediante com as pessoas a falarem de outros assuntos e, em toda a bancada, um ar de perplexidade sobre as razões reais do tal alheamento do bem jogar por parte dos dois europeus mais cotados para a temporada que está marcada para Setembro.

Uma estopada de todo o tamanho. Verdade que havia muitas ausências nas duas formações (Barão, Baltasar, Jordão, Fraguito, Da Costa e Manaca, entre os sportingues; Freitas, Ademir, Vital, Murça, Oliveira e Gonzalez, no símbolo azul) mas os demais profissionais em palco bem poderiam ter dado um bocadinho melhor às canetas, mormente o desin-

Comentário por NEVES DE SOUSA

uma soneta colectiva não fora o golo de Vitor Gomes, menos contestado por alguns portistas, mas certamente validado pelo juiz, uma vez que o fora de jogo posicional de Ademir (com o jogador firme como uma rocha e alheado do lance) em nada perturbava a defensiva portense, como em nada contribuiu para o médio verde (entre Teixeira e Simões) rasgar a invencibilidade de Fonseca, fuzilado à largada do tiro.

Foi só então que o jogo ganhou umas asinhas. Porque (voltemos a dizer) nos 45 minutos da fachada as duas turmas pareciam apostadas em defender, a todo o transe, o carril para as suas redes.

No Porto, só dois homens tinham ordem para entrar na frente (o serpenteante Seninho e o atiradão Gomes). No Sporting, dirigido por Rodrigues Dias que nem sequer teve honras de uma passeata com os pupillos em fim de estação, o norte era idêntico: Keita a passar por brasas e Manoel a estender a mão para o passaporte. Restava a classe de Manuel Fernandes para ir procurar o golo que, todavia, só chegaria depois de Vitor Gomes esclarecer a questão e definir o triunfo que, mesmo vendo o marcador tremer com o tento de Seninho, jamais deixou de sentir a miséria e inexpressiva tacinha de casquinha bem segura nas garras do «leão».

E, vem a propósito pensar alto: será que a Federação da Alegria não consegue, dando uma voltinha ao miolo, arranjar meia dúzia de tostões mais um desenhador e, em conjunto, criar um troféuzinho mais digno de se chamar «Taça de Portugal» que aquele esguio e anedótico monstrozinho arquitectónico que o mali segurou na tribuna?

CAI O PANO

Enfim: foi tudo a dar no mesmo. Céu plúmbeo, chuvinha de bater no osso, futebol de saldo (Porto) e precaução (Sporting). Erros técnicos? Nem isso. O que a malta queria era água fresquinha e uns «whisques» e autorização para fazer amor em toda a semana. Esperta (ou não fosse dirigida por um homem de finanças) foi a Fed-



Vitor Gomes abre o activo, no jogo que poderá ser o adeus à turma de Alvalade. Em baixo: Botelho, Artur, Inácio e o médio que (chorando) já sente saudades do convívio verde.



Antes, nas cabinhas: o ex-dirigente sportinguista José António Arsénio. Neves de Sousa (nosso camarada de Redacção), José Nunes (da Associação de Basquetebol de Lisboa), José Maria Pedroto, José Fialho (de «O Norte Desportivo»), o dr. Manuel de Magalhães e o eng.º Abílio Rodrigues (da Federação).

nho que vai desaguar (quase pestilento) entre areias da Cruz Quebrada.

Bem fizeram os que não estiveram pelos ajustes da viagem, Tirando a magnífica arbitragem do santareno Mário Luís e seus colegas (a procurar limpar a enorme nódoa deixada pelo anterior chefe do espectáculo) surripiando da peneira seis ou sete intérpretes mais cuidados (Vitor Gomes, Seninho, Ademir, Tai, Artur, Octávio e o esperançoso Brandão), dando de barato (mas registando-a muito agradavelmente) a correcção de todos

tegrado Keita que, certamente por imposição dos seus deuses, já andava a magiar no modo como se entender com os dignitários chineses que vão recepcionar a luzida caravana emigrada do extremo europeu, fardada a rigor como manda o respeito e a ordem.

QUE RAIO DE «TAÇA»

O terreno, muito escorregadio, também ajudava a encher o fole. E (inegável) a falta de unidades vitais perturbava a eventual beleza do «show», tornando-o sumamente arrastado, penosamente a caminho de

ração: baixou o preço dos bilhetes e bateu com a porta na cara da RTP que (por isto ou aquilo, segundo o ponto de vista dos mandatários no chuto) só na véspera, ao fechar da loja, se chegou às boas para a transmissão do joguinho.

Mas (a verdade é para ser dita) «aquele» jogo merecia abrupta ou solicitada entrada nas casas do espectador mais contemplativo e passivo?

BYE, BYE

Tocou à debandada ao mesmo tempo que Vasco Resende

(sportinguista ligado à Associação Democrática de Amizade Portugal-China) ia até à cabina arbitral convidar Mário Luís para a longa viagem até aos Orientais. A avaliar pela lista de convivas que zarparam da Portela daí a uma dúzia de horas, o santareno não teve qualquer problema no emprego, a mala estava prontinha para qualquer eventualidade e a família não tinha plano definido para os tempos mais próximos.

Ao lado do dedicado roupeiro Agostinho Carolas, de braço

dado com dirigentes da Associação Portugal-China e do Sporting, juntamente com elementos do corpo médico é os jogadores julgados imprescindíveis para a justificação do longo passeio, mais cotados amigos do presidente dos «leões», largou Mário Luís na luzida embaixada, por esses ares fora. Adeus, até ao vosso regresso.

Fotos de ANTÓNIO CAPELA



Brasileiro versus brasileiro: Manoel e Duda foram pedras quase nulas no espectáculo do Jamor



Keita, a «taça», Mário Luís e Octávio: os jogadores já tinham permutado as camisolas. Na extrema esquerda, três personagens das bancadas: o ministro Sottomayor Cardia, o presidente federativo dr. António Marques e o dr. Américo de Sá (presidente do F.C. Porto)

Arbitragem (excelente) do santareno Mário Luís, ajudado por José da Graça e José Lourenço.

SPORTING: Botelho, Artur, Laranjeira, Meneses e Inácio; Vitor Gomes (Cerdeira), Ademir e Ailton; Manoel, Manuel Fernandes e Keita.

PORTO: Fonseca, Gabriel, Teixeira, Simões e Teixeira; Octávio, Brandão, Duda e Tai; Seninho e Gomes.

GOLOS: Vitor Gomes (55 minutos), Manuel Fernandes (62) e Seninho (80).

Hoje

OS COMPANHEIROS FICARAM POR TERRA

Oeiras: embaixador na Europa do nosso hóquei patinado

Assembleia geral do Salgueiros, às 21, para eleições. Assembleia geral da Associação de Andebol de Lisboa, às 21 e 30, para discussão e aprovação do relatório e contas de 1977/78.

Hóquei em Patins — Campeonato Nacional de Juniores (fase final): Cascais-Sporting e FC do Porto-Valongo, às 21 e 30, nos rinhos dos primeiros. Torneio dos Não-Apurados VII divisões: Paço de Arcos-CUF, às 22; e Amadora-Salesiana, às 21, nos pavilhões dos primeiros.

Como seria de esperar, face aos desfechos registados nos cotejos da 1.ª «mão» das provas europeias em que estavam insertos, apenas a Associação Desportiva de Oeiras ultrapassou a barreira contrária e, de modo concludente, saltar para uma final. O Carvalhos (derrubado novamente pelos espa-

nhóis do Voltegrá: 4-6) e o Valongo (embora triunfante sobre o Barcelona: 5-3) ficaram pelo caminho. Somente os oeirenses não estiveram com meias convulsas: o 12-1 na disputa com os transalpinos do Follonica diz, sem margem para dúvidas, como ficou manifestada a superioridade da turma de Honório sobre os seus pares. Agora, a final da «Taça das Taças» está à porta: a 1 de Julho em Portugal, a 15 do próximo mês no rink de Voltegrá. Tarefa muito difícil para os rapazes da «Linha», especialmente porque são os primeiros recepcionistas: mas, tudo a esperar (de favorável) para o bloco de Salema, a defender o troféu que, logo ao nascimento, veio morar para o nosso país.

No embate sulista, alinharam as seguintes formações: Oeiras: Carlos Alves; José Rosado, Vítor Rosado, Salema, Carvalhos, Cristóvão, Zé Pereira e Zé Manuel.

Follonica: Anedda; Milorini, Bellati, Artini, Michello; Salvadori, Pietrini e Nernardich. Golos: Carvalhos (5), Cristóvão, Vítor Rosado e José Pereira (2 cada), Salema e Artini.

Jogo extremamente violento por banda dos italianos, com uma agressão pura de Salvadori a Vítor Rosado (obrigando o oeirense a sair em braços de colegas) não foi sempre castigada devidamente pelo juiz espanhol Barreiro Alvarez, que teve nos portugueses Carlos Pais e Manuel Soares bons acompanhantes no discernimento das leis de jogo.

O Follonica deixou o pior cariz possível: para combaterem

num rink de boxe, talvez estejam bem adestrados mas a jogar hóquei patinado estes italianos são do mais fraquinho que já desembarcou em Portugal.

No Norte, o Valongo venceu o Barcelona (5-3) mas não conseguiu vergar os números da eliminatória, num embate que redundou em quase batalha, com as forças da autoridade a terem de intervir para fazerem serenar os ânimos de um público excitado pela expulsão de Américo (pelo juiz suíço Del Pedro) e por alguns comentários da Rádio espanhola presente no recinto.

Limitamo-nos a mais um registo:

VALONGO: Queirós; Alves, Pires, Américo, Camões, Aguiar, Armando e Vítor Francisco.

BARCELONA: Trulloz; Villacorta, Villapuig, Sestelo e Torres.

Marcadores: Alves, Aguiar, Pires (3), Villacorta, Villapuig e Torres.

No rink de Carvalhos, triunfo dos espanhóis do Voltegrá (4-6), num magnífico «show» de hóquei, arbitrado a preceito pelo italiano Giovanni Frosteri (auxiliado por Fernando Pinto e Domingos Ferreira), com os jogadores a fazerem impecável exibição dos seus méritos, dentro do mais franco desportivismo.

Alinharam:

CARVALHOS: Santos; Ferraz, Abreu, Carvalhos, França, Vítor, Brandão e Fontes.

VOLTEGRÁ: Anglada; Ferrer, Ordeig, Nogué, Arboix, Zabala e Rovira.

GOLEADORES: Carvalhos (3), França, Nogué (2), Ardoix (2) e Ordeig (2).

MODALIDADES EM DESFILE

CICLISMO

Apurados vários campeões nacionais de ciclismo: Bernard Hinault (França), Pierino Gavazzi (Itália), Henk Lubberding (Itália) e Michel Pollentier (Bélgica).

Em Portugal, informação errada dada por populares a três corredores fugidos ao pelotão (Manuel Gomes, José Luis Pacheco e Joaquim Sousa Santos) provocou uma «bronca»: o triunvirato, imaginando que tinha completado a prova, apeou-se e marchou para o banho enquanto os colegas continuavam a pedalar até que o Povo de Vilar da Luz resolveu boicotar o percurso e anular toda a competição que (provavelmente) será oportunamente repetida.

REMO

As tripulações do Ferrovários e da CUF são campeãs lisboetas de remo, respectivamente em «yolles» de 4 e 8.

ATLETISMO

Belenenses (senhoras e homens) e Vitória de Setúbal (homens) qualificaram-se para a final do campeonato nacional de atletismo, 2.ª divisão.

O Vitória de Setúbal é campeão nacional da 3.ª divisão, em Atletismo.



Nora Araújo: fora de série cá por casa

A atleta Nora Araújo, do Benfica, estabeleceu novo recorde nacional e ibérico do pentatlo, com um total de 4015 pontos, no decorrer do «Pentatlo Nacional de Espanha» (disputado em Madrid) e no qual Nora Araújo participou a fim de tentar alcançar os mínimos para os campeonatos da Europa. A atleta portuguesa foi a vencedora da competição, conseguindo as seguintes marcas (com cronometragem manual) nas cinco provas do programa: 14,6 segundos nos 100 metros barreiras (no anterior recorde: 14,7 seg), 11,62 metros no salto em altura (1,68), 5,89 metros no salto em comprimento (5,79) e 2.24,9 minutos nos 800 metros (2.24,7). No 2.º lugar ficou a espanhola Maria Pujol (com 3.953 pontos, que constitui novo recorde de Espanha).

Nora Araújo ainda não conseguiu os «mínimos» para os campeonatos da Europa, que se disputam em Praga: 4000 pontos com cronometragem electrónica ou 4140 com cronometragem manual.

Integrada no programa das festas da cidade do Porto, efectuou-se a primeira «Légua do S. João», com a participação de 350 atletas, em representação de colectividades desportivas, Batalhão de Sapadores Bombeiros e marinheiros da tri-

pulação de um contra-torpedeiro norte-americano fundeado em Leixões.

Só 272 participantes terminaram a prova que se iniciou e terminou na Praça Humberto Delgado. A corrida foi ganha pelo atleta do Centro de Atletismo do Porto (CAP), Guilherme Alves, em 15 minutos e 53,5 segundos. Nos lugares seguintes classificaram-se Alfredo Barbosa, do Futebol Clube do Porto (16m 04,6 s) e João Campos, do Clube União de Paredes (16m 14,8s).

Por equipas a classificação foi a seguinte: FCP, 24 pontos; CAP, 34; Ardegaes F. Clube, 71 pontos.

BASQUETEBOL

Em Buenos Aires, o Real Madrid conquistou o título de campeão mundial de clubes em basquetebol, ao vencer a equipa argentina do Obras Sanitarias por 104-103. O Real Madrid conquistou o troféu pela 3.ª vez, igualando assim a proeza da equipa norte-americana Goodyear.

As equipas alinharam e marcaram:

REAL MADRID: Brabender (25), Walter (24), Corbalan (4), Rullan (15), Courghan (26), Prada (4) e Cabrera (6).

Desclassificados com cinco faltas pessoais: Corbalan e Rullan.

OBRAS SANITARIAS: Raffaeli (18), Gilson (15), Cadillac (25), Perazzo (22), Aguirre (12), Pellandini (4), Martin (2), Romano e Waisley (4).

Arbitraram, com muitos erros, António Espada e Manuel Reinoso.

XADREZ

José Pereira dos Santos foi o vencedor do primeiro «Torneio Nacional Aberto de Xadrez» (partidas rápidas) organizado pelo Inatel, com a colaboração da Federação. O torneio registou a presença de 69 xadrezistas e foi dirigido pelo «mestre» Joaquim Durão (coordenador nacional do Inatel) e por Gonçalo Leal e Manuel Serra.

A série final foi ganha por José Pereira dos Santos, com 9,5 pontos: a mesma pontuação de João Sequeira, que se classificou no 2.º lugar devido a ter pior coeficiente de desempate.

Nos lugares imediatos classificaram-se: 3.º Silva Pereira, 8,5 pontos; 4.º Joaquim Anibal, 8; 5.º António Pereira dos Santos, 7; 6.º Luís Santos, 5,5; 7.º João Assunção, 5; 8.º Fernando Cardoso, 4; 9.º Álvaro Fernandes, 3,5; 10.º Carlos Nascimento, 3; 11.º Fernando Rocha, 2; 12.º Alberto Silva, 0,5 pontos.

A equipa do Alekhine triunfou no «Torneio de Xadrez de Orense» (Espanha).

JUDO

A selecção de Lisboa conquistou a «Taça Olímpica» em judo, disputada nas instalações do Instituto Superior de Educação física. Participaram na competição as selecções das associações distritais de Lisboa, Setúbal, Santarém, Coimbra e Beja. Esta última esteve presente numa competição pela 1.ª vez.

Resultados: Coimbra-Beja, 5 vitórias, 2 empates e 2 derrotas; Lisboa-Santarém, 9 vitórias; Setúbal-Beja, 9 vitórias; Santarém-Coimbra, 5 vitórias e 4 derrotas; Lisboa-Beja, 9 vitórias; Setúbal-Coimbra, 5 vitórias, 1 empate e 3 derrotas; Santarém-Beja, 6 vitórias e 3 derrotas; Lisboa-Setúbal, 7 vitórias e 2 derrotas; Setúbal-Santarém, 4 vitórias, 2 empates e 3 derrotas; Lisboa-Coimbra, 8 vitórias e 1 empate. As equipas eram constituídas por dois juvenis (14-15 anos), 2 judocas femininas e 5 «esperanças» juniores e seniores (dos 16 anos em diante).

A classificação por equipas ficou assim estabelecida: 1.ª, Lisboa; 2.ª, Setúbal; 3.ª, Santarém; 4.ª, Coimbra e Beja. Hugo Assunção, do Judo Clube de Portugal (selecção de Lisboa) conquistou o troféu do atleta com maior número de vitórias.

BASQUETEBOL

Sporting: depois do título a Taça para Alvalade

Não terminou em beleza o embate basquetebolístico que conferiu, no Pavilhão de Embra (Marinha Grande), a «Taça de Portugal» ao Sporting. Após o embate com o Sangalhos, vencido pelos «leões» por 87-83, a dupla arbitral coimbrã (António Batista e Carlos Tomás) foi injuriada, agredida por energúmenos e, depois, criticada duramente por alguns jogadores e responsáveis sangalheses que lhe atribuíram boa parte de percentagem no desaire. Um fim de festa (realmente) pouco de acordo com o espectáculo que as duas formações tinham dado: com uma aplicação constante, fases de excelente basquetebol, domínio inicial do Sangalhos (ao intervalo triunfava por 48-41) e, seguidamente, a predominância da melhor preparação física sportinguista que fez pender a balança a seu favor, face a um contrário nitidamente incapaz de ripostar com velocidade seme-

lhante à turma de Mário Albuquerque.

As formações e marcadores: SPORTING: Nelson (6), Lisboa (8), Baganha (12), Rui Pinheiro (12), Mário Albuquerque (25), Leonel (10), Mike (14).

SANGALHOS: Araújo (2), Lobo (10), Bill (18), Nelson (8), Geremin (6), Rui, José Manuel (8), Santiago (31).

Confirmado que o Sporting (também triunfante na conquista do campeonato nacional) optaria pela intervenção na «Taça dos Campeões Europeus» e que o Sangalhos (como finalista da «Taça de Portugal») já estava qualificado para a «Taça das Taças», o duelo poderia ter-se cingido a um magnífico modelo de basquetebol: infelizmente, o aguerrido final roubou-lhe larga cota do bom jogo desenvolvido no rectângulo por jogadores como Mário Albuquerque, Santiago, Bill, Mike, Rui Pinheiro, Araújo, Nelson e Leonel.

Benfica vence no Canadá

O Benfica venceu, por 3-1, o Black Golden, equipa canadiana onde actua Bobby Charlton, no seu primeiro jogo da digressão ao Canadá.

Alinharam e marcaram: Bento (Fidalgo); Bastos Lopes (Pietra), Humberto, Eurico e Alberto; Toni (Alinhos), Alves (Celsa) e Sheu; Rui Lopes (José Luis), Shené (2 tentos) e Chalana (um gol).

SENINHO E OS DÓLARES

Seninho partiu ontem para os Estados Unidos, onde irá negociar a sua transferência para o Cosmos. O portista fazia-se acompanhar do «public-relations» do Cosmos e do presidente do seu actual clube, dr. Américo Sá, que se deslocou na qualidade de consultor e advogado do futebolista.

Seninho afirmou desconhecer o valor da proposta que o Cosmos tem para lhe apresentar e que das verbas mencionadas na Imprensa só os 8000 contos para

o F. C. do Porto correspondem à verdade, por ser o valor exigido pelo seu actual clube, com o qual tem contrato válido por mais três anos. Caso o jogador e o Cosmos cheguem a acordo, o contrato entre ambos terá a validade de três anos.

Seninho regressa a Portugal na próxima quarta-feira, para tratar dos últimos pormenores relativos ao seu casamento, marcado para o dia 1 de Julho, data em que comemora a passagem do 29.º aniversário.

MUDANÇAS

Vítor Gomes (que o Sporting não incluiu no passeio às estranhas) é pretendido pelo Braga e pelo Belenenses.

Os juniores sportinguistas Baptista, Romeu e Leiria devem ascender a seniores, sendo provável que o clube de Alvalade os dispense uma temporada para rodagem.

Bastos (o ex-sportinguista que esteve ao serviço do Saragoça, de Espanha) é pretendido pelo F. C. do Porto.

PARTICULAR

Nos Açores, Lusitânia e Portimonense empataram a um gol.

LEIXÕES COM HILÁRIO

Amanhã, pelas 22 horas, no pavilhão Siza Vieira, realiza-se uma importante assembleia geral do Leixões, em que serão debatidos os graves problemas financeiros do clube.

Com vista à próxima época, Hilário será o treinador que substituirá Artur Santos e, apesar de saírem do «plantel» Frasco (FC do Porto), José Manuel (Riopolet), Marcus, Josefá, Nagy e Canelas, regressarão Esteves (Desportivo da Aves), e Vaqueiro (Rio Ave) e entrarão N'Habola (Lourosa),

Moisés (Santa Cruz do Recife), Edvaldo e Carlos (Gil Vicente) e Duarte (Vila Real).

TORNEIOS DE SETÚBAL

O Desportivo da Cuf venceu o «Torneio Complementar de Juniores», organizado pela Associação de Setúbal. Por seu turno, o Beira-Mar (de Almada) é campeão da 2.ª divisão setubalense.

TORNEIOS LISBOETAS

O Camarate, ao vencer o Ponterrrolense por 1-0, na final, foi o vencedor do Campeonato de Lisboa da III Divisão.

Finais de provas da Associação de Futebol de Lisboa: Taça Silva Santos (Juvenis) —

NACIONAIS DE FUTEBOL

Vai prosseguindo o torneio para apuramento do campeão nacional da 2.ª Divisão. Jogo de sábado último: Famalicão, 1-Barreirense, 0. Os famalicenses já averbaram dois êxitos na competição.

Na «liguinha» de acesso, difícil vitória do Juventude de Évora sobre o Académico de Viseu: 3-2. Folgou o Aliados de Lordelo, com um êxito no activo (sobre os eborenses).

Para o nacional da 3.ª divisão: Salgueiros, 1-Oliveira do Bairro, 1 e Caldas, 0-Sacavenense, 4.

Tabela da zona Norte: Desportivo das Aves, 2 pontos; Oliveira do Bairro e Salgueiros, um. No Sul: Sacavenense e Seixal, 2 pontos; Caldas, zero.

A propósito de Sacavenense: no torneio da 3.ª divisão, não sofreu um só gol no seu terreno, proeza sem paralelo

Cacém-Atlético, 3-2; Taça Luís Alves (Iniciados) — Olivais Sul-Oriental, 0-3; Torneio de Veteranos: — Benfica-Oriental, 2-1.

O distrital da 1.ª Divisão teve a última jornada, mas já sem grande interesse competitivo pois o Estrela da Amadora era já campeão. O Estrela e o Unidos sobem à 3.ª Divisão Nacional, enquanto o 1.º Dezembro e o Palmense descem à 2.ª regional.

Resultados da última jornada: Mafra-Algés, 3-2; Amadora-Cacém, 1-0; Venda do Pinheiro-Palmense, 3-2; Alhandra-Santa Iria, 5-3; Ericeirense-Vilafranca, 2-1; Porto Salvo-1.º Dezembro, 2-1; Operário-Carregado, 4-1; Tires-Undos, 2-1.

nos vários campeonatos nacionais.

JUVENIS:

SPORTING «GOLEADO»

Em S. João da Madeira o «Cracks de Lamego» venceu o Varzim (2-1) após prolongamento, em jogo a contar para a meia-final do Campeonato Nacional de Juvenis. No outro desfecho da meia-final, o Sporting foi vencido com surpreendente expressão (5-0) pelo Vitória de Setúbal.

A final, para encontrar o campeão nacional, realiza-se no próximo domingo em campo a designar, entre o Vitória de Setúbal e o «Cracks de Lamego».

PORTO CAMPEÃO DE INICIADOS

No Estádio «Mário Duarte», em Aveiro, as equipas do F. C. do Porto e do Barreirense disputaram a final do Campeonato Nacional de Iniciados. Vitória clara dos «portistas», por 4-0.

TCTO BOLA a chave

Bohemians - Duisburg	X
Norrköping - Rapid Viena	1
Odense - Slavia Praga	2
Kaiserslautern-Innsbruck	1
Hertha Berlin - Vejle	1
Kalmar - Slavia Sofia	X
Braunschweig - St. Liège	2
Grasshopper - B 1903	2
Malmö - First Viena	1
Tel Aviv - Zurique	2
Wiener - Tatran Presov	2
Elfsborg-Lilleström	X
Vojvodina - Grazer AK	2

BRASIL-ITALIA

Continuação da pág. 15

mate: o chuto, difícil, foi à trave. Nesta primeira parte temos para nós que os brasileiros jogaram mais duro que os italianos. Houve cartões amarelos para Oscar, Nelinho, e outro, que não nos lembra. Na segunda parte, o Brasil fez um gol que o árbitro anulou (e bem: fora de jogo). Isto pelos 10 minutos. Aos 12, uma perda grande para o Brasil, impedimento forte da defesa italiana em relação a Mendonça que deveria e poderia marcar. O gol do empate lançou os brasileiros numa fase de melhor intensidade atacante.

Rivelino entrou perto dos 20 minutos. Aos 21, Dirceu falhou um pontapé forte e espontâneo perto da grande área. Pouco depois, o gol da vitória e o Brasil a aparecer mais fresco e lançado sobre os italianos entre desiludidos e confusos, batendo muito (em Rodrigues Neto, Amaral, Baptista, quase toda a gente). A entrada de Patrizio Sala não veio modificar as coisas. O árbitro não apitaria sem que um arpejo passasse por brasileiros e afectos: um livre, bola pelo ar, cabeça de Bettiga, na madeira, por um triz. Mesmo com o terceiro lugar, os brasileiros festejaram. E não pareceu que italianos tivessem ficado mais desiludidos do que a Holanda os deixara dias antes afastando-os da final. As duas desilusões trocaram camisolos, gesto bonito que na final ao outro dia Argentina e sobretudo Holanda não viriam a fazer.

O Grémio Literário, em Lisboa, vai fechar o ciclo de homenagem ao grande Alexandre Herculano com uma conferência de Aníbal Pinto de Castro, subordinada ao tema «Homogeneidade e diversidade estrutural do romance de Alexandre Herculano». Não esquecer que o acontecimento terá lugar hoje à noite, pelas 22 horas, na sede daquele Grémio.

Haverá colóquio e o leitor que se interessa por Herculano e a sua obra, também pode botar palavra, o que dará uma dinâmica diferente à homenagem.

Também na Fundação Calouste Gulbenkian prossegue hoje o ciclo de cinema sueco, com a apresentação dos filmes «Amor e Jornalismo», de 1919 e da autoria de Mauritz Stiller, e «O Prisioneiro do Forte Karlsten», de George of Klerker, igualmente do mesmo ano. Se pretende adquirir bilhetes tem de os comprar na bilheteira daquela Fundação a preço bastante módico: 10\$00.

É interessante seguir a evolução da cinematografia sueca, sobretudo quando nos dão referências como estes dois filmes classificados com alguma afeição no seu tempo. Não se infira pelo comentário que estamos a minimizar as obras de Stiller e George, visto que há quem afirme serem dois «clássicos» de excelente tessitura.

Roteiro Cultural

O Sport Algas e Dafundo não nos oferece só bons espetáculos desportivos. No âmbito do programa do 65.º aniversário da velha e prestigiosa colectividade, a direcção leva a efeito uma sessão de «jazz» no cinema Stadium, com a colaboração do Hot-Clube de Portugal.

Sabemos que são muitos os adeptos do «jazz» que sempre estão atentos a estes programas. Pois com a participação da orquestra «jazzista» Girassol, que actuará sob a batuta de mestre Eduardo Conceição Silva, poderão passar no Stadium um óptimo serão, já que tudo começará pelas 21 e 30. Bom convívio é o que lhes desejamos.

Se gosta de pintura poderá apreciar (numa perspectiva crítica ou não) a exposição de retratos que Sarah Afonso expõe na Galeria de Turismo da Costa do Sol (Estoril). Ao que parece e segundo os entendidos, vale a pena. De resto, Sarah Afonso, «na ingenuidade como sabedoria e na alegria como coisa séria», recomenda sempre uma certa atenção.

A Sociedade Portuguesa de Autores (e desculpem o programa por adiantado), promove na próxima quinta-feira, pelas 18 e 30, uma conferência do dramaturgo Luís Francisco Rebelo sobre a evolução do teatro de

revista em Portugal e, neste caso, abrangendo o período pós-25 de Abril. Tema interessante, que Luís Francisco Rebelo saberá, como é hábito, aprofundar e revelar.

Na sessão estarão presentes os actores Ivone Silva, José Viana, António Montez, Dina Maria e, entre outros, Ermelinda Duarte, Maria Tavares, Francisco Nicholson, Henrique Viana e Vasconcelos Viana, além da cantora Rosita Afonso, que ilustrarão com os seus excelentes recursos este serão dedicado ao teatro de revista. Também António Rebocho irá colaborar na direcção musical. A entrada, como sempre acontece na SPA, é mais que livre.

leitor nos acompanhe até à Gulbenkian e a Morandi.

A RTP de vez em quando cumpre. Por exemplo: hoje à noite e cerca das 21 e 45, apresentará a magnífica ópera de Verdi, «O Trovador». O telespectador que se interessar tem ainda tempo para uns «drinks» nos intervalos, visto que a obra de Verdi será apresentada em quatro actos. Os intérpretes são de alto gabarito e cores e orquestra «vem» da Ópera de Viena, dirigidos por esse «mágico» da música que é o maestro Herbert von Karajan.

Bento Caraca «estará» hoje, à noite, na aula magna da Rei-

tador e democrata: o dr. Vasco da Gama Fernandes.

Se vive no Porto e gosta de música não perca um acontecimento que tem lugar hoje no Museu Nacional Soares dos Reis. Trata-se da audição integral de «As 14 Anotações ou as Fronteiras de uma Opção», por Alvaro Salazar. Segue-se a «Suite VIII do In Memoriam de Bela Bartok», interpretada por Olga Prats.

No campo das artes plásticas, o acontecimento do dia é a inauguração da exposição de Sérgio Pombo na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes. A inauguração tem lugar às 18



Morandi na Gulbenkian: não perca

Não é só com prata da casa que se preenche um roteiro como o nosso. Assim, na Fundação Gulbenkian, está patente ao público uma exposição do artista italiano Giorgio Morandi. São 80 gravuras que abrangem um arco temporal longo e sedutor: de 1911 a 1956.

De notar que Giorgio é um alto expoente das artes plásticas italianas. Com isto não dizemos tudo, porque ficamos na esperança de que o

toria da Universidade de Lisboa, pela palavra de Piteira Santos, Blasco Hugo Fernandes, José Magalhães Godinho, Olívio França, Aboim Inglês e Remy Freire, que recordarão o que foi (é) na leitura da história da luta antifascista em Portugal, a figura de homem e de cientista de Bento de Jesus Caraca. A sessão, integrada como se sabe na homenagem nacional ao grande resistente e homem íntegro já falecido, será presidida por outro grande lu-

horas e a exposição estará patente ao público todos os dias.

Outro acontecimento interessante, este em Coimbra, é a inauguração da exposição «A utilização do cavalo em Portugal através da História», no edifício Chiado. Serão focados vários aspectos da utilização do cavalo, nomeadamente os que se referem à utilização do cavalo na agricultura, na guerra, nos transportes e no desporto.

Comunidade islâmica à procura de mesquita

A comunidade islâmica de Lisboa ficará, temporariamente, sem o seu local de oração devido à próxima partida de Lisboa do ex-embaxador do Egipto general El Shazly, suspenso das suas funções pelo Governo do Cairo após ter denunciado publicamente, a política de Sadat.

Até à construção do templo para o qual a Câmara já cedeu o terreno, o ex-embaxador ti-

nha cedido à comunidade uma parte da sua residência oficial a fim de funcionar como mesquita provisória. Com a sua partida, esta decisão ficou suspensa.

Entretanto, para aquela comunidade pôs-se para já o problema de conseguir um local de oração que comporte a presença de algumas centenas de pessoas.

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa** vende-se na PAPELARIA FARRACHA

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO AS 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado nas regiões de Norte e Centro e pouco nublado nas do Sul o vento era fraco de Noroeste e havia neblina em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO ..	18°
BRAGANÇA	13°
VILA REAL	16°
PORTO	16°
COIMBRA	17°
PORTALEGRE	14°
LISBOA	18°
ÉVORA	17°
SINES	18°
BEJA	17°
SAGRES	18°
FARO	21°
P. DELGADA	18°
FUNCHAL	20°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
7.22 3,7 m 0.43 1,0 m	
19.43 3,8 m 13.02 1,3 m	

Dia 27

8.20 3,5 m 1.44	
20.43 3,6 m 14.08 1,5 m	

Dia 28

9.24 3,4 m 2.52 1,4 m	
21.50 3,5 m 15.20 1,6 m	

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Nas regiões de Norte e Centro: céu muito nublado com algumas freixas e pouco frequentes; vento fraco ou moderado de Noroeste diminuindo gradualmente de nebulosidade a partir da manhã. Nas regiões do Sul: céu pouco nublado; vento fraco de Noroeste; neblinas matinais em vários locais do território.



NAScer AS 6.14
OCASO AS 21.06

DIA 27	DIA 5	DIA 13	DIA 20
--------	-------	--------	--------

rádio

1.º Programa

18.00 «Os 50 Anos da Censura em Portugal»; 18.35 Ao Vivo com os Moody Blues; 19.00 «Falar de História»; 19.20 Música Portuguesa; 20.00 «Jornal da Noite»; 20.30 Música Variada; 21.00 3.º episódio do folhetim «O Primo Basílio», de Eça de Queiroz, numa adaptação de Judite Navarro; 21.20 «Contraponto»; 24.00 «Último Jornal» — Campeonato Mundial de Futebol — «Cançonetistas»; 01.00 «Programa de Variedades», realizado no Teatro Municipal de S. Luís e organizado pela Radiodifusão Portuguesa. «Música na Noite».

2.º Programa

17.32 Sinfonia n.º 2 em ré maior, Op. 73, de Brahms; 18.20 «The Beets» Op. 35 (textos de Edgar Allan Poe e Música de Rachmaninov); 19.00 Animação Cultural, programa de José Atalaya; 19.30 Fantasia Polaca, Op. 19 de Paderewsky; 20.00 Pequeno Concerto: Te Deum, das «4 Peças Sacras», de Giuseppe Verdi; Poema Sinfónico «Assim Falou Zarathustra», de Richard Strauss; 21.00 «O Canto e os seus Intérpretes», por Maria Helena de Freitas; 22.00 Ciclo Enescu (4.º Programa); 23.00 «Intercâmbio Musical»: Festival de Flandres de 1977 — gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Belga.

3.º Programa-Nacional e Regional (290 m)

18.00 «Vertical»; 18.20 Prevenção e saúde, pelo dr. José Matilides; 18.40 «Mulher agora e aqui», pela Comissão da Condição Feminina; 19.05 Teatro trágico pelos Parodiantes de Lisboa; 19.40 «Disco...rendo...», por Mário Martins; 20.15 A lei em que vivemos, pelo dr. Ruy Moura Guedes; 21.30 «Quando o Telefone Toca»; 22.00 «Suplemento»; 22.05 «Quando o telefone toca»; 23.05 Hora Luterana; 24.00 «Suplemento» (continuação) Suplemento desportivo, por Jorge Schmitzer; 00.15 «Dia a dia com o passado»; 01.05 Tempo internacional; 02.00 Fecho.

3.º Programa-Local (187,5 m)

16.00 «Convite»; 18.00 «Compasso»; 18.15 «Sal e Pimenta» (repetição); 19.45 Ronda Desportiva; 20.40 Serviço de Agenda; 21.00 Fecho.

4.º Programa-Emissão Total em Estereofonia

16.00 «Gong»; 19.00 «Em Órbita»; 20.00 «Forum» Realização de Jorge Lopes; 21.30 «O Homem no Tempo» — Programa de antropologia por João de Sousa Monteiro e João David Nunes (repetição); 22.00 «Auditório»; música Jazz, por Paulo Gil e Rui Neves; 24.00 «Prisma» — Realização de Fernando Quinas; 02.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08 Apelos; 18.15 Igreja em Notícia-Palavra do Dia; 18.30 Transmissão do terço do Ext. do Parque; 19.00 Programa da Liga; 20.00 Objectivo; 20.53 Apelos; 21.05 Programa da Liga; 22.00 Quando o Telefone Toca; 22.30 Temas Vivos; 23.30 Estante Gira-tória; 23.55 Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12073

HORIZONTAIS:

1. Sacudiremos.
2. Sofreguidão. Designa.
3. Falda. Mitologia.
4. Minare. Gema. Preposição.
5. Grande. Povo da antiga Germânia.
6. Doutor. Em má hora.
7. Suspiros. Fruto da aiteira.
8. Ecoas. Mudança de nome.
9. Movei o remos. Prefixo que designa afastamento.
10. Cidade do Irão. Entre ou pene-tre em.
11. Cures. Simples.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

VERTICAIS:

1. Notáveis. Alteza Sereníssima.
2. Na Idade Média, indivíduo que divertia os príncipes com palhaçadas e ditos chocarros. Curso de água natural e abundante. Bário (s.q.).
3. Gosta muito de. Curar.
4. Neon (s.q.). Pedra de altar. Secura.
5. Dera mios. Espaço de trinta dias. Fronteira. Cálcio (s.q.).
6. Adubarias (terras).
7. Manuscrito. Abaxei. Preposição.
9. Primeiradas três palavras que formam uma freguesia do concelho de Anadia. Artigo definido. Distar.
10. Serviço Nacional. Faz doação de. Bosque
11. Pernadas de sobreiro. Percebes.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8133

HORIZONTAIS:

1. Apelido. Guarnece com bancos ou banca.
2. Rio da Rússia. Transpiras.
3. Raer. Atasca.
4. Carta de jogar. Guarnecer de asas.
5. Apelido. Patrão.
6. Dois mil em romano. Pêlos de certos animais.
7. Glóbulo. Dança popular portuguesa.
8. Duas consoantes desiguais. Em partes iguais. Coragem.
9. Batraquio. Preposição e artigo definido. Abertura no vestuário, onde se pregam as mangas.
10. Alcool de melado. Pes de animais.
11. Cidade da Argélia. Descascara.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

VERTICAIS:

1. Mouca. Carapaça.
2. Superfície plana delimitada. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Arteria (inv.).
3. Vila e concelho do distrito de Viseu. Cãnhamo de Manila.
4. O mais Usurário.
5. Artigo definido.
6. Campeão. Livres de perigo.
7. Despida. Derrota (pop.). Nome de letra.
8. Procura. Senhor. Óxido de cálcio.
9. Freguesia do concelho de Guimarães. Respeita.
10. Choupo. Vila e concelho do distrito de Aveiro.
11. Curo. Carvão incandescente.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12072

HORIZONTAIS:

1. Sacar. AT. Má.
2. Oraras. Op.
3. VIVA. Raiva.
4. Ada. Amomar.
5. Moramos. Tia.
6. Ava. Amos.
7. Va. Iris.
8. Elas. Psi.
9. Noites. QUEM.
10. Cr. Al. Asira.
11. Crepe. Ras.

VERTICAIS:

1. Sovam. VENCE.
2. Arido. Alor.
3. Cavara. Ai.
4. Ara. Avistar.
5. Ra. Amar. Ele.
6. Mo. los.
7. Rosas. Ae.
8. Toar. Qs.
9. Pinto. Puir.
10. Vais. Sera.
11. Apará. Limas.

Provérbo: VIVA QUEM VENCE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8132

HORIZONTAIS:

1. Sam. Orobó.
2. Sogra. Ara.
3. Ia. Tal. Ai.
4. Cleopatra.
5. Adir. Sãos.
6. Er. Nuas.
7. Cias. At. Em.
8. Rasoira.
9. Es. Loá. Arrel.
10. Sadias.
11. Parassemos.

VERTICAIS:

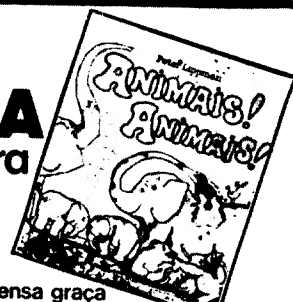
1. Bica. Crés.
2. Aldeias.
3. As. Eiras. Sa.
4. Motor. Solar.
5. Gap. Ioda.
6. Orlas. Arais.
7. Rá. Tanta. As.
8. Arou. Rase.
9. Ba. Asa. Ar.
10. Ora. Sé. Rio.
11. Alro. Moéis.

CINEMAS

Lisboa TURNO 13 Até às 22 horas AEROPORTO — Av. Alm. Gago Coutinho, 101-D. Tel. 722384. ALBANO — R. Escola Politécnica, 59. Tel. 326750. ALEGRIA — Estr. de Benfica, 180-A-B. Tel. 780511. ANUNCIADA — Rua do Vigário, 74. Tel. 806380. ANTUNES ROSAS — Praça Cidade do Luso, Lote 199. Tel. 313810. CÂNDIDO MONTEIRO — Av. Almirante Reis, 121. Tel. 45751. CARTAXO — Av. da Igreja, 21-C. Tel. 897958. CASTRO FONSECA — Rua 4 de Infantaria, 28-A. Tel. 688857. DALTON — Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A. Tel. 843571. FERNANDES — R. de S. José, 187. Tel. 326476. FIGUEIRAS — Av. Marquês de Tomar, 20-22. Tel. 44995. FONTOURA CARVALHO — Rua Santos-o-Velho, 12. Tel. 662075. GRILHO — R. do Grilo, 25. Tel. 385264. HIGIENICA — Rua Heliodoro Salgado, 20-A. Tel. 844361. IBERIA — R. Barão Sabrosa, 235-A. Tel. 728277. LISBOA — R. Claudio Nunes, 73-A. Tel. 703393. LISBOENSE — R. Leão de Oliveira, 2-B. Tel. 637020. MIRANDA — Campo Pequeno, 36-B-C. Tel. 770776. MOURA — Trav. da Memória, 55. Tel. 630944. NOVA IORQUE — Av. E. U. da América, 140-B. Tel. 760658. PATULEIA HERD — Alameda Linhas de Torres, 262-B. Tel. 790332. PENINSULAR — Campo Mártires da Pátria, 117. Tel. 553308. RUALTO, LDA — Rua Alto do Carvalhal, 5-A-B. Tel. 651721. S. JOÃO DE DEUS — Rua Pedro Ivo, 1-A-B. Tel. 725140. TEIXEIRA LOPES — Rua Aurea, 154. Tel. 34816. UNIVERSAL — Rua Actor Taborda, 5-7. Tel. 44158. Permanente ALEGRIA — Estr. de Benfica, 180-A-B. Tel. 780511. CARTAXO — Av. da Igreja, 21-C. Tel. 897958. CASTRO FONSECA — Rua 4 de Infantaria, 28-A. Tel. 688857. DALTON — Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A. Tel. 843571. FIGUEIRAS — Av. Marquês de Tomar, 20-22. Tel. 44995. FERNANDES — Rua de S. José, 187. Tel. 326476. FONTOURA CARVALHO — Rua Santos-o-Velho, 12. Tel. 662075. S. JOÃO DE DEUS — Rua Pedro Ivo, 1-A-B. Tel. 725140. PATULEIA HERD — Alameda Linhas de Torres, 262-B. Tel. 790332. NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço. Outra Banda ALMADA — Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão, 21-A. Tel. 2750076. COVA DA PIEDADE — Garcia Reis — Rua Dr. Alberto de Araújo, 19-A. LARANJEIRO — Feijó — Rua Borges Rego, 7. Tel. 2490911. COSTA DA CAPARICA — Higienica — Av. da República, 23. Tel. 2400020. SEMI-BRÁ — Leão — Av. da Liberdade, 13. Tel. 2233471. BARREIRO — Central — Av. Alfredo da Silva, 48. Tel. 2073207. SEIXAL — Soromenho — Rua Paiva Coelho, 38. Tel. 2218560. MONTEJO — Higienica — Rua José Joaquim Marques, 142. Tel. 2310370. MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga, Tel. 239025. ALHOS VEDROS — Guadiana — Rua Cândido dos Reis, 30. Tel. 204020. ALCOCHETE — Largo Coronel Ramos da Costa, 10. Tel. 234137.	Linha de Cascais ALGES — Miraflores — Rua António Granjo, 2. Tel. 213953. ALCABIDECHÉ — Carvalho — Até às 21 horas. POR-TO SALVO — Ferreira Bastos — Até às 21 horas. CARCAVELOS — Central — Até às 24 e das 0 às 9 horas. VILAR — Até às 22 horas. S. DOMINGOS DE RANA — Godinho da Silveira — Av. Sabóia, 29-B. Tel. 260085. Até às 21 horas. PAÇO DE ARCOS — Pargana — Av. Eng. Bonneville Franco, Telef. Até às 24 e das 0 às 9 horas. OEIRAS — Oeiras — Largo Henrique Paiva Couceiro, Tel. 2430485. Até às 22 horas. NOVA Oeiras — Leal — Até às 21 horas. PAREDE — Brandão — Av. da República, 77-C. Tel. 2471054. Até às 24 e das 0 às 9 horas. PARADE — Junqueiro Mendes — Até às 21 horas. AMOREIRA — Amoreira — Telef. 262313-267314. até às 22 horas. ESTORIL — Marques dos Santos — Rua Ferreira J. A., 15. Tel. 260116. Até às 24 e das 0 às 9 horas. CASCAIS — Misericórdia — Rua Regimento 19, 41. Tel. 280141. até às 21 horas. Cascais — Rua Conde Monte Real (B. Calças). Tel. 282407. Até às 24 e das 0 às 9 horas. Linha de Sintra AMADORA — Girassol — Rua Elias Garcia, 17-C. Tel. 974161. Permanente. Helénica — Rua Elias Garcia, 2. Tel. 933613. Até às 22 horas. DAMIA — Confiança — Estr. Militar, Lote D. Tel. 9710231. QUELUZ — Queluz — Av. Miguel Bombarda, 123-A. Tel. 951841. CAMARATE — Nova — Rua Cidade Lisboa, 94. Tel. 2519726. CACÉM — Central — Rua Elias Garcia, 55. Tel. 2940034. MEM MARTINS — Quimica — Estr. de Mem Martins, 285. Tel. 2910012. Até às 24 horas. AGUALVA-CACÉM — Mira Sintra — P. N-Torre, 310. Até às 20.30 horas. MERCES — Claro Russo — Permanente. RIO DE MOURO — Riomouro — Av. Oscar Monteiro Torres, 8. Tel. 2960194. Até às 23 horas. SINTRA — Gomes da Silva — Portela. Permanente. COLARES — Abrejo — Tel. 299088. Porto (De dia e só até às 22 horas) MARTINO, SUCR — Praça Marquês de Pombal, 122. Tel. 480747. POMBEIRO — Campo dos Mártires da Pátria, 152. Tel. 311295. PRELADA — Rua Central de Francos, 316. Tel. 64312. S. ROQUE DA LAMEIRA — Rua de S. Roque da Lameira, 1111. Tel. 51734. SÁ DA BANDEIRA — Rua Sá da Bandeira, 236. Tel. 22164. FERRERA DA SILVA — Rua dos Mártires da Liberdade, 150. Tel. 24023. S. LAZARO — Av. Rodrigues de Freitas, 297. Tel. 27043. MELO TAVEIRA — Rua Alcaide Faria, 77. Tel. 27043. (De dia e toda a noite) AMEAL — Rua do Ameal, 1227. Tel. 483550. CAMPO ALEGRE — Rua do Campo Alegre, 723. Tel. 62245. PENINSULAR — Rua Chã, 100. Tel. 20707. Coimbra (Das 9 horas às 9 do dia seguinte) SILVA SOARES — R. Mouzinho de Albuquerque, 26-28. Tel. 71454. SITILIA — Largo da Sé Velha, 13-14. Tel. 23234.	abCINE 803055 Centro Comercial de Alvalade As 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30 CADÁVERES INCOMÓDOS Não acons. men. 13 anos Sala B — Não acons. men. 13 anos As 15. 17. 19. 21.30 e 23.30 ANNIE HALL Com Woddy Allen ALVALADE 897480 Av. de Roma 15.15, 18.15 e 21.15h Amor! Aventural! Musical! Emoção! A VINGANÇA DUM FILHO Com Feroz Khan, Parveen Baby, Prem Chopra, Fanda Jalal Colorido Não acons. men. 13 anos APOLLO 763319 Av. Júlio Dinis, 10-A 4ª semana As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 A obra prima do cinema alegre! HÁ FESTA NA ALDEIA um filme de Jacques Tati Para todos Hoje às 23.30 m. 18 anos O GRANDE CONQUISTADOR AVIS 547163 Av. Duque D'Ávila, 45 As 15.30, 18.30 e 21.30 h Não acons. men. 18 anos ENCRUZILHADA PARA UMA FREIRA O drama de uma mulher duramente ultrajada! Com Rosanna Schiaffino e John Richardson BERNA 776098 Av. Marquês de Tomar As 15.00, 18.00 e 21.15 3ª semana David Arkin, Barbara Baxkley, Ned Beatty, Karen Black em NASHVILLE Um filme de Robert Altman Int. a men. 13 anos CALEIDOSCÓPIO 795093 Campo Grande Sessões às 14.00, 17.30 e 21.00h DOCTOR JIVAGO Omar Sharif, Geraldine Chaplin, Julie Christie um filme de David Lean Technicolor Não acons. men. 13 anos CASTIL 580194 Rua Castilho 2ª semana 15.30, 18.30 e 21.30h Int. men. 18 anos Marcello Mastroianni, Françoise Fabian Marthe Keller em VERTIGENS De Mauro Bolognini	CINEBOLSO 573407 Rua Actor Taborda, 27-B As 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 O retrato dramático de uma mulher banida pela sociedade Int. men. 18 anos A RAINHA DA RUA As 24 horas — Grupo D.M. 18 anos TESTEMUNHA INCONSCIENTE c. Susan Scott CINE CITY Rua Tomas Ribeiro, 34 As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 Int. men. 13 anos O GOSTO DA AVENTURA Michel Piccoli, Sylvia Kristel e Gerard Depardieu Hoje às 23.45 — N. acons. men. 18 anos — CINENCONTRO — LOLITA de Stanley Kubrick CONDES 322523 Av. da Liberdade, 2 As 14. 16.30, 19 e 21.30h ADEUS AMIGO com Bronson-Delon Int. men. 13 anos DOIS MIL 2100055 Av. Bombeiros Voluntários Lote 113 — Alges 15.30, 18 e 21.30h HERÓIS POR CONTA PRÓPRIA com Clint Eastwood Não acons. men. 13 anos D. JOÃO V 971794 Praça Centro Comercial — Damaia As 21.15 — Não acons. men. 13 anos LIÇÃO DE AMOR Indiano EDEN 320768 P. dos Restauradores, 21 As 14. 16.30, 19 e 21.30h Kan Kuo-Liang, Maggie Li em AS SERPENTES DO MAL Interdito a menores de 18 anos ESTUDIO 555135/5 Al. Afonso Henriques, 35 As 15.30, 18.30 e 21.30 horas M. 13 anos 15.º Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa «América, anos 70» PRIMEIRA PÁGINA de Billy Wilder (filme após início da sessão) Todos os dias um filme diferente ESTUDIO 444 779095 Av. Defensores de Chaves, 83 As 15.30, 18.30 e 21.30 7.ª e última semana Realizado por Artur Semedo com Mário Viegas e Zita Duarte O REI DAS BERLENGAS Um filme político, apocalíptico Int. men. 13 anos EUROPA 661016 R. Almeida — Sousa, 35 As 15.15 e 21.30 ASSALTO AO FORTE Maiores de 10 anos Com Lex Barker IMPÉRIO 555134/5 Al. Afonso Henriques, 35 As 15.15, 18.30 e 21.30 horas Maiores de 13 anos 15.º Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa «América, anos 70» M.A.S.H. de Robert Altman (filme após início da sessão) Todos os dias um filme diferente	LONDRES 801313 Av. de Roma, 7-A As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h Não acons. men. 18 anos JULIA 6ª semana Com Jane Fonda MONUMENTAL 555131 P. Duque de Saldanha As 15, 18.15 e 21.30h Int. men. 13 anos O pânico e o terror de um inferno de fogo! ... E O HORIZONTE FICOU EM CHAMAS com Ernest Borgnine, Vera Miles, Patty Duke Astin MUNDIAL 538743 R. Martens Ferrão, 12-A 15, 18.15 e 21 h CLEOPATRA em 70 m/m Elizabeth Taylor, Richard Burton, Rex Harrison Não acons. m. 18 anos O filme começa a projectar-se logo após o início das sessões NIMAS 574362 Av. 5 de Outubro, 42-B As 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 TRÊS MULHERES De Robert Altman Int. men. 13 anos NOVOCINE 840678 Av. General Roçadas, 7 Hoje e amanhã 15.15 e 21.15 horas Um excepcional filme indiano! AMOR É VIDA com: Amitabh Bachchan, Neetu Singh e Shashi Kapoor Não acons. men. de 13 anos ODEON 326283/4 R. Condes, 12 e 20 As 15.15, 18.15 e 21.15 h Não acons. men. 13 anos DUAS ALMAS — DOIS DESTINOS Com Ramesh Khanna Amitabh Bachchan e Rekha (filme e projectado no início da sessão) OLYMPIA 325309 Rua Condes, 11 e 23 Sessões continuas a partir das 14.00 horas HERANÇA ERÓTICA Cont. cen. event. chocantes Int. a men. 18 anos PATHE 821933 R. Francisco Sanches, 122 As 14. 16.30, 19 e 21.30 h Sadhana, Sanjay, Balraj Sahni em O FILHO DO PECADO um filme de Devendra Goel Eastmancolor Não acons. m. 13 anos POLITEAMA 326305 R. Portas de St.º Antão em 8ª semana As 14.15, 16.30, 19 e 21.30 DOCES PENETRAÇÕES Int. men. 18 anos Este filme contém cenas eventualmente chocantes QUARTETO 771378 R. Flores do Lima, 16 SALA 1 — As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 N. ac. m. 18 anos BONNIE E CLYDE SALA 2 — As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h Int. men. 18 anos A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO SALA 3 — As 15.17, 19, 21 e 23 h OH, SERAFINA! N. ac. men. 18 anos SALA 4 — As 15.17, 19, 21 e 23 h N. acons. men. 13 anos OS AMANTES DO ANO 1 Realiz. J. Balík	RESTELO 810375 Av. Torre de Delém As 21.30 h — Int. men. 13 anos — Em 4ª semana — Alain Delon e Annie Girardot em AJUSTE DE CONTAS ROMA 887778 Av. de Roma, Lote JRB As 15.30, 18.30 e 21.00h RAIVA NOS OLHOS Não acons. m. 13 anos O pânico e o terror de um inferno de fogo! com Yul Brynner, Barbara Bouchet ROXY 548560 Av. Almirante Reis, 20 As 14.15, 15.30, 18.45 e 21.30 A OUTRA FACE DE ROMA com Marcel Bozzuffi Não acons. men. 13 anos SÃO JORGE 579144 - 579344 Av. da Liberdade, 175 As 15.15, 18.15 e 21.30 2ª semana Spencer Tracy e Mickey Rooney O MUNDO MALUCO A Comédia louca de Stanley Kramer Grupo B — 10 anos SATÉLITE 562632 Av. Fontes Pereira de Melo, 61 15, 17, 19 e 21.30 Não acons. men. 13 anos SORRISOS DE UMA NOITE DE VERÃO com Ulla Jacobsson e Harriet Andersson N. B. — Projecto do filme cinco minutos após o início do espectáculo STAR 804210 Av. Guerra Junqueiro, 14-C As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 Int. men. 13 anos Uma comédia deliciosa O GOSTO PELA AVENTURA Michel Piccoli, Sylvia Kristel e Gerard Depardieu TERMINAL (CINE-ESTUDIO) 371573 Estação do Rossio As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h NÃO HÁ DOIS SEM TRÊS 9ª semana Richard Dreyfuss Não acons. men. 13 anos TIVOLI 570595 Av. da Liberdade, 188 As 15.15, 18.30 e 21.30 h Alberto Sordi, Sara Franchetti, Evelyn Stewart em O MÉDICO DA CAIXA um filme de Luigi Zampa Scope Technicolor VOX 880808 Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879 As 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h SCORCHY Com Connie Stevens Não acons. men. 18 anos
--	---	--	--	---	---

PLATANO EDITORA
o prazer da leitura

ANIMAIS! ANIMAIS!
Uma lição de zoologia
conduzida com imaginação e imensa graça



PLANETS

AMANHÃ COMEÇA TUDO NOVA-MENTE...

CRIANÇAS, PROFESSORES, BARULHO, CONFUSÃO...

E O PIOR DE TUDO...

...É QUE FOI O ÚLTIMO DIA EM QUE PUDE DORMIR ATÉ TARDE!

AGÊNCIA DAS DA SILVA - LISBOA

9-1

2013



RENAASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 105-1
TELEFONES 66431/2/3
REDAÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS
TECHNICO: RUA LUIZ SOBRINHO, 44
TELEFONES 321154/5 328771/2/3
328228, 372/371/2
SERVIÇO DE NOTAS (DEPOIS DAS 21h)
PORTUGAL 321154, PUBLICIDADE 368746
MENSAGENS GRAVADAS 328228
ENCOMENDAS TELEGRÁFICAS DINHO, TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Teletipista da ANOP agredido pela Polícia

A hora de saída do nosso jornal deve estar a ser julgada, em processo sumário, no Tribunal de Polícia, o teletipista João Maló, detido na noite de sábado para domingo, no arrabal de Santa Catarina.

Segundo informações prestadas por amigos de João Maló que o acompanhavam nessa noite, ele não cometeu qualquer «crime» que justificasse a atitude assumida pela Polícia. João Maló, limitou-se a pedir um cigarro a um grupo de pessoas que não conhecia, tendo obtido como resposta uma frase um tanto provocatória: «Tenho mas são meus». Conversa puxa conversa e o jovem João Maló não gostou da maneira insultuosa como um dos indivíduos do grupo o tratou «Estes drogados!». E daí nasceu uma discussão. O indivíduo que mais tarde se identificou como sendo agente da PSP decidiu agredir o teletipista da ANOP que acabou por ser conduzido à esquadra das Mercês onde voltou a ser espancado por outros policiais.

Enfim! Uma prática que se está a tornar hábito da Polícia.

Santos Pais na ONU

Os problemas do acesso dos emigrantes à justiça, as regalias dos presos e a abolição da pena de morte foram os temas de maior relevância abordados na 11.ª Conferência dos Ministros da Justiça dos Países da Europa, revelou à sua chegada a Lisboa o titular português daquela pasta, Santos Pais.

No que respeita especificamente à pena de morte, Santos Pais afirmou que a intervenção da delegação portuguesa nesta matéria foi particularmente aplaudida pelos participantes, porquanto se trata de um país que aboliu a pena máxima há 111 anos.

FÉRIAS 1978



COSTA VERDE

ESTADIAS DE 1 SEMANA
Desde 1.925 escudos, por pessoa, são as condições especiais que o

HOTEL DO PARQUE VIANA DO CASTELO

oferece para as suas férias deste ano.

Peça-nos programa detalhado e faça a sua reserva através dos telefones 24151/5 ou no seu agente de viagens.

ESTA NOITE NO TEATRO ABERTO

Intelectuais portugueses promovem "Noite de Solidariedade com o Brasil"

Os artistas Carlos do Carmo, Sérgio Godinho, Rogério Paulo, Francisco Fanhais, José Jorge Letria, são alguns dos numerosos artistas que participam esta noite, no Teatro Aberto, na «Noite de Solidariedade pela Amnistia, Liberdade e Democracia no Brasil».

Esta «Noite de Solidariedade» foi convocada por mais de 60 artistas e intelectuais portugueses, e é ainda apoiada por diversas individualidades. Entre estas contam-se José Gomes Ferreira, Joaquim Barradas de Carvalho, Oscar Lopes, Joaquim Letria, Luís Sttau Monteiro, Fernando Tordo, Casimiro Brito, Teresa Cadete, Miguel Urbano Rodrigues, Baptista Bastos, Maria Dulce, Fernanda Lapa, António Anjos, Lena Morgado, Luís Francisco Rebelo, Luís Cília,

Fernando Lopes-Graça, Francisco Nicholson e Mário Castrim.

Ao apelar para a participação de todos os democratas e anti-fascistas portugueses na «Noite de Solidariedade», os seus patrocinadores sublinham o avanço do movimento de oposição à ditadura brasileira, «num ritmo que já não é possível deter». Ressaltam ainda a necessidade de uma opinião pública internacional apoiar essa luta exigindo a amnistia geral e sem restrições, a revogação de toda a legislação ditatorial, a liberdade para o funcionamento dos partidos políticos, sindicatos, organizações de massa e meios de Comunicação Social.

A sessão solidifica-se com a juventude brasileira, «que enfrenta uma difícil situação» e deseja relacionar-se com a juventude de todo o mundo, partici-

pando no XI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, que se realizará em Havana Cuba, no decorrer do próximo mês.

Refira-se ainda que para além dos artistas já mencionados participarão na «Noite de Solidariedade pela Amnistia, Liberdade e Democracia no Brasil», artistas uruguaios, moçambicanos e de S. Tomé e Príncipe e, também, o grupo teatral «Zumbi».

30 INDIVIDUALIDADES BRASILEIRAS ASSINAM APELO «À JUVENTUDE»

Entretanto, a Secção de Apoio ao Comité Nacional Preparatório Brasileiro do XI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes divulgou um apelo «à juventude», já assinado por 30 das

mais importantes individualidades brasileiras no exílio, no qual se afirma que «a mobilização crescente de vários sectores políticos e sociais, apoiados no sentimento democrático da opinião pública, testemunha o processo de isolamento, tanto interno como externo, da ditadura militar brasileira e testemunha, também, a crise que se reflete em todas as esferas da vida nacional».

Por outro lado, o apelo afirma que a mobilização da juventude e o fortalecimento do vasto e multiforme movimento juvenil brasileiro constituem uma tarefa na qual todas as correntes democráticas se devem empenhar para fazer avançar a luta contra a ditadura.

O documento assinala ainda que «o fim das ditaduras em Portugal, Espanha e Grécia, a conquista da independência de Moçambique, Angola e Guiné-Bissau, assim como o exemplo de Cuba, país latino-americano onde a juventude e a infância gozam dos mais amplos direitos à vida, à saúde, à cultura, etc., são alguns dados da situação internacional que se repercutem favoravelmente no Brasil».

CAP convoca manifestação com desfile de máquinas agrícolas

Na sequência da sua política de contestação aos responsáveis do Ministério da Agricultura e Pescas a CAP decidiu, numa reunião de delegados que teve lugar em Rio Maior, convocar para o dia 9 de Julho um plenário nacional de agricultores, seguido de uma manifestação de protesto

com desfile de máquinas agrícolas.

A manifestação, segundo os seus organizadores, tem as mesmas características das iniciativas semelhantes que se realizam na Europa democrática. Pretende a CAP, com esta atitude, pressionar o Governo no sentido de este intervir na zona da Reforma Agrária con-

tra os trabalhadores e prosseguir com a política de António Barreto.

Também na Guarda decorreu um plenário de agricultores, promovido pela CAP, no qual foram aprovadas algumas reivindicações, nomeadamente a publicação imediata de um seguro de colheitas, a institucionalização de um sistema de crédito agrícola com taxas de juro bonificado e prazos de amortização mais alargados, a manutenção da suspensão da Lei das Florestas, a garantia de uma justa política de preços «de modo a que os agricultores tenham uma remuneração igual ao salário mínimo nacional». Reclamam, ainda, a reestruturação e planificação da produção e comercialização da batata, a revisão dos preços da carne e do leite, de acordo com a subida do preço das rações.

Durante o plenário, dirigido por José Manuel Casqueiro, foi aprovada uma moção na qual se manifesta «incondicional apoio à posição firme e digna assumida, recentemente, pelo secretário Arlindo de Azevedo, do MAP».

Perspectivas da obra de Lopes-Graça pela "Oficina Musical" do Porto

Numa organização da Oficina Musical, núcleo da Escola de Música do Porto para estudo e divulgação da música do século XX, prossegue hoje e amanhã o ciclo dedicado ao tema «Perspectivas da obra de Fernando Lopes-Graça».

As sessões previstas, a realizar no Museu Soares dos Reis, pelas 21.30 horas, compreendem um programa variado de audições, tocando diversos aspectos da música daquele compositor.

Assim, esta noite, Alvaro Salazar comentará a audição integral das «14 A notações», numa gravação do Quareiro de Cordas do Porto. Ao subtítulo da sua palestra «As fronteiras de uma opção», Alvaro Salazar deverá equacionar algumas das questões que explicam a aproximação da linguagem do compositor de um universo atonal, tendência que se afirmou a partir dos anos 60, designadamente nesta obra, considerada um dos pontos culminantes da nossa música.

Na segunda parte da sessão, Olga Prats interpretará a Suite

n.º 8 da série «In memoriam Bela Bartok», onde Lopes-Graça aborda um dos géneros em que é mais fecunda a sua actividade criadora: a literatura pianística.

O ciclo encerra-se amanhã com um concerto em que participam diversos elementos da Oficina Musical. Serão executadas as seguintes obras: 4 peças do «Album do jovem pianista», por Helena Vasques de Carvalho; «O menino da sua mãe», por Olinda Gonçalves (canto) e Célia Vouga (piano); «Velho Fandango» (n.º 2) e Prelúdio (n.º 10) por Ana Maria Valente (piano); Duas Canções de Teixeira de Pascoas, e «Viva la Montaña» (da «Guirlanda para Federico Garcia Lorca»), por Palmira Troufa (canto) e Miguel Henriques (piano); «Paris 1937», para dois lianos, por Jorge Martins e Miguel Henriques. Na segunda parte, o Grupo de Música Vocal Contemporânea, dirigido por Mário Mateus, interpretará excertos da «Segunda Cantata do Natal», para coro «a cappella».

"África": nova revista de arte e cultura

«África» é o nome de uma nova revista de «Literatura, Arte e Cultura» que, dirigida pelo escritor Manuel Ferreira, será simultaneamente lançada em Portugal e nos países africanos de língua portuguesa, no próximo dia 29.

Essencialmente virada para Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, a revista, segundo disse à ANOP Manuel Ferreira, terá ainda em conta os demais países africanos e todas as áreas onde existe forma de cultura afro-negra, como por exemplo os Estados Unidos, as Caraíbas e o Brasil.

«Este projecto — diz Manuel Ferreira — vem preencher uma grande lacuna e porque não tem quaisquer fins lucrativos ou outros de natureza comercial, representa do ponto de vista nacional uma oportunidade de democrática e patriótica de objectivar os princípios consignados na nossa Constituição e que apontam ao estabelecimento de uma prática que extinga de vez as sequelas da colonização».

LUTA DOS PROFESSORES

Zona Centro não adere à paralisação do dia 28

Uma certa desorientação caracteriza os dias que antecedem o dia 28 — paralisação nacional dos professores — em que se verifica a hesitação por parte de dirigentes e professores.

A direcção do Sindicato dos Professores da Zona Centro, reunida em Coimbra, considerou que não há neste momento condições técnicas para que possa ser levada a bom termo a greve prevista para o próximo dia 28.

No entanto, através de comunicado, condena a política do MEC e exige a abertura imediata de negociações, lembrando a «necessidade dos professores se manterem unidos e mobilizados». Em princípio, portanto, a direcção do Centro não adere à paralisação do dia 28.

Entretanto, tem lugar esta

noite no pavilhão do Académico do Porto uma assembleia geral extraordinária dos Professores da Zona Norte para «análise da situação decorrente do processo da greve iniciada em 19 de Junho e suas implicações na luta dos professores», segundo o texto da convocatória. O segundo ponto da ordem dos trabalhos será a ratificação da deliberação da assembleia geral do passado dia 13 quanto à greve a desencadear no dia 28 «em moldes perspectivados de acordo com a actual situação».

Quanto ao Sindicato da Área da Grande Lisboa, aguarda-se a saída de um comunicado antes do dia 28, estando já marcada uma assembleia de delegados para a noite do dia 28 no Sindicato dos Trabalhadores na Imprensa para o balanço do dia de paralisação.

Começaram a sair notas do Propedêutico

Começaram hoje a ser afixadas as notas da primeira chamada do Ano Propedêutico. Assim, ao longo de todo o dia, deverão ser expostas em todos os estabelecimentos de ensino as notas de Latim, Matemática, Grego, Alemão, Português e Português Nuclear.

Está satisfeita umas das principais reivindicações dos estudantes do Ano Propedêutico, que levaram a efeito entre os dias 18 e 24 deste mês um «Se-

mana de Luta», tendo em vista o «acesso à Universidade» e o «direito ao ensino».

Entretanto, foi adiado para amanhã o Encontro Nacional dos Estudantes do Ano Propedêutico, que se realizará nas instalações da Associação Académica de Coimbra. O adiamento está relacionado com a publicação das notas e ainda com contactos entre as diversas estruturas distritais que representam aqueles estudantes.

Homenagem a Jorge de Sena

O Teatro de Animação de Setúbal e a Câmara Municipal de Setúbal promovem, de 7 a 16 de Julho, novos claustrados do Convento de Jesus, o 3.º Festival de Teatro de Setúbal que será dedicado à memória de Jorge de Sena, sendo em todos os espectáculos lidos textos da sua actuação.

Estarão presentes todas as companhias que integram a

ATADT (Associação Técnica e Artística da Descentralização Teatral), ou seja, a Seiva Trupe, TEP, TAS, CCE, Centelha (Viseu), TEAR de Viana do Castelo, TEUC de Coimbra, o Grupo Anima e a Comuna.

(Hoje 20 páginas)